



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
CAMPUS AVANÇADO BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

EDUARDO LOURENÇO FIGUEIREDO

SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS
PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI

Maceió – AL
Novembro/2021

EDUARDO LOURENÇO FIGUEIREDO

**SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS
PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Avançado Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles

Área de Concentração: Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Maceió – AL

Novembro/2021



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

F475s

Figueiredo, Eduardo Lourenço.

Saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares no ensino de agroecologia do Ifal – Campus Murici / Eduardo Lourenço Figueiredo. – 2021.

187f. : il.

1 CD-ROM: il.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles.

Dissertação de Mestrado - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica)
Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2021.

1. Ensino. 2. Formação Omnilateral. 3. Relevância Social. 5. I. Título.

CDD: 370

Fernanda Isis Correia da Silva
Bibliotecária - CRB-4/1796

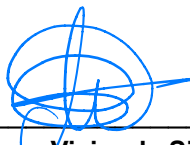
EDUARDO LOURENÇO FIGUEIREDO

**SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS
PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Avançado Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 03 de dezembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles
ProfEPT/IFAL (Presidente e Orientador)



Prof. Dr. Ivanderson Pereira da Silva
Universidade Federal de Alagoas/UFAL (Membro Externo)



Prof. Dr. Fábio Francisco de Almeida Castilho
ProfEPT/IFAL (Membro Interno)

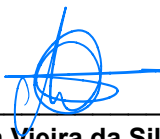
EDUARDO LOURENÇO FIGUEIREDO

EBOOK

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Avançado Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 03 de dezembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles
ProfEPT/IFAL (Presidente e Orientador)



Prof. Dr. Ivanderson Pereira da Silva
Universidade Federal de Alagoas/UFAL (Membro Externo)



Prof. Dr. Fábio Francisco de Almeida Castilho
ProfEPT/IFAL (Membro Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de todos os dons que os seres humanos possuem, o privilégio de estar vivo e as oportunidades que a vida tem me apresentado.

Agradeço aos meus familiares por todo o apoio que têm me dado no decorrer dessa jornada. Em especial, agradeço ao meu tio Heleno, minha mãe Lilia, minha avó Lia, meus irmãos Luiz e Letícia e ao meu filho do coração Leonam Gabriel.

Agradeço aos colegas de curso por todos os bons momentos que me proporcionaram durante essa jornada e, de forma especial, agradeço ao Valmir pelas muitas caronas depois das aulas e pelas boas conversas durante essas caronas. Agradeço também ao Daniel por toda a ajuda e amizade.

Agradeço aos professores Fábio e Ivanderson por todas as observações feitas e contribuições dadas ao meu trabalho.

Agradeço ao meu orientador, professor Nelson, por todo o compromisso, dedicação, apoio e orientações dadas.

Agradeço ao professor Ricardo por tudo o que com ele aprendi desde o tempo do ensino fundamental até hoje.

Agradeço às mulheres camponesas de União dos Palmares por todas as boas experiências que tive enquanto realizava essa pesquisa e pelo privilégio de conhecer um pouco mais da sua realidade e das suas lutas.

Agradeço, por fim, ao meu psicólogo: Victor e à minha psiquiatra: Betânia por todo o suporte emocional que foi dado durante essa pesquisa.

RESUMO

As instituições formais de ensino devem ser compreendidas como lugares de efetivação e reconhecimento das lutas coletivas de caráter emancipatório, bem como de construção de uma formação omnilateral que, para além de uma postura tecnicista diante dos conhecimentos, possibilite ao aluno pensar questões de relevância social. Nesse sentido, entendemos que o diálogo da escola com movimentos sociais pode ser de grande utilidade na constituição desse tipo de formação. Levando essas informações em consideração, a presente pesquisa se propõe a contribuir para a promoção de uma formação omnilateral para os estudantes do segundo ano do ensino médio integrado ao técnico do curso de agroecologia do IFAL – Campus Murici através da inserção de saberes e vivências de mulheres camponesas no ambiente formal de ensino. Para tanto, pretende-se dar visibilidade aos conhecimentos e narrativas de um grupo de mulheres do campo, de União dos Palmares – AL, com o intuito de, aprofundando as discussões que se fazem a partir dos saberes e lutas dessas mulheres, contribuir para o desenvolvimento da formação integral dos sujeitos. O estudo é qualitativo, do tipo pesquisa-ação e a intervenção se dará a partir da produção, apresentação e entrega de um ebook que apresente os saberes e vivências das Mulheres Camponesas de União dos Palmares – AL e que servirá como recurso didático para aulas de disciplinas diversas do curso de Agroecologia do IFAL, Campus Murici.

Palavras-chave: Alunos, Ensino, Formação Omnilateral, Relevância social.

ABSTRACT

Formal educational institutions should be understood as places of realization and recognition of collective struggles of an emancipatory character, as well as the construction of an omnilateral education that, in addition to a technicist attitude towards knowledge, enables students to think about issues of social relevance. In this sense, we understand that the school's dialogue with social movements can be very useful in constituting this type of training. Taking this information into account, this research aims to contribute to the promotion of omnilateral training for students in the second year of secondary education integrated to the technician of the agroecology course at IFAL – Campus Murici through the insertion of knowledge and experiences of women peasant women in the formal teaching environment. Therefore, it is intended to give visibility to the knowledge and narratives of a group of rural women, from União dos Palmares – AL, in order to contribute to the development of the integral formation of the subjects. The study is qualitative, action-research type and the intervention will take place from the production, presentation and delivery of an ebook that presents the knowledge and experiences of Peasant Women from União dos Palmares – AL and which will serve as a didactic resource for classes in several disciplines from the Agroecology course at IFAL, Campus Murici.

Keywords: Students, Teaching, Omnilateral Training, Social relevance.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade.....	58
Gráfico 2 – Gênero.....	58
Gráfico 3 – Utilidade do ebook para um maior conhecimento sobre o MMC de união dos Palmares.....	59
Gráfico 4 – Contribuição do ebook para uma maior valorização do conhecimento local.....	61
Gráfico 5 – Contribuição do ebook para a formação profissional.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

IFAL – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

MMC – Movimento de Mulheres Camponesas

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1 A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO COM O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	16
1.1 A importância do diálogo entre educação formal e educação informal.....	16
1.1.1 Educação e campesinato.....	17
1.1.2 Breves apontamentos sobre a luta em defesa de uma formação omnilateral no Brasil	19
1.1.3 Formação Omnilateral.....	23
1.1.4 A luta das mulheres do campo.....	24
1.1.5 Contribuições do diálogo com o Movimento de Mulheres Camponesas para a Educação Profissional.....	26
1.1.6 Superação de uma educação bancária e formação omnilateral.....	31
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	33
2.1 Pesquisa diagnóstica e análise de dados.....	34
2.2 Produto educacional.....	35
2.3 Aplicação do Produto Educacional e Divulgação dos Resultados.....	35
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
3.1 Avaliação do Produto Educacional.....	57
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICE A.....	71
APÊNDICE B.....	132
APÊNDICE C.....	135
APÊNDICE D.....	137
APÊNDICE E.....	141
APÊNDICE F.....	144
APÊNDICE G.....	148
APÊNDICE H.....	151
APÊNDICE I.....	156
APÊNDICE J.....	159
APÊNDICE K.....	162
APÊNDICE L.....	165
APÊNDICE M.....	168
ANEXO A.....	171
ANEXO B.....	175
ANEXO C.....	179
ANEXO D.....	183

INTRODUÇÃO

No atual momento histórico, sobretudo nos ambientes formais de ensino, temos superado a ideia de que o conhecimento possui um caráter absoluto. Reconhecemos o caráter dinâmico que o mesmo possui e o papel que as vivências dos indivíduos, seus propósitos e percepções desempenham em sua construção. O objeto é sempre conhecido desde determinados horizontes de sentido que possuem suas próprias delimitações e estão marcados pelos interesses, inclusive de cunho político, que as pessoas construtoras do conhecimento possuem (VATTIMO, 2009). Esse reconhecimento tem como implicação, então, por parte das instituições formais de ensino, o compromisso com uma formação integral para o aluno. Nesse sentido, é superada a educação bancária (FREIRE, 1987). O processo de ensino-aprendizagem deve conduzir o aluno à compreensão da multiplicidade de elementos presentes na construção do conhecimento.

Uma formação omnilateral, porém, não estando restrita à formação profissional do sujeito (MOURA, 2013), mas envolvendo sua humanidade de forma integral, deve possibilitar também a capacidade de avaliar a realidade social na qual está inserido. Por isso, discussões sobre gênero, sexualidade, desigualdade social, problemas ambientais, devem continuar sendo desenvolvidas nas instituições formais de ensino. Isso implica no fato de que parcerias entre a escola e movimentos como o Movimento de Mulheres Camponesas precisam ser constituídas e preservadas, sobretudo devido ao conjunto de questões que, presentes na atuação político-social de tais grupos, devem ser pensadas na realidade escolar.

Entendendo as instituições educacionais enquanto lugares de construção e reconhecimento de lutas emancipatórias, a presente pesquisa se propõe a apresentar, no contexto do IFAL (Campus Murici), os saberes e vivências das mulheres camponesas da cidade de União dos Palmares, em Alagoas, buscando estabelecer o diálogo entre esses saberes e vivências tradicionais e o conhecimento formal produzido no IFAL. Dentre os motivos que nos conduziram à escolha por trabalhar com esse grupo de mulheres, destacam-se: o histórico de lutas em defesa de transformações sociais que integram a trajetória da cidade de União dos Palmares e que se expressam de forma mais contundente na realidade dos Quilombos, em seus conflitos e embates visando acabar com o processo de escravização estabelecida por longo período em nosso país; o fato de que um

número considerável de estudantes do IFAL (Campus Murici) é desse município; a realidade do processo de dupla discriminação vivenciado pelas mulheres camponesas, sendo as mesmas discriminadas tanto por serem gente do campo como por serem mulheres; o interesse demonstrado pelas próprias mulheres em ter um material didático que apresentasse suas vivências e saberes.

Desse modo, o presente trabalho teve como seu objetivo geral dar visibilidade e reconhecimento, no contexto do IFAL (Campus Murici), aos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares. Assim, foi elaborado um Produto Técnico-Tecnológico na forma de ebook para aprofundar no ambiente do IFAL, Campus Murici, discussões acerca dos saberes e vivências dessas mulheres. Os mesmos, sendo saberes populares, devem ser entendidos como conhecimentos que possuem sua fundamentação na experiência ou em crenças, são elaborados por um pequeno grupo e são transmitidos de geração em geração (XAVIER; FLOR, 2015). Além disso, são apresentadas suas vivências que, a partir de uma análise fenomenológica, podem ser entendidas como sendo sempre vivências de algo, vivências que se dirigem a alguma coisa, miram a alguma coisa e são consciência de alguma coisa. Isto é, revelam sempre a intencionalidade dos sujeitos que as experienciam (FERNANDES, 2010). Elas incluem as experiências vivenciadas pelas mulheres no âmbito pessoal, profissional e até religioso.

Esses saberes e vivências ocupam um lugar central no texto produzido, uma vez que são o objeto de análise que torna possível um maior conhecimento sobre o contexto campesino das mulheres entrevistadas e servem como ponto de partida para o estabelecimento do diálogo entre os saberes formais, produzidos no ambiente acadêmico, e saberes produzidos no âmbito da não formalidade. Portanto, os mesmos aparecem no texto como seu elemento indispensável, visto que são a base a partir da qual se constrói o presente trabalho e se configuram como material essencial para a manutenção do vínculo entre saberes formais e não formais.

Os objetivos específicos do presente trabalho, por sua vez, foram os seguintes: valorizar o conhecimento tradicional na formação dos alunos, pesquisar a relação entre saberes e subjetividades e promover a discussão sobre os processos de construção do conhecimento.

Já no que se refere a sua metodologia, o trabalho esteve pautado numa abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação. Esse método de pesquisa, de acordo com Tripp (2005), é um tipo de investigação-ação que se utiliza de técnicas de

pesquisa para efetivar melhoras dirigidas tanto à prática rotineira quanto à pesquisa científica. Assim, inicialmente, foram efetivadas entrevistas com um grupo de mulheres camponesas, na busca por colher material suficiente para a produção de um ebook apresentando suas vivências e saberes; após a produção do ebook, o mesmo foi aplicado numa turma do segundo ano de Agroecologia do IFAL – Campus Murici; em seguida, foi aplicado um questionário que foi respondido por vinte e dois alunos dessa mesma turma. Os estudantes avaliaram, dentre outras coisas, a contribuição do ebook para a valorização do conhecimento local e sua contribuição para a sua formação profissional.

No que diz respeito ao produto educacional, o mesmo traz como contribuição para a realidade dos alunos do curso de agroecologia do IFAL o fato de permitir, em primeiro lugar, a superação de uma formação puramente tecnicista, ao trazer para dentro da realidade dos estudantes do curso as questões sociais apresentadas pelas mulheres do MMC. Mas também contribui, de forma mais específica, com o curso de agroecologia na medida em que apresenta, dentro do curso, a realidade de pessoas que já lidam com a agroecologia no contexto da educação não formal, fomentando também o aprendizado sobre a realidade do uso efetivo da agroecologia nos ambientes de trabalho nos quais as mulheres do MMC se encontram.

Por sua vez, tratando-se da linha de pesquisa escolhida: Organização e memórias de espaços pedagógicos na educação profissional e tecnológica (EPT), o presente trabalho contribui para o fortalecimento da mesma fazendo-nos repensar a organização do espaço pedagógico na educação profissional e tecnológica a partir do diálogo entre saberes formais e não formais. Contribui ainda levando para o ambiente da EPT a discussão sobre os saberes, vivências e memórias das mulheres camponesas e enriquecendo o ambiente formal de ensino com a discussão apresentada a partir dessa realidade, da educação não formal, vivenciada pelas mulheres do campo.

É necessário frisar que as pesquisas sobre movimentos sociais rurais no Brasil, todavia, somente chegaram a um número expressivo a partir de 2003. Um dos fatores que contribuíram para que isso acontecesse foi a presença na presidência da República, a partir desse período, de Luiz Inácio Lula da Silva, um presidente mais comprometido que os anteriores com os movimentos sociais (MIRANDA; FIUZA, 2017). Poucas universidades, no entanto, têm mantido constância com relação às pesquisas sobre esses movimentos (MIRANDA; FIUZA,

2017). Sendo assim, o presente trabalho contribui também com a temática da luta do campo que, a despeito de sua importância, aparenta ser um objeto de pesquisa ainda pouco presente em parte considerável dos Institutos Federais de nosso país.

1 A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO COM O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

1.1 A importância do diálogo entre educação formal e educação informal

A contemporaneidade é marcada pela consciência, por parte considerável daqueles que estão envolvidos com processos educativos, de que já não é viável pautar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do aluno numa educação bancária (FREIRE, 1987). O diálogo entre saberes formais e informais, por sua vez, mostra-se como um elemento bastante útil para a construção de uma relação entre a escola e o aluno, e entre a escola e a sociedade, que valorize saberes construídos fora do ambiente escolar. Esse diálogo auxilia o educando também em sua compreensão de que ele, enquanto sujeito envolvido no processo de ensino-aprendizagem, não está destinado à passividade. Antes, é alguém que traz consigo saberes construídos em sua relação com a sua comunidade e com os diversos grupos e entidades sociais nela presentes que devem ser reconhecidos pelos ambientes formais de ensino. Tais fatos elucidam para nós a importância de se discutir e elaborar projetos que tenham como interesse contribuir para o estabelecimento e fortalecimento do diálogo entre saberes formais e informais.

No que concerne ao presente trabalho, dado que o fortalecimento desse diálogo entre saberes formais e informais seja um de seus objetivos, nos amparamos em Severo (2018) no reconhecimento de que a educação não está restrita àquilo que se efetiva dentro da escola nem pode ser entendida como equivalente à escolarização. A mesma deve ser entendida como um processo de caráter global que está estreitamente vinculado à inserção dos sujeitos na cultura por meio dos mais diversos dispositivos e agentes. Por sua vez, Gohn (2006) é uma teórica na qual nos baseamos em nosso esforço por definir o que é a educação formal. De acordo com tal pensadora, a educação formal caracteriza-se por ter um escopo de conteúdos pré-estabelecido, ocorrer em determinados espaços regulamentados e ter a autorização para certificar os aprendizes que nela se fazem presentes de acordo com o grau ou curso realizado e as diretrizes estabelecidas no país.

A educação informal, por outro lado, é marcada pela total ausência de uma estrutura, organização e sistematização ou por uma presença enfraquecida desses

mesmos elementos (ALVES; PASSOS; ARRUDA, 2010). Além disso, ela caracteriza-se também pela incorporação de saberes tradicionais e advindos do senso comum.

Sabendo-se a educação formal compromissada com a emancipação humana e tendo como um de seus objetivos o compromisso com os grupos minoritários (ESTEVÃO, 2011), nas diversas lutas que esses grupos vivenciam, precisa tanto dialogar com os processos de educação informal como com os processos de educação não-formal que se desenvolvem nesses mesmos grupos.

A presente pesquisa, compreende também como já ultrapassada a compreensão do conhecimento como algo dado de forma pronta e acabada e a separação quase absoluta que por muito tempo afirmava-se existir entre o sujeito conhecedor e o objeto conhecido. Por isso, reconhece que a superação de uma educação bancária somente pode se efetivar a partir da valorização de todo o processo de construção dos saberes e não somente do produto final surgido a partir de tal processo. Nesse sentido, no que concerne aos saberes, os analisa desde sua relação com as subjetividades que os constroem, com suas lutas, interesses, vivências e contextos histórico-culturais nos quais estão inseridas.

Assim, buscamos efetivar um trabalho que dê visibilidade, dentro do ambiente formal de ensino, para saberes produzidos por um grupo de mulheres camponesas de União dos Palmares – AL.

1.1.1 Educação e campesinato

O projeto de educação do Campo, de acordo com Camacho (2014), se relaciona diretamente com experiências alternativas de educação que determinados movimentos do campo, de forma especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, desenvolveram em seus acampamentos e assentamentos. Essas experiências acabam sendo sistematizadas em encontros, de caráter regional e nacional, e seminários que se efetivam a partir da década de 1990 (CAMACHO, 2014).

Nesse sentido, é dado inegável o fato de que a Educação do Campo, em suas origens, é marcada pelo reconhecimento da conflitividade que marca a realidade social de nosso país. Tal conflitividade, antes mesmo de receber qualquer análise teórica, é vivenciada pelo próprio camponês, enquanto sujeito que, no Brasil, sempre esteve submetido à marginalização. Faoro (2012) vê essa realidade

conflituosa e a falta de interesse pelas classes menos favorecidas como consequência do modo de governar de uma elite que sempre esteve voltada para seus próprios objetivos. O que se tem é o mandonismo se sobrepondo ao poder político, uma vez que temos uma elite que segue mandando e impondo a sua vontade sem submeter-se a qualquer direito que seja colocado como superior. Lourenço (2001), por sua vez, indica que, já no século XVIII, a chamada Ilustração Brasileira falava sobre uma reforma racional, tecnologia moderna e a criação de uma Doutrina Agroeconômica. Tudo isso, obviamente, tinha como interesse acabar com o modo de produção típico do campesinato. Julgava-se, inclusive, que tal modo de produção significava um atraso humilhante para o país (SCHMIDT, 2018). Por isso, seria um equívoco pensar que o desmonte do modo de vida e produção campesino efetivou-se apenas a partir da Revolução Verde, na década de 1960. É importante ressaltar que tal revolução fez parte do chamado “milagre econômico” do período da ditadura militar. O mesmo, embora tenha significado a multiplicação do PIB em nosso país, significou também o acirramento das desigualdades sociais de uma nação que estava repartida entre regiões muitíssimo avançadas e regiões muitíssimo atrasadas onde se faziam presentes a fome, a miséria absoluta, a baixa expectativa de vida e a alta taxa de mortalidade infantil (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

Além de enfrentar a marginalização à qual sempre esteve submetido, o camponês precisa ainda lidar com os autoritarismos, tanto daqueles que tinham/têm a intenção de acabar com o seu modo de vida quanto daqueles que, ainda que defendendo seu modo de vida e produção, jamais estiveram dispostos a reconhecer seu protagonismo. Schmidt (2018) afirma a presença dessa postura autoritária mesmo em professores que atuam no contexto da Educação do Campo.

É importante, portanto, a compreensão de que a Educação do Campo é uma das muitas formas de Educação Popular e, por isso mesmo, assume um caráter emancipatório, reconhecendo a importância das vivências e saberes dos camponeses, suas lutas e auxiliando-os na construção de seu protagonismo histórico. Por causa desse mesmo caráter emancipatório, esse tipo de educação, consequentemente, não pode nem submeter-se a posturas educativas autoritárias nem à razão neoliberal¹ nas muitas tentativas que esse tipo de racionalidade executa

¹ A racionalidade neoliberal afirma o livre mercado como sendo o garantidor da liberdade individual de empreender e defende que o Estado deve somente garantir a preservação da ordem institucional necessária para o exercício de tal liberdade (ANDRADE, 2019). Nesse sentido, coloca-se

no interesse de submeter o campesinato aos propósitos do capital. Como afirmam Fernandes e Tarlau (2017), o paradigma da Educação do Campo não pode vincular-se à visão empresarial capitalista.

Desse modo, cabe o reconhecimento dos camponeses enquanto classe social que se liga a tantos outros grupos na resistência, buscando preservar seu modo de vida e produção, a despeito de todas as tentativas da razão neoliberal de inseri-los na lógica do capital, na luta pela superação do modo de produção capitalista e na construção de um novo modelo de sociedade.

Marques (2008), que também entende o campesinato como uma classe social, fala de sua importância, enquanto conceito-chave, para entender os processos sociais e políticos que envolvem nossa realidade de extrema desigualdade social e a posição política central que é ocupada em nosso país pelo latifúndio.

Nesse sentido, é inegável a importância que a Educação do Campo possui tanto para uma correta compreensão da realidade brasileira quanto para a construção de uma nova realidade social que possibilite ao homem do campo a valorização de seus saberes e a preservação de seu modo de vida.

1.1.2 Breves apontamentos sobre a luta em defesa de uma formação omnilateral no Brasil

É possível, a partir de uma análise da história da educação no Brasil, visualizar o conflito de classes nela presente e as concepções de educação que, servindo a uma ou outra classe, dão fundamentação a determinados projetos de sociedade. De um lado, visualiza-se uma elite interessada na manutenção de seus privilégios e na defesa de um modelo pedagógico que preserve a divisão entre trabalho intelectual e trabalho braçal; de outro, vê-se a luta constante de indivíduos e grupos comprometidos com uma educação que possa superar essa divisão e auxiliar-nos na construção de um outro modelo de sociedade em que seja garantida aos sujeitos da educação uma formação efetivamente integral.

O conflito que se delineou na história da educação nacional, então, foi sobretudo o conflito entre um modelo educacional a serviço do capital e um modelo

como ideologicamente comprometida com o individualismo e como negadora das lutas coletivas de caráter emancipatório.

educacional a serviço do trabalhador e a própria dualidade defendida pelo primeiro modelo educacional citado, entre trabalho intelectual e trabalho braçal, nada mais é do que o reflexo da dualidade perpetrada em nossa sociedade pelo sistema socioeconômico no qual estamos inseridos (RAMOS, 2008). Assim, entre avanços e retrocessos, os embates entre os grupos de educadores, com suas respectivas concepções de educação, se dão basicamente entre aqueles que defendem uma formação mínima para o trabalhador que, impedindo-o de realizar todas as suas potencialidades, mantenha os privilégios da classe dominante e aqueles que defendem uma formação omnilateral e de caráter emancipatório.

Desse modo, em 29 de outubro de 1948, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional entra para a pauta do Congresso Nacional. Todavia, tendo sofrido vários retornos à Comissão de Educação e Cultura da câmara, o texto base acaba por ser substituído por um projeto de Carlos Lacerda, apresentado em 1958. O mesmo trazia no novo texto os interesses das instituições particulares de ensino (RAMOS, 2014) e o atendimento aos interesses de tais instituições acaba por afastar o país do compromisso exclusivo com uma educação pública de qualidade e, consequentemente, com uma formação omnilateral.

Passado esse período de embates, a lei 4.024 de 1961 trouxe certa contribuição para tornar equivalentes o ensino médio de nível técnico e o ensino médio propedêutico. A mesma fez com que o primeiro passasse a valer também como etapa para o alcance do nível superior de alguns cursos, tais como: engenharia, química, arquitetura, matemática, física e desenho (NETO, 2020). Dessa forma, ainda que de modo bastante limitado, é vislumbrado um maior compromisso com a valorização da educação profissional. Isso, no entanto, ainda está longe de significar a efetivação de uma formação realmente integral.

A década de 1960, por sua vez, sendo marcada por um cenário em que imperava uma concepção desenvolvimentista, é um momento em que as políticas educacionais são delineadas tendo como objetivo produzir as condições para o país enfrentar a competição econômica e tecnológica da modernidade (RAMOS, 2014). Trata-se, portanto, do alinhamento das políticas educacionais com os ditames do capital.

A luta em favor de uma educação comprometida com a causa dos trabalhadores, todavia, é acentuada nos anos 1980 e se expressa de forma mais contundente na elaboração de concepções que se fazem presentes na construção

da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) concluída em 1996. Já nesse período se coloca a questão da efetivação de uma educação unitária e omnilateral. A despeito disso, o êxito do que havia sido proposto naquele momento histórico não foi total e debates em torno da proposta da LDB então elaborada se fazem presentes mais de 10 anos depois de sua elaboração. Tais debates evidenciam de forma clara a não efetivação de muito daquilo que se apresentava no documento original (RAMOS, 2008).

Ainda na década de 1990, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, é baixado o Decreto nº 2.208/97. O mesmo, mostrando-se claramente contrário a qualquer projeto educacional realmente comprometido com a classe trabalhadora, retoma a dualidade entre uma formação intelectual e uma formação braçal e põe de novo a educação nacional numa situação de submissão diante dos interesses do capital (PINTO, 2010).

O Decreto nº 5.154/2004, por sua vez, vai na direção de um rompimento com a dualidade construída historicamente na educação de nosso país. Postula a possibilidade de integração do currículo profissional ao ensino médio e assume a perspectiva da qualificação do trabalhador a partir de uma formação geral baseada nas ciências e nas humanidades (PINTO, 2010).

A reforma do Ensino Médio proporcionada pela lei 13.415/2017, entretanto, afasta-se do ideal de uma formação omnilateral, tendo como objetivo garantir aos jovens da classe trabalhadora uma formação que, dada a forma como o currículo é flexibilizado, a partir da não obrigatoriedade de uma série de disciplinas indispensáveis para uma formação realmente integral, apresenta-se como bastante precarizada. Ela propõe uma separação entre uma parte da formação que seja comum a todos os alunos, constituída a partir de um mínimo de mil e duzentas horas (no caso das escolas de tempo integral), e uma parte diversificada que se constitui por meio de itinerários formativos pensados a partir das áreas do conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias, Ciências Naturais e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Educação Profissional. O aluno deve optar por um dos itinerários formativos e essa opção se dá, obviamente, dentro dos limites daquilo que é ofertado pela escola. Em seu oitavo parágrafo, a lei torna visível essa precarização ao afirmar que, ao final do ensino médio, o que o aluno deve dominar são os princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção e o conhecimento das formas contemporâneas de linguagem (BRASIL, 2017), não

demonstrando nenhuma preocupação sobre a relação do aluno com os saberes presentes em outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, os estudos de química, física, biologia, filosofia, história, geografia, artes, sociologia e educação física poderão se fazer ausentes do currículo do Ensino Médio ou ter sua carga horária drasticamente reduzida (HERNANDES, 2019). Como obrigatórias, permanecem apenas as disciplinas de português, matemática e língua inglesa. Desse modo, podemos falar de uma retirada de direitos, uma vez que os estudantes podem ser privados do conhecimento proporcionado por disciplinas que antes eram ofertadas de forma obrigatória. Assim, Oliveira (2020) defende que a reforma associa-se ao atendimento de objetivos empresariais, buscando adequar a escola pública a uma lógica privatista e de defesa de um mercado educacional.

O discurso governamental, por outro lado, afirma que, a partir da efetivação da reforma, os jovens das classes menos favorecidas terão para si uma escola que os tornará habilitados para ingressarem no mercado de trabalho e, assim, alcançarem a tão desejada mobilidade social. Diferente do que afirmam os reformistas, todavia, a imposição da escolha de um dos itinerários formativos, com o esvaziamento da base curricular comum, mostra o interesse das elites em direcionar as classes menos favorecidas a escassos saberes profissionais ou à aprendizagem de saberes básicos da matemática e da língua portuguesa, proporcionando para os jovens dessas classes sociais uma inserção debilitada no mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2020).

A despeito dos embates e dos visíveis avanços e retrocessos que se dão no âmbito da legalidade, a questão da integração curricular não pode ser reduzida a esse âmbito. Fazer tal redução equivale a não entender a relevância do trabalho dos professores e das relações que se estabelecem na escola. Por isso, a luta que se efetiva no campo legal deve ser sempre acompanhada pela consolidação de um trabalho docente que se pautar por uma concepção de educação integral que tenha como objetivo a superação da dicotomia que coloca, de um lado, uma formação de cunho exclusivamente teórico e, de outro, uma formação puramente técnica (PINTO, 2010). Assim, a luta no campo da legalidade não pode parar, mas também a manutenção de uma mentalidade que abraça de forma efetiva a concepção de uma formação integral não pode deixar de se fazer presente na atuação diária dos professores.

1.1.3 Formação Omnilateral

Assim como a Educação do Campo se efetiva a partir da consciência da conflitividade que marca nossa realidade social, o comprometimento com uma formação omnilateral também acontece a partir de uma tomada de posição política, num engajamento que busca superar a atual dicotomia existente entre uma formação direcionada ao desenvolvimento intelectual, reservada para aqueles que gozam de uma posição privilegiada na sociedade, e uma formação exclusivamente braçal, destinada aos filhos da classe trabalhadora de nosso país. Esse mesmo engajamento, por sua vez, significa o rompimento com a lógica do capital e o compromisso assumido com a construção de um novo tipo de sociedade, não mais pautada pela divisão entre trabalho intelectual e trabalho braçal e que supere a divisão de classes a que atualmente estamos submetidos (MANACORDA, 2011).

A despeito da atualidade dos debates que se fazem em torno da questão da formação omnilateral, essa proposta formativa não é nova. Ela surge, na verdade, a partir de reflexões elaboradas por Karl Marx e Friedrich Engels (2004). Marx, embora não faça uso da expressão “formação omnilateral”, ao defender uma formação politécnica ou tecnológica (CIAVATTA, 2014), tinha em mente uma formação que fosse capaz de proporcionar aos filhos da classe trabalhadora o desenvolvimento tanto de suas potencialidades para o trabalho quanto o desenvolvimento de sua intelectualidade. Saviani (2007) destaca ainda que uma formação politécnica é aquela capaz de fornecer para o educando o domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas utilizadas na produção moderna. O conceito de politecnia, de acordo com o pensador, teria como implicação a união entre escola e trabalho ou, falando de modo mais específico, a união entre a formação intelectual e o trabalho produtivo (SAVIANI, 2007). Desse modo, o que se postula é um tipo de formação que aponta para o futuro, para o homem novo, vivenciando um modo de produção que já não seja mais o modo de produção capitalista.

É importante ressaltar também que o trabalho, nesse caso, sendo entendido como princípio educativo, ocupava um lugar central no pensamento pedagógico tal como defendido por Marx. A despeito das críticas que o mesmo efetivou ao trabalho em sua forma histórico-social, assumida no contexto da sociedade capitalista, a ideia seria resgatar também seu sentido ontológico, compreendendo-o como aquilo que faz o ser humano realizar-se enquanto tal, diferenciando-se dos demais animais por

meio da capacidade de dominar a natureza e transformá-la para seu próprio benefício, impondo sobre ela, materialmente, aquilo que é capaz de idealizar em sua mente.

Assim, no modo como foi pensada pelo filósofo, a formação omnilateral deveria não somente integrar o trabalho intelectual e o trabalho braçal, mas proporcionar ao trabalhador a superação da alienação na qual ele se encontra e que o torna incapaz de se reconhecer em sua própria produção, privando-o de entender a si mesmo como artífice dos bens por ele produzidos. Ela deveria fazer com que ele, não estando limitado somente a tarefa que desempenha no processo produtivo, pudesse se assenhorar de todo o processo, conhecendo-o em sua inteireza.

Bonamigo (2014), por sua vez, ao falar sobre formação omnilateral, propõe que a mesma deve proporcionar a integração de todas as dimensões do humano que, na sociedade capitalista, encontram-se cindidas. Desse modo, afirma que deve existir um trabalho educativo que vise a integração entre o aspecto ontológico, gnosiológico e ético-político do humano².

Sendo essa cisão, apontada por Bonamigo, reflexo do tipo de sociedade no qual estamos inseridos e servindo a esse mesmo modelo de sociedade, imaginar que possa efetivar-se uma educação realmente omnilateral nesse contexto seria um equívoco. Uma formação efetivamente omnilateral exige mudanças estruturais que nos conduzam a um novo modelo de sociedade (MÉSZÁROS, 2008). Somente na sociedade futura, não mais pautada pelo modo de produção capitalista, é que se faz possível uma formação realmente integral. Isso, todavia, não deve produzir naqueles que trabalham com educação uma paralisia ou apatia diante da realidade tal qual ela se apresenta. Antes, reconhecendo a relação dialética entre sociedade e escola, na qual a escola pode interferir na realidade social ao mesmo tempo em que é influenciada por essa mesma realidade, devemos lançar as bases para uma educação do futuro já no atual momento histórico, fortalecendo também essa luta por meio do diálogo da escola com setores mais amplos da sociedade.

1.1.4 A luta das mulheres do campo

² O aspecto ontológico diz respeito ao ser do homem, aquilo que ele é; o aspecto gnosiológico se refere à capacidade de conhecer do ser humano, suas possibilidades de aquisição do conhecimento; o aspecto ético político diz respeito à relação que se dá, baseada em regras de convívio, entre os seres humanos e ao interesse pela coisa pública.

No Brasil, de acordo com Salvaro, Lago e Wolff (2013), o Movimento de Mulheres Camponesas se origina a partir de lutas efetivadas por mulheres do campo, nos anos de 1980, que reivindicavam direitos e o seu reconhecimento enquanto trabalhadoras rurais. Esses grupos de mulheres entendiam que se fazia extremamente necessário um trabalho de conscientização e de luta em prol do alcance da documentação necessária para que tal reconhecimento se efetivasse. Desse modo, nesse contexto, é criado o Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina.

Inicialmente, Boni (2013a) afirma que o Movimento de Mulheres Agricultoras tinha uma pauta bastante específica. Lutava apenas por questões trabalhistas e não discutia as questões de gênero. O diálogo com o feminismo e as discussões em torno da questão de gênero somente serão iniciados dentro do Movimento a partir dos anos de 1990. É importante, no entanto, notar que as discussões em torno da questão de gênero, ganhando cada vez mais vigor dentro do Movimento, fazem com que as mulheres percebam que essa questão não deve ocupar um lugar secundário, sendo a prioridade dada à questão da classe, mas ocupar também um lugar central nas pautas defendidas pelas mulheres. Isso acontece de tal forma que, mesmo dentro de movimentos sociais rurais que lutam pela construção de um novo modelo de sociedade, as mulheres adquirem a consciência de que devem conquistar espaços e lutar contra as concepções machistas ainda presentes em tais movimentos (SCHWENDLER, 2015). Num terceiro momento, por sua vez, o movimento começará também a ter como interesse as discussões em torno da questão da segurança alimentar, proteção do meio ambiente, etc.

O nome do movimento, no entanto, é modificado no início dos anos 2000. Essa modificação tem como seu principal objetivo estender a atuação do mesmo, fazendo-o englobar outros grupos de mulheres que, embora não fossem proprietárias das terras em que trabalhavam, também sustentavam seus lares por meio de seu trabalho com os produtos da terra. Desse modo, a denominação Movimento de Mulheres Camponesas serve para englobar a luta das quebradeiras de coco, extrativistas, posseiras, ribeirinhas, assalariadas rurais, etc. (SALVARO; LAGO; WOLFF, 2013). Conte, Weschenfelder e Cinelli (2010), todavia, ressaltam que a expressão “camponês” carrega consigo um forte significado político, uma vez que aponta para as Ligas Camponesas e suas lutas nos anos de 1940 e 1950.

Desse modo, podemos afirmar, como o faz Táboas (2014), que o Movimento

de Mulheres Camponesas propõe um projeto de Feminismo Camponês Popular dotado de características muito particulares. Há, por exemplo, para além da questão da luta pela igualdade e reconhecimento da mulher camponesa, uma luta pela preservação do modo de vida camponês que se contrapõe, de forma inevitável, à razão neoliberal. Essa forma de racionalidade se sustenta, desde um ponto de vista ideológico, a partir da defesa do livre mercado como sendo capaz de garantir a liberdade individual de empreender e do Estado enquanto mero preservador da ordem institucional necessária para a garantia dessa mesma liberdade (ANDRADE, 2019). A preservação do modo de vida camponês, conforme vivenciada pelas mulheres camponesas, no entanto, longe de ser possível por meio da adoção de tal concepção sobre o Estado e da defesa da ideia de que a liberdade individual de empreender pode ser capaz de solucionar os problemas sociais de nosso país, se pauta pelo reconhecimento e vivência de valores contrários ao individualismo neoliberal, mantendo um claro compromisso com a igualdade e a solidariedade.

Assim, podemos dizer que o Movimento de Mulheres Camponesas luta por um novo projeto de sociedade que inclui novas relações entre homens e mulheres, novas relações entre os seres humanos e a natureza, a preservação do modo de vida do campesinato, o resgate do sentido ontológico do trabalho e a superação do modo de produção capitalista (SAMPER-ERICE; CHARAO-MARQUES, 2017).

1.1.5 Contribuições do diálogo com o Movimento de Mulheres Camponesas para a Educação Profissional

A formação profissionalizante em terras brasileiras iniciou-se no período de colonização do país. Os aprendizes dos ofícios que eram ensinados na época eram os índios e os escravos. Desse modo, Fonseca (1961) nos diz que a sociedade brasileira passou a ver esse tipo de ensino como sendo destinado apenas para aqueles que eram considerados sujeitos das mais baixas categorias sociais.

No século XIX, ainda mantendo esse caráter de destinação às classes menos favorecidas, instituições voltadas para o Ensino Profissional tinham como público-alvo as crianças pobres e órfãs, proporcionando para as mesmas o ensino das primeiras letras e a iniciação em determinados ofícios, tais como: tipografia, carpintaria, sapataria, etc. (ESCOTT; MORAES, 2012). Tratava-se de uma concepção da educação que não tinha como seu objetivo principal a formação dos

trabalhadores e seus descendentes. Antes, preocupava-se mais em exercer o controle social sobre os membros da classe trabalhadora e sobre seus filhos.

Assim, desde seu início, a Educação Profissional no Brasil esteve marcada pela divisão de classes presente em nosso país e, ao mesmo tempo, manteve uma dualidade entre uma formação somente técnica, destinada às classes menos favorecidas, e uma formação intelectual, destinada às classes privilegiadas. Mesmo leis que pareciam conduzir-nos à superação dessa situação, por vezes, não conseguiram apresentar com clareza e consistência uma superação real, na educação nacional, dessa dualidade.

Freitag (2000) nos dá como exemplo dessa situação a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nosso país. A mesma expressa as reivindicações dos setores populares que lutavam, dentre outras coisas, pela extensão da rede escolar gratuita e a equivalência entre o ensino médio propedêutico e profissionalizante, apresentando a possibilidade de transferência de um tipo de ensino médio para o outro. Todavia, a despeito de tais reivindicações, não consegue superar o citado dualismo que, na prática, continua aparecendo nos currículos escolares.

Na prática, o que acontece, segundo Moura (2008), é que a vertente propedêutica do ensino médio continua dando maior atenção aos conteúdos que aparecem como exigência para o acesso à educação superior e os cursos profissionalizantes continuam estreitamente vinculados às necessidades imediatas dos setores produtivos.

Outro exemplo mais recente de tentativa de superação da dualidade entre formação puramente técnica e formação intelectual aparece com a LDB 9.394/96. Nessa nova Lei de Diretrizes e Bases, o ensino médio teria como sua orientação tornar explícito como a ciência torna-se potência material no processo produtivo e, portanto, recuperar a relação entre conhecimento e prática do trabalho (MOURA, 2008). Ao aluno deveria ser propiciado o domínio dos fundamentos das diversas técnicas que se utilizam na produção, superando, assim, o mero adestramento técnico e formando não técnicos especializados, mas politécnicos (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005).

Moura (2008), fazendo a análise de alguns parágrafos dessa LDB, no entanto, chega à conclusão de que a mesma é ambígua, tornando possíveis diversas formas de articulação entre o ensino médio e o ensino profissional e possibilitando,

inclusive, nenhum tipo de articulação entre ambos.

A despeito disso, o que fica claro é que a superação da dicotomia entre uma formação voltada apenas para o aspecto técnico e uma formação puramente intelectual somente pode se efetivar a partir da construção de uma formação politécnica ou omnilateral. A elucidação desse ponto permite que discussões sobre essa questão se efetivem no período de transição entre o segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso e o primeiro mandato do presidente Lula.

Aliás, o início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva é marcado pela expectativa de que, superando uma forma de governar baseada no desenvolvimentismo, se estabeleça uma espécie de quarta refundação da história nacional (OLIVEIRA, 2003). Tal governo deveria, então, trazer consigo um período de mudanças radicais que modificassem as estruturas sociais de nosso país. Há, todavia, uma continuidade da década em que se estabelece o governo de Lula com a década de 1990. Essa continuidade é visualizada no fato de que o citado governo adota uma postura de conciliação entre uma minoria prepotente – a classe dominante de nosso país – e uma maioria desvalida. Não há, portanto, a atuação visando a superação da ordem capitalista, mas um combate à desigualdade social que acontece dentro dessa mesma ordem (FRIGOTTO, 2011).

O fato é que, tendo evitado a disputa por um projeto societário antagônico que se contrapusesse à modernização e ao capitalismo dependente e tendo estabelecido uma série de políticas e programas que tiveram como propósito atender as necessidades dos desvalidos sem, no entanto, entrar em desacordo com a classe dominante, o governo também não se interessou em disputar um projeto educativo antagônico em seu conteúdo, método e forma (FRIGOTTO, 2011).

Como consequência dessa postura, as concepções e práticas educacionais que tiveram vigência na década de 1990 dominaram também o cenário no início do século XXI. Isso significou a reafirmação da parceria entre público e privado e, consequentemente, a ampliação da dualidade estrutural da educação. Nesse cenário, as concepções educacionais baseadas na pedagogia histórico-crítica e, como consequência, as possibilidades de uma educação omnilateral e as suas exigências, no que diz respeito às bases materiais que lhe tornam viável, foram subvertidas pela concepção mercantil (FRIGOTTO, 2011).

Mais recentemente, o que se tem é um discurso que justifica a reforma do Ensino Médio, por meio da lei 13.415/2017, afirmando que a mesma é necessária

para superar as barreiras que impedem o desenvolvimento econômico do país. De acordo com tal perspectiva, a educação e, de forma especial, a educação profissional seria um fator de extrema importância para que se retome o crescimento econômico brasileiro, visto que o investimento em capital humano seria capaz de potencializar a produtividade (MOTTA; FRIGOTTO, 2017).

É forçoso reconhecer, entretanto, que os reais motivos por trás do discurso apresentado de capacitação para o mercado de trabalho e potencialização da produtividade são outros e estão muito mais relacionados com a administração da questão social. A burguesia busca tornar mais severos os mecanismos de controle social por meio dos diversos aparelhos estatais. A ideia perseguida pela burguesia dominante é de consolidar a ideologia necessária para se manter no poder e preservar os ganhos do capital. É esse, então, o motivo que torna importante a introdução de reformas na educação pública. O que se busca é manter sob controle a questão social e estabelecer as condições favoráveis para a expansão do capital (MOTTA; FRIGOTTO, 2017).

Desse modo, a lei 13.415/2017 aparece como necessária para sustentar aquilo que se estabelece a partir da PEC nº 55. A mesma propõe o desmantelamento dos direitos universais da classe trabalhadora por meio do congelamento de recursos públicos para a educação, saúde, cultura, etc. A reforma efetivada a partir da citada lei apresenta inegável rigidez no que concerne à implementação das disciplinas recomendadas pelos intelectuais coletivos e orgânicos³ do capital e do mercado e pelos organismos internacionais e, ao mesmo tempo, apresenta também rigidez na negação do conhecimento básico fundamental para uma leitura crítica da realidade, esta disfarçada pela falsa noção de uma livre escolha do jovem diante das opções que se ofertam (MOTTA; FRIGOTTO, 2017).

A conclusão a que se chega a partir de tais análises é a impossibilidade de implementar uma formação omnilateral nas escolas de nosso país. As características de nossa sociedade tornariam materialmente impossível a implementação de tal forma de ensino em sua totalidade. Aspecto fundamental de nossa sociedade que deixa clara essa impossibilidade é a premente necessidade que os filhos da classe trabalhadora possuem de entrar no mercado de trabalho

³ Gramsci (2002) entende o intelectual como sendo a pessoa que exerce funções de organização. Isso pode dar-se no campo da produção, da cultura ou da política administrativa. O termo orgânico refere-se ao fato de que tal intelectual está comprometido com a formulação de uma nova hegemonia ou com a preservação da hegemonia existente.

antes de completar dezoito anos.

Assim, mesmo reconhecendo todas as dificuldades que marcam o mercado de trabalho brasileiro, o que se propõe como solução provisória é um modelo de ensino médio que proporcione a integralidade da educação básica e, ao mesmo tempo, os objetivos de uma formação profissional a partir de uma integração dessas duas dimensões (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005).

Obviamente, a solução é tida como provisória justamente porque aqueles que lutam por uma educação emancipadora buscam também uma modificação da realidade social que permita a construção de uma formação politécnica em sua plenitude. A luta por essa transformação social e pela construção plena de uma formação politécnica, no entanto, pode ser enriquecida a partir do diálogo entre a educação profissional e os movimentos sociais. Como um dos movimentos sociais que podem enriquecer esse processo de construção de uma formação desse tipo, citamos o Movimento de Mulheres Camponesas.

Um primeiro ponto a ser destacado é que o Movimento de Mulheres Camponesas, a partir de sua realidade e do trabalho efetivado pelas mulheres que fazem parte do movimento, se insere num contexto de conflitividade política que pode ser enriquecedor ao mostrar para o educando, de forma bastante prática, o inevitável posicionamento político, conservador ou progressista, que acompanha toda e qualquer conduta profissional. Fica clara uma inescapável tomada de posição ideológica, conservadora da ordem estabelecida ou questionadora da mesma que acompanha o modo como desenvolvemos todo e qualquer trabalho e, inclusive, o modo como nos posicionamos no mundo enquanto cidadãos (VIGIL, et al., 1992).

Tendo também como objetivo maior a construção de um novo modelo de sociedade, que inclui novas relações entre homens e mulheres, novas relações entre os seres humanos e o meio ambiente e a construção de um novo paradigma econômico, o Movimento de Mulheres Camponesas muito pode contribuir em sua luta para a construção de uma nova sociedade em que a educação politécnica seja possível e, nesse sentido, se coloca como movimento aliado de todos aqueles que, envolvidos com a educação profissional, também têm clareza quanto à necessidade de superação do paradigma produtivo socioeconômico capitalista.

Por fim, ainda na ausência de uma formação politécnica em sua integralidade, o Movimento de Mulheres Camponesas, sendo esse outro que, conforme o coloca Dussel (1977), se coloca à margem da totalidade vigente, a sociedade capitalista,

apresenta para aqueles que estão inseridos no contexto da educação profissional a possibilidade de tomada de uma posição ético crítica que os coloque ao lado dos oprimidos em suas lutas contra as mais diversas formas de opressão e, nesse sentido, propõe que a escola tome consciência de seu papel emancipador.

1.1.6 Superação de uma educação bancária e formação omnilateral

São notáveis os avanços presentes na educação pública de nosso país no que concerne à superação daquilo que Paulo Freire conceitua como uma educação bancária (FREIRE, 1987). É visível, sobretudo nos documentos elaborados pelas instituições de ensino pertencentes a rede pública, a adoção de uma postura crítica que nega uma compreensão estática do conhecimento. Como exemplo, podemos citar o Projeto do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Agroecologia do IFAL. O mesmo, falando sobre as áreas que constituem o seu Núcleo Básico, afirma que o objetivo dessas áreas é, entre outras coisas, tornar o aluno capaz de dialogar com a diversidade e dinamicidade da reelaboração do conhecimento no mundo atual (IFAL, 2019). O conhecimento vai sendo entendido a partir de uma perspectiva que reconhece que a sua construção ocorre sempre em relação com um determinado contexto histórico, sendo o mesmo alvo de disputas e determinado por diversos interesses (VATTIMO, 2009). Nesse contexto, é colocada como exigência uma educação que proporcione ao aluno a capacidade de interpretar como os saberes vão sendo constituídos por sujeitos e grupos. Tal exigência, todavia, está estreitamente vinculada à compreensão de uma educação que se pretende omnilateral e que, por isso mesmo, jamais pode limitar-se exclusivamente aos aspectos profissionais da formação do aluno (MOURA, 2013). Antes, essa mesma educação deve auxiliar o sujeito na construção de sua capacidade crítica, permitindo-lhe atuar de forma cidadã tanto no âmbito de sua vida privada quanto no âmbito de sua atuação profissional.

Levando essas questões em consideração, o presente trabalho tem como um de seus principais objetivos intensificar no IFAL, campus Murici, reflexões sobre as vivências e saberes das mulheres camponesas da cidade de União dos Palmares – AL. A escolha por ter como interlocutor na construção do presente trabalho um grupo de mulheres camponesas de União dos Palmares – AL acontece a partir da consciência de que uma formação efetivamente integral não pode ser construída

sem a presença de discussões de cunho político-social dotadas de relevância. Tais questões são vistas como relevantes sobretudo quando atentamos para o fato de que as mesmas atingem, direta ou indiretamente, a sociedade como um todo e se relacionam com os modelos sociais que se defendem ou que se querem superar.

Para além disso, há ainda a relação com a agroecologia vivenciada tanto pelos alunos do curso técnico integrado ao ensino médio em agroecologia do IFAL quanto pelas mulheres do MMC. Caporal (et al., 2006) entende a agroecologia como um campo de conhecimentos, de caráter multidisciplinar, que possui como interesse contribuir para a construção de estilos de agricultura de base ecológica e para a elaboração de estratégias de desenvolvimento rural, sendo referência sua os ideais de sustentabilidade numa perspectiva multidimensional de longo prazo. O curso técnico integrado ao ensino médio em Agroecologia do IFAL, justamente por ser um curso de agroecologia, trabalha dentro dessa perspectiva de trazer para a realidade camponesa esse campo de conhecimentos que possibilita para o sujeito camponês e, em especial para o jovem do campo, as competências e habilidades necessárias para auxiliar na transformação de sua realidade, tendo como objetivo um desenvolvimento que seja efetivamente sustentável. Nesse ponto, é que se abre a possibilidade do diálogo entre o curso técnico integrado ao ensino médio em Agroecologia do IFAL e o Movimento de Mulheres Camponesas, pois as mulheres que fazem parte do movimento também se utilizam da agroecologia no modo como lidam com a produção, desenvolvendo também uma agricultura de base ecológica e sustentável. Assim, podemos dizer que a Agroecologia é o ponto de contato entre saberes que se produzem no ambiente acadêmico do IFAL e no ambiente de ensino não formal vivenciado pelas mulheres do MMC.

Colocar o aluno diante dos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares e trabalhar com eles os conhecimentos e experiências dessas mulheres, desse modo, significa também permitir a ele o acesso a reflexões efetivadas por elas, sobre a relação dos seres humanos com os recursos naturais, as opressões ainda presentes nas relações de gênero estabelecidas em nossa sociedade, modelos econômicos alternativos, etc. Trata-se, portanto, de buscar contribuir com uma formação que, superando o viés tecnicista, possibilite ao aluno posicionar-se criticamente sobre questões do interesse de toda a sociedade.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa educacional define-se como uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação que, tendo sido aprovada através do parecer 4.112.424 do Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL (Universidade Federal de Alagoas), consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas, no segundo semestre de 2020 e no primeiro semestre de 2021, com um grupo de mulheres camponesas moradoras do assentamento Padre Emílio, localizado na zona rural de União dos Palmares – AL. Num primeiro momento, foram realizadas entrevistas com cinco mulheres. O acesso as mesmas foi possível graças ao contato inicial com a liderança do Movimento de Mulheres Camponesas. Essa mesma liderança forneceu o contato (números de celulares) das outras mulheres que fazem parte do movimento e possibilitou, assim, que um diálogo pudesse ser estabelecido com essas integrantes do MMC. Num segundo momento, foram entrevistadas mais cinco mulheres, com o intuito de conhecer suas trajetórias e saberes. Tais entrevistas aconteceram de forma presencial, a partir da ida até o assentamento para a realização das mesmas. Através dessas entrevistas, foi produzido um material didático do tipo ebook que foi aplicado numa turma do segundo ano do curso de Agroecologia do IFAL (Campus Murici).

O método de ação que embasa nosso trabalho é a pesquisa-ação. Esse método de pesquisa, de acordo com Tripp (2005), seria um tipo de investigação-ação que objetiva, através da utilização de técnicas de pesquisa, tanto a melhoria da prática rotineira quanto da pesquisa científica. O caráter prático do presente trabalho, que possui como um de seus objetivos o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem, foi o que mais contribuiu para a escolha do método adotado.

Assim, as etapas da ação se dividiram em quatro fases: Pesquisa Diagnóstica e Análise dos dados; Elaboração do Produto Técnico-Tecnológico; Aplicação do Produto Técnico-Tecnológico e Divulgação dos Resultados e Resultados e Discussão.

Pesquisa diagnóstica e análise de dados: se efetivou a partir da entrevista efetivada com um grupo de mulheres camponesas e por um questionário respondido por um grupo de vinte e dois alunos do segundo ano do ensino médio do curso de agroecologia do IFAL – Campus Murici

Elaboração do Produto Técnico-Tecnológico: se efetivou a partir das

entrevistas semiestruturadas com o grupo de mulheres camponesas da cidade de União dos Palmares – AL para a confecção de um ebook.

Aplicação do Produto Técnico-Tecnológico e Divulgação dos Resultados: se constituiu por meio da criação de um ebook contendo os saberes e as vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares que foi aplicado numa turma do segundo ano do curso de agroecologia do IFAL – Campus Murici. Os saberes e vivências apresentados no ebook incluem o perfil das mulheres, a relação do Movimento de Mulheres Camponesas com a política, o significado de ser uma mulher camponesa, os saberes sobre o uso da terra, a questão do modo de produzir típico do campesinato, a questão do projeto de sociedade pelo qual o MMC luta, os pratos típicos da vida campesina, as tradições folclóricas do campesinato, as plantas medicinais da realidade campesina e a religiosidade das mulheres pertencentes ao MMC.

Resultados e Discussão: consiste numa análise dos resultados obtidos através das entrevistas com as mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas e da discussão sobre esses mesmos resultados, bem como numa análise dos resultados obtidos depois da aplicação do ebook em sala de aula.

2.1 Pesquisa diagnóstica e análise de dados

Foram entrevistadas dez mulheres camponesas da zona rural de União dos Palmares, com vistas à coleta de dados que nos permitissem ter material suficiente para elaborar um ebook que apresentasse a trajetória dessas mulheres e os seus saberes sobre diversas questões. Dado o atual momento histórico, marcado pela pandemia do novo Coronavírus, as primeiras entrevistas foram efetivadas a partir da troca de áudios via WhatsApp; num segundo momento, foram realizadas mais cinco entrevistas. Dessa vez, as entrevistas foram efetivadas pessoalmente, com a utilização de um gravador. Dado que o questionário respondido pelos alunos, na etapa final do trabalho, e as entrevistas semiestruturadas estão relacionados aos saberes e vivências das mulheres camponesas pertencentes ao MMC em União dos Palmares, podemos dizer que a temática dos saberes e vivências das mulheres camponesas dessa cidade se coloca como o eixo central a partir do qual se articulam as perguntas feitas para os diferentes grupos.

Ao final do estudo, em conformidade com o método adotado, buscamos

identificar as transformações ocorridas na realidade dos sujeitos envolvidos, ainda que reconhecendo as limitações presentes nessa transformação que está limitada ao contexto local, dados os limites do tipo de pesquisa por nós adotado (THIOLLENT, 1986). Nesse sentido, é que na etapa final de nosso trabalho, voltamos à turma do segundo ano de Agroecologia do IFAL, Campus Murici, após a aplicação do ebook, para analisar, através de um questionário, as contribuições do ebook para um maior conhecimento acerca do Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares, para uma maior valorização do conhecimento local e para a formação profissional dos estudantes.

2.2 Produto Técnico-Tecnológico

Como parte integrante da dissertação “Saberes e Vivências das Mulheres Camponesas de União dos Palmares no Ensino de Agroecologia do IFAL – Campus Murici” e tendo como fundamento os dados coletados durante a pesquisa, foi elaborado o produto técnico-tecnológico ebook “Saberes e Vivências das Mulheres Camponesas de União dos Palmares”.

O material pedagógico que foi elaborado, a partir das entrevistas com as mulheres camponesas de União dos Palmares – AL, se propõe a ser um elemento que auxilie a prática pedagógica do professor em seu processo de ensino. O mesmo pretende, então, mostrar a importância de se pensar a realidade campesina nos dias atuais bem como reconhecer seu caráter emancipador e as contribuições que as mulheres camponesas podem dar para a construção de um novo tipo de sociedade.

2.3 Aplicação do Produto Técnico-Tecnológico e Divulgação dos Resultados

A aplicação do produto técnico-tecnológico se deu por meio de sua apresentação e disponibilização em uma turma do segundo ano do ensino médio integrado ao técnico do curso de Agroecologia do IFAL – Campus Murici.

Essa aplicação teve como objetivo proporcionar aos alunos um maior conhecimento acerca das possíveis contribuições que uma educação não formal do campo pode dar para uma formação omnilateral.

Para além disso, no entanto, por meio da inserção dos saberes e vivências dessas mulheres no contexto da educação formal, se esperava também que os

alunos pudessem perceber a maneira como os saberes produzidos se relacionam com as vivências dessas mulheres do campo e pudessem conhecer um pouco melhor a atuação e a realidade do Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares.

Outro objetivo era também contribuir com a criticidade dos alunos, envolvendo-os com as questões que são colocadas pelo Movimento de Mulheres Camponesas, tais como: a questão da produção dos saberes fora do ambiente escolar, a questão da agroecologia, a questão do novo modelo de sociedade pelo qual o movimento luta, etc.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, discutimos neste espaço as questões colocadas para as mulheres do MMC⁴ e as respostas dadas pelas mesmas a essas questões. Na entrevista semiestruturada com as mulheres, colhemos desde informações sobre comidas típicas do campesinato até informações sobre o projeto de sociedade pelo qual o MMC luta. Obtivemos, assim, respostas sobre o dia a dia dessas mulheres e sobre a realidade camponesa vivenciada por elas. Mas também apresentamos nesse espaço os resultados obtidos – colhidos a partir da utilização de questionários – após a aplicação do produto educacional em uma turma do segundo ano do curso de Agroecologia do IFAL – Campus Murici. Os questionários apresentaram perguntas sobre a idade dos alunos, seu gênero, a utilidade do ebook para um maior conhecimento sobre o Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares, quais informações contidas no ebook seriam mais relevantes, a contribuição do ebook para uma maior valorização do conhecimento local e sobre a contribuição do ebook para a formação profissional dos estudantes.

Dado o atual cenário de pandemia da Covid-19 e os cuidados exigidos por esse mesmo cenário, parte das entrevistas realizadas com as mulheres foram realizadas a partir da troca de áudios por meio do aplicativo WhatsApp; outra parte das entrevistas, no entanto, foram realizadas presencialmente e efetivadas a partir do uso de um gravador. No que concerne aos questionários aplicados para os alunos, eles foram produzidos e respondidos através do Google Forms.

A questão da idade das entrevistadas se fez presente na primeira pergunta feitas as dez mulheres pertencentes ao MMC. Tal pergunta nos fez perceber que parte do Movimento é composta por mulheres jovens, sendo que cinco, das dez entrevistadas, possuem idade inferior a trinta anos. Assim, percebe-se que o Movimento de Mulheres Camponesas tem atraído um público jovem que se identifica com as propostas do movimento. A entrevistada mais jovem possui apenas dezenove anos e a mais velha possui setenta anos.

O comprometimento da juventude com o movimento se faz perceber, sobretudo na vida de uma das entrevistadas que, ficando responsável pela parte da comunicação do movimento e se dedicando quase que exclusivamente ao MMC, vive hoje de uma ajuda de custos proporcionada pelas mulheres camponesas que

⁴ Movimento de Mulheres Camponesas.

fazem parte do movimento. Nas palavras dela: “Atualmente, minha fonte de renda é uma colaboração, que a gente chama de ajuda de custo, que vem da parceria das próprias mulheres que estão trabalhando no campo, enquanto eu cuido da parte da comunicação do movimento”.

A pergunta sobre a fonte de renda das entrevistadas demonstrou que parte constitutiva da renda vem dos produtos da agricultura camponesa por elas comercializados. Metade das entrevistadas possui sua renda exclusiva da comercialização dos produtos do campo. Uma das entrevistadas tem nos produtos do campo a sua principal fonte de renda. Mas, para sobreviver, conta também com o auxílio de sua mãe. Outra entrevistada, por sua vez, sendo aposentada, tem na comercialização de alguns produtos do campo um complemento para sua renda. Apenas três entrevistadas afirmaram que sua fonte de renda não se constitui, nem de forma complementar, por meio da venda de produtos do campo. Uma entrevistada, no entanto, afirmou tirar seu sustento de alguns bens que possui, mas não esclareceu que bens seriam esses. Outra entrevistada recebe apenas uma ajuda de custo das mulheres camponesas e outra das mulheres camponesas tem como fonte de renda exclusiva a sua aposentadoria.

A inserção de muitas dessas mulheres no mercado de trabalho, porém, não significa uma total alteração das injustiças de gênero. Para que essa alteração aconteça se faz necessário uma modificação mais ampla que alcance e possa proporcionar uma reavaliação do modo como está estruturada a economia e a sociedade como um todo. Sem tal reavaliação, continua se fazendo necessário para as mulheres a busca por tornar compatíveis o trabalho e os ciclos da vida familiar e as vivências das múltiplas jornadas de trabalho. Assim, é também real a dependência e os obstáculos à participação das mulheres na vida pública (MANESCHY, 2013).

Quanto ao nível de escolaridade, quatro das dez mulheres entrevistadas possuem o Ensino Fundamental incompleto; duas possuem o Ensino Médio Completo; uma não chegou a frequentar a escola; uma está cursando agora, aos vinte e oito anos, o terceiro ano do Ensino Médio; outra chegou a cursar o Ensino Superior, mas desistiu antes de concluir o curso e apenas uma possui pós-graduação em nível de Mestrado. O fato de que justamente as mulheres mais velhas vivenciaram um processo de escolarização precário, indo desde o Ensino Fundamental incompleto até o total analfabetismo, mostra que a realidade do

campo, no que concerne ao acesso à educação, foi modificada nas últimas décadas. A realidade campesina, que sempre esteve associada à ideia de analfabetismo, hoje apresenta a possibilidade de escolarização para os sujeitos do campo. Apesar disso, ainda existem deficiências para serem enfrentadas, sobretudo no que se refere a oportunidade de acesso daqueles que vivem na zona rural ao Ensino Superior. A oportunidade de concluir um curso de nível superior parece ser ainda um sonho difícil de se realizar na vida da maioria das mulheres.

Essa realidade se constitui assim por diversos fatores. Dentre eles, pode ser destacada a questão do transporte que, para os estudantes universitários, na cidade de União dos Palmares, não é gratuito. Isso torna-o inacessível para aqueles que não possuem uma condição econômica que lhes possibilite arcar com essa despesa. Outro fator que deve ser levado em consideração, quando se analisa a realidade de dificuldade das mulheres do campo em cursar o nível superior, é a falta de tempo das mulheres para se dedicarem aos estudos, visto que as mesmas precisam realizar tarefas domésticas que consomem bastante tempo.

Dentro do atual contexto, de uma sociedade estruturada a partir do modo de produção capitalista, o que se visualiza como alternativa temporária para a mudança desse cenário é a aprovação de uma lei que garanta a gratuidade do transporte universitário em União dos Palmares. Mas há também a necessidade de processos de conscientização que façam os homens do campo compreenderem a importância da divisão de tarefas dentro do lar para que as mulheres disponham de tempo suficiente para se dedicar aos estudos exigidos pela vida universitária. Isso somente é possível a partir da superação da naturalização da ideia de que as mulheres são as únicas responsáveis pelos afazeres domésticos e do reconhecimento do caráter histórico que as relações de gênero possuem. Gratuidade do transporte universitário e uma formação que faça os homens reconhecerem o caráter histórico das relações de gênero, todavia, são apenas soluções temporárias que se limitam à resolução parcial do problema dentro do atual modelo de sociedade. Sua efetiva superação, porém, somente é possível a partir da superação do sistema socioeconômico atual, responsável pela manutenção de relações sociais machistas.

Quanto ao tempo em que estão fazendo parte do movimento, a entrevistada mais antiga no grupo tem dez anos de atuação, três das mulheres entrevistadas estão há oito anos no movimento, duas fazem parte do grupo há seis anos, outras três estão há três anos no movimento e uma entrevistada faz parte do MMC há dois

anos e meio.

Chegamos, assim, à conclusão de que os perfis das mulheres entrevistadas são diversos em seus variados aspectos. Existem no grupo mulheres com idades variadas, níveis de escolaridade distintos, maior ou menor dependência do trabalho camponês para a obtenção de sua fonte de renda e tempos diversificados de pertencimento ao MMC. A diversidade de perfis contribui para o enriquecimento do grupo e para trocas entre visões de mundo que, embora sejam variadas, se constituem a partir da realidade feminina e campesina. Para além disso, apresenta-se ainda o fato de que as mulheres compartilham de uma memória coletiva que se constitui a partir de seu pertencimento ao grupo. Pois, como o coloca Silva (2013), falando sobre o pensamento de Halbwachs, a formação da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diversos grupos nos quais ele se insere. Esse fato lhe garante, para além de uma memória individual, a constituição de uma memória coletiva.

A despeito da diferença de tempo dentro do movimento, a maior parte das mulheres afirmaram ter tido a sua visão sobre política modificada após sua entrada no MMC. Uma entrevistada ressaltou em sua fala que o pertencimento ao movimento trouxe para ela uma ampliação dos horizontes, fazendo-a enxergar, inclusive, a importância da luta por políticas públicas:

Acredito que cada mulher que começa a fazer parte do Movimento de Mulheres Camponesas muda em algum sentido. Muda para a política, muda em todos os sentidos. Porque, de certa forma, no Movimento de Mulheres Camponesas a gente se sente libertado, o momento de estar livre, de poder assumir quem você é e de buscar novos horizontes, inclusive, em políticas e políticas públicas também⁵.

Oliveira e Coriolano (2020) ressaltam a importância de tais políticas. De acordo com eles, é por meio delas que as famílias campesinas conseguem continuar em suas atividades de produção, preservando, desse modo, o caráter singular de sua organização, a sua cultura e a qualidade de vida no contexto rural.

Outra entrevistada disse que teve sua visão política modificada e passou a entender a luta dos movimentos sociais pela terra: “Modificou sim, porque vejo de um modo diferente a política. Foi a partir de quando entrei no movimento que aprendi sobre as lutas dos movimentos para ter a sua terra e lutar por nossos

⁵ Entrevistada A. Entrevista concedida em setembro de 2020. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

direitos”. Dessa maneira, superando a visão individualista de mundo, marcante no neoliberalismo, a entrevista tornou-se capaz de perceber o quão importante é a união da coletividade para a conquista de terras e de direitos possibilitadores de uma vida digna para os povos camponeses.

Outra pesquisada disse que seu pertencimento ao MMC a fez perceber a presença do machismo nos espaços políticos: “Sim, antes eu não tinha uma clareza sobre o machismo, onde na política ocorre muito. No entanto, ao participar do MMC, isso fez com que eu viesse perceber isso”. Assim, pertencer ao movimento fez com que a entrevistada adotasse uma visão política que não está restrita às questões de classe em seu aspecto econômico. Mas a fez pensar também as questões de gênero, tornando-a apta a abordar questões que ocupam um lugar de destaque na desnaturalização da condição e posição subalternas da mulher na sociedade, questões relacionadas aos papéis sociais e culturais ocupados por homens e mulheres (ESMERALDO, 2013).

Dessa forma, deve ser reconhecido que não basta a luta contra a exploração de uma classe por outra. Todavia, caso o que se pretenda seja a construção de uma sociedade sem dominadores e dominados, é imprescindível que se faça também a luta contra todo o tipo de discriminação imposta às mulheres (SILVA, 2013).

Outra entrevistada, por sua vez, afirmou que foi a partir de sua participação no Movimento de Mulheres Camponesas que ela pôde constatar o racismo, o machismo e a estrutura opressora presentes em nossa sociedade:

Sim, com certeza, sim. Uma, me ajudou a amadurecer o pensamento. Eu tava saindo da adolescência. Tinha meus dezesseis, dezessete anos quando comecei a conhecer... Dezoito. Hoje tenho meus vinte e nove. Então, dentro desse tempo a gente aprende muita coisa. Em especial, a reconhecer a sociedade em que vivemos, que tem toda uma estrutura de reprodução de um sistema que é machista, racista e que, por fim, essas estruturas do capitalismo. Então, o que as mulheres sofrem a opressão em diferentes esferas sociais, em diferentes escalas. Não têm reconhecimento do trabalho. O que faz é considerado como ajuda. Tem horas de trabalho, de exploração do trabalho não reconhecida socialmente, além da violência sexual, doméstica, entre outros tipos de violência estruturais dessa sociedade, desse sistema. Então, claro que muda. Antes, eu não tinha essa visão, nem tinha esse amadurecimento pela falta de até, de leituras políticas, de conversa, de formação e o Movimento me possibilitou conhecer não só a essa sociedade, mas como nos fortalecer enquanto mulheres⁶.

Dessa forma, é possível afirmar que seu pertencimento ao Movimento de

⁶ Entrevista concedida pela entrevistada E [09. 2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Mulheres Camponesas fez com que ela superasse uma visão fragmentada da realidade e lhe concedeu o instrumental teórico possibilitador de uma compreensão sistêmica do real. Isso lhe possibilitou perceber os diversos aspectos, interligados entre si, que conservam as injustiças e desigualdades sociais presentes em nosso país.

Uma pesquisada afirmou como mudança da sua visão política, possível graças ao seu pertencimento ao MMC, a questão do interesse em lutar por seus próprios direitos e falou sobre as mudanças acontecidas no mundo atual. Ressaltou que antes a mulher não podia chegar ao poder, mas agora já pode: “Sim, mudou várias coisas. Em primeiro lugar, a saúde, que a gente luta por nossos direitos. A mulher que não podia ficar no poder e hoje pode”.

Assim, de acordo com a entrevistada, há um fortalecimento da luta por direitos que se dá pelo fato de que já não é mais impossível que as mulheres ocupem posições de comando na sociedade. A possibilidade das mulheres atuarem no cenário político, inclusive exercendo cargos, é um elemento que serve para estimular as mulheres a continuarem tendo como objetivos mudanças na realidade social que as favoreçam e, inclusive, a possibilidade de construção de um modelo de sociedade distinto do atual. Essa é uma realidade que as faz compreender que mudanças estruturais ainda maiores e que produzam cada vez mais dignidade para a vida das mesmas são, de fato, possíveis de serem efetivadas.

Outra pesquisada, após apresentar os aspectos que ela considera negativos na política, sobretudo o fato de que os políticos somente se interessam pelos trabalhadores em época de eleição, afirmou que aprendeu com o movimento que a mulher é livre e ressaltou a presença dessa liberdade em sua própria trajetória pessoal, reconhecendo que nunca precisou depender de ninguém para a aquisição do seu sustento e do sustento de seus filhos:

Sim. Político é uma coisa. O trabalhador trabalha e os políticos, tem deles que não ajudam o trabalhador. Aí fica mais difícil. Porque tem gente que precisa e eles não ajudam. Políticos só querem assim, em tempo de eleição, aí eles querem e vão atrás das coisas. Mas, nos outros dias, eles não vem atrás de ajudar ninguém. Também aprendi que a mulher é livre. Eu mesma, graças a Deus, nunca dependi de ninguém. Me criei na roça trabalhando e criei seis filhos, trabalhando na roça, na feira.⁷

⁷ Entrevista concedida pela entrevistada G [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Outra entrevistada também enfatizou a questão da liberdade, dizendo que uma melhora trazida pela participação no MMC foi o fato de que agora ela e as outras mulheres são mais libertas, ganharam mais liberdade: “Para mim, melhorou. Assim, porque nós ficamos mais libertas, ganhamos mais liberdade”.

O conceito de liberdade, porém, não aparece de forma homogênea na fala das entrevistadas. Na fala de uma delas, a liberdade relaciona-se com a autonomia no âmbito econômico, com a capacidade de suprir as próprias necessidades econômicas e as de seus familiares. A outra entrevistada, por sua vez, pensa a liberdade como sendo a autonomia para tomar decisões e a capacidade de poder se expressar sem empecilhos. Ambos os aspectos da liberdade são, por vezes, proporcionados por meio da participação no Movimento de Mulheres Camponesas. Pois se efetiva tanto um trabalho na agricultura que auxilia as mulheres na conquista da sua autonomia econômica, através da venda dos produtos do campo, quanto a construção de um espaço de diálogos e de tomada de decisões coletivas dentro do movimento que garante às mulheres o exercício de sua autonomia por meio das escolhas efetivadas. O movimento traz, então, uma contribuição para que seja superada a negação da autonomia da mulher e a invisibilidade que por tantos anos marcou seu trabalho e suas potencialidades mesmo no contexto do campesinato (MENEZES; GASPARETO, 2013). Pertencer ao Movimento de Mulheres Camponesas torna as mulheres mais engajadas e participativas no cenário público, visto que as mesmas vivenciam esse engajamento e participação por meio da sua presença em feiras, para a venda dos seus produtos, encontros, eventos e manifestações em defesa de seus direitos. O pertencimento ao grupo tem como consequência, portanto, uma maior valorização das capacidades laborativas, sociais e políticas de suas integrantes.

Outra pesquisada, por sua vez, falou sobre o fato de que pertencer ao movimento lhe ajudou na luta por seus direitos. De forma mais específica, ela falou sobre o fato de conseguir direitos na área da saúde aos quais, anteriormente, ela não tinha acesso: “Um pouco, que hoje a gente luta por nossos direitos e consegue os exames que de primeiro a gente não tinha: exame da mama, ultrassom, raio x, tudo”. Revela-se, então, como problemático o fato de que direitos básicos somente são conseguidos a partir da luta coletiva das mulheres para que os mesmos se tornem concretos dentro do contexto no qual estão inseridas. Direitos que deveriam ser assegurados a qualquer cidadão somente são conseguidos pelas mulheres do

campo através de muita pressão exercida sobre aqueles que exercem o governo local. A fala da entrevistada denuncia, assim, o descaso para com os sujeitos do campo.

Outra pesquisada, de forma semelhante à entrevistada anterior, ressaltou os aspectos negativos que ela consegue enxergar na política após seu pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas:

Sim. Eu hoje enxergo a política que o político só enxerga o agricultor quando tem tempo de eleição. Quando passa a eleição, esquece que o agricultor existe. Na minha visão, é essa que eu vejo. Às vezes precisa de uma ajuda e eles não ajudam. A minha visão que eu vejo a política é essa.⁸

É importante dizer que o fato de muitas das mulheres encontrarem-se desiludidas com o cenário político não tem significado a adoção de uma postura apolítica. Pelo contrário, a maior parte das mulheres do movimento continuam interessadas em envolver-se em prol do bem público e dialogar e pressionar autoridades políticas para que direitos sejam efetivados na vida da comunidade camponesa.

Apenas uma entrevistada afirmou não ter tido sua visão sobre política modificada após começar a fazer parte do MMC. Esse fato parece relacionar-se com uma não participação da entrevistada com as questões políticas abordadas dentro do movimento. Tal postura, entretanto, mostra um jeito de lidar com a desilusão política bastante diferente daquele adotado pela maioria das mulheres que fizeram parte dessa pesquisa. Todavia, essa maneira de se posicionar diante da desilusão política, de algum modo, é coerente com o atual momento histórico que, como o afirmam Tomizaki e Daniliauskas (2018), tem como marca a desconfiança com relação à eficiência das democracias representativas.

Esses dados demonstram o quanto o Movimento foi importante, para a maioria das mulheres entrevistadas, em sua interpretação do real e das estruturas políticas em que vivemos. Podemos dizer que o Movimento de Mulheres Camponesas se constitui como um espaço inegável de educação não-formal em que a questão política aparece de forma marcante na formação das mulheres pertencentes ao movimento. Essa é uma importante característica do MMC, visto que, como o afirma Fischer (2006), o agir político das mulheres é capaz de romper

⁸ Entrevista concedida pela entrevistada J [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

com a cortina da invisibilidade pública.

Outro dado importante é que, a despeito de ter mais ou menos tempo de envolvimento com o MMC, todas as mulheres apresentaram uma resposta para a pergunta sobre o significado de ser uma mulher camponesa. No geral, as entrevistadas, entretanto, atribuíram significados distintos ao fato de ser uma mulher do campo.

O fato de que diferentes respostas foram dadas à questão sobre o significado de ser uma mulher camponesa não deve nos fazer acreditar num processo individualista de construção das mesmas. Essas respostas, construídas também com base na memória das entrevistadas, estão baseadas numa relação de pertencimento ao grupo, tendo em vista que, como o afirmam Schmidt e Mahfoud (1993), dissertando sobre o pensamento de Halbwachs, a memória individual precisa ser entendida como um ponto de convergência e articulação de diferentes influências sociais.

Em sua resposta, uma entrevistada apresentou a mulher camponesa como sendo sobretudo uma guardadora de sementes e alguém envolvido com uma produção orgânica; outra entrevistada ressaltou, em sua resposta, o papel da mulher camponesa enquanto aquela que luta por direitos iguais; outra pesquisada ressaltou que ser uma mulher camponesa é tirar o sustento de seu próprio esforço e trabalhar sem o uso de agrotóxicos; outra pesquisada falou sobre a mulher camponesa enquanto alguém que pode ocupar espaços, tanto no campo como em qualquer outro lugar que ela ache que deva conquistar; outra entrevistada, por sua vez, ressaltou que a mulher camponesa é uma construtora de saberes e possui uma missão que é alimentar não somente a fome, em seu aspecto material, mas também alimentar outras mulheres na solidariedade e na libertação; outra entrevistada, mostrando seu orgulho em ser uma mulher do campo, disse apenas que ser uma mulher camponesa é algo muito especial, muito bom; duas entrevistadas ressaltaram que a mulher camponesa é uma mulher trabalhadora; outra pesquisada disse que ser uma mulher camponesa é ser uma mulher guerreira; por fim, outra pesquisada definiu a mulher camponesa como sendo, ao mesmo tempo, guerreira e trabalhadora.

Quanto a essas respostas, é importante dizer que elas, de modo geral, representam visões distintas, mas não contraditórias sobre o significado de ser uma mulher camponesa. Na verdade, em alguns casos, as respostas foram aproximadas

e se revelaram como sendo complementares umas às outras. Elas, ainda que estejam em relação direta com memórias que se constroem por meio da articulação entre diferentes influências sociais e, conseqüentemente, não possam ser interpretadas de uma maneira individualista, apontam também para esse aspecto de personalidade que envolve todo esforço de interpretação do real e que se revela naquilo que mais ou menos afeta o sujeito em sua subjetividade. Nem todas as mulheres são afetadas da mesma forma pelas mesmas questões colocadas pelo MMC. Cada uma, a seu modo, sente-se mais afetada por uma ou outra questão que, por assim dizer, mais lhe comove.

No que concerne à pergunta sobre os saberes considerados essenciais para uma mulher camponesa, houve respostas diversas. Apesar disso, três pontos se fizeram presentes na fala das mulheres. O primeiro deles foi sobre a importância de saber guardar as sementes e delas fazer uso, o segundo foi sobre a importância de saber plantar e o terceiro foi sobre a importância de um cultivo saudável do solo. Tais respostas podem ser exemplificadas na fala de uma das entrevistadas. Ela disse o seguinte:

Para mim, os dois pontos que é a linha para a gente seguir é a forma correta de guardar as sementes, que a gente colhe ela, escolhe uma por uma, tira os melhores grãos para que na próxima safra eles germinem e dê mais bons frutos ainda. É saber guardar a semente, tirar a semente, secar, passar o barro vermelho nela peneirado, guardar nas garrafinhas lacradas para ser semeado na outra safra. Então, para mim, é guardar a semente e também, além de guardar a semente, é saber cultivá-la, porque não adianta plantar sem ter o cultivo, o cultivo correto. O cultivo, quando ele é feito com amor, o alimento ele serve bem melhor para nossa mesa.⁹

Os métodos apresentados pela entrevistada dizem respeito a uma forma de produção em que as mulheres se colocam como guardiãs das sementes crioulas¹⁰. As mesmas são preservadas a partir de uma série de ações das mulheres que, como visto, vão desde o ato de secar as sementes até o ato de guardá-las em garrafinhas para delas fazer uso na safra seguinte. Trata-se, portanto, de um processo em que se preservam as sementes a partir de práticas que conservam a harmonia com o meio ambiente. A importância de guardar essas sementes está

⁹ Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

¹⁰ Trindade (2006) diz que as sementes crioulas são as variedades produzidas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas ou assentados da reforma agrária. As mesmas possuem características reconhecidas pelas comunidades que as cultivam e são passadas de geração em geração, apresentado importância econômica, social e ambiental para as comunidades.

relacionada, primeiro, com a preservação de um patrimônio genético biodiverso para as futuras gerações que, dado o atual monopólio das sementes híbridas, está cada vez mais escasso. As sementes crioulas são sementes nativas fundamentais também para a garantia de uma alimentação saudável. Por isso, sua conservação é de extrema importância tanto para a realidade campesina como para a produção alimentícia nacional como um todo.

Também foi perguntado às mulheres camponesas se elas acreditavam ser compatível o modo de produção dos grandes produtores com o modo de produção efetivado pelo campesinato. As mulheres entrevistadas foram unânimes em dizer que não há nenhum tipo de compatibilidade entre as duas formas de produção. Segundo parte considerável das mulheres, a grande diferença estaria no cuidado que os camponeses possuem para com a terra – e que não é possuído por aqueles que estão envolvidos com a produção em larga escala – e, consequentemente, com o não uso de agrotóxicos por parte dos camponeses. Desse modo, nas palavras de uma das entrevistadas:

Não. É totalmente diferente porque os grandes produtores, eles não têm o amor que os camponeses têm pela terra. Porque ele só pensa em lucros. Ele não se importa se a terra ela vai ficar saudável ou não. Para ele, tendo lucros, é o que importa. É por isso que eles utilizam muito os produtos químicos. E os camponeses, eles se preocupa muito com o bem-estar da terra, porque se a terra ela estiver saudável, ele sabe que vai ter um fruto saudável e eles não plantam só por plantar. Eles plantam por amor, que é o mais importante: você ter amor por aquilo que você vai adquirir. Eles também utilizam muito máquina e as máquinas elas não faz bem para plantação.¹¹

Os sistemas convencionais de produção, então, são denunciados em sua ganância e em sua servidão ao sistema socioeconômico vigente, uma vez que os mesmos são compreendidos como sistemas que têm como objetivo o lucro a qualquer custo. Também se denunciam suas práticas, tais como o uso excessivo de produtos químicos e o uso excessivo de máquinas. Ambas as práticas, na verdade, estão associadas a uma relação com o meio ambiente que contribui para a sua degradação, visto que tanto o uso de maquinário pesado quanto o uso excessivo de produtos químicos acabam por prejudicar o solo e criar problemas para os ecossistemas.

Dessa forma, é verdadeira a afirmação de Reis (2020) de que o agronegócio

¹¹ Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

é caracterizado por uma prática predatória na sua relação com o meio ambiente, não sendo dotado de nenhuma responsabilidade ecológica em suas práticas agrícolas e não tendo nenhuma preocupação com a preservação dos recursos naturais para as gerações futuras. Além disso, suas práticas estão muito distantes de terem como meta a emancipação humana. O caminho da emancipação dos povos do campo, na verdade, somente pode ser construído a partir da busca de formas de revalorização da vida no campo ecologicamente determinada.

Duas das entrevistadas, todavia, falaram que a incompatibilidade e grande diferença entre o modo de produzir dos grandes produtores e o modo de produzir do campesinato estaria somente na estrutura. Ao passo que os grandes produtores contam com toda uma estrutura, inclusive material adequado para a irrigação em larga escala, as mulheres camponesas estão desprovidas de tais meios de produção.

A resposta à pergunta anterior, porém, torna claro que as mulheres camponesas, em sua maioria, possuem consciência sobre o modo de produção com o qual estão envolvidas e também sabem que o mesmo não pode articular-se com o modo de produzir dos grandes produtores. Tal consciência se vincula, inevitavelmente, com a consciência de que o modo como a sociedade brasileira está organizada, em seu favorecimento do agronegócio, não está correto.

Foi perguntado também se o Movimento de Mulheres Camponesas teria algum projeto de sociedade pelo qual ele luta e que projeto de sociedade seria esse. Curiosamente, três entrevistadas não se sentiram à vontade para responder essa pergunta. Uma delas afirmou não se sentir com propriedade para falar sobre esse assunto e disse preocupar-se com a possibilidade de cometer algum erro. De forma semelhante, outra também falou sobre falta de propriedade para falar sobre o assunto. A terceira, por sua vez, simplesmente pediu para que essa questão fosse deixada sem resposta. Isso indica que, julgando o assunto muito profundo e complexo e tentando evitar cometer algum equívoco ao falar sobre ele, as mulheres optaram por não responder a questão colocada.

Duas das entrevistadas que responderam essa questão, no entanto, apontaram para o papel desempenhado pela agroecologia no modelo de sociedade defendido pelo movimento, de forma que as respostas dadas por ambas as entrevistadas foram bastante parecidas. Uma delas disse:

Tem. Que é o projeto de sociedade a partir da agroecologia, onde por meio

de novos modos de produção a gente pode trabalhar a defesa da natureza e da vida das mulheres. Assim, porque a gente pode construir, pode construirmos juntos uma sociedade mais justa e mais humana.¹²

A outra, por sua vez, afirmou o seguinte: “Sim, que é o projeto de sociedade a partir da agroecologia, onde por meio de novos modos de produção, defesa da natureza e da vida das mulheres, construímos uma sociedade justa e mais humana”.

Já uma outra entrevista, embora tenha ressaltado que o projeto de sociedade defendido pelo MMC, enquanto movimento socialista, é um projeto de sociedade socialista, também apontou para a importância da agroecologia para o projeto de vida defendido pelo movimento.

Existe o projeto de sociedade que nos baseamos enquanto movimento socialista que é o projeto de sociedade socialista. Mas, o nosso projeto de vida, o nosso projeto de organização é o projeto de agricultura agroecológica feminista e camponesa a partir de um novo projeto de sociedade, pensando essa nova relação entre humanidade, natureza e, dessa humanidade e natureza, entre nós também humanos com as sementes, sem violência e para uma sociedade mais justa. Para isso, nós pautamos a agroecologia como meio de produção, vendo que a partir do meio de produzir novas formas de produzir alimentos, teremos também novas relações humanas, sem violência à terra e sem violência à vida humana e sem violência à vida natureza, conservando as diversidades que somos e as diversidades de vida.¹³

Assim, fica claro que parte das mulheres entrevistadas consegue enxergar a centralidade ocupada pela agroecologia no projeto de sociedade pelo qual o movimento luta. Trata-se do entendimento de que um modo de produzir pode afetar a existência em sua totalidade, criando novas relações tanto dos seres humanos com a natureza quanto dos seres humanos entre si.

A agroecologia pode ser entendida como uma abordagem da agricultura, uma base científica que integra em si uma diversidade de aspectos: agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos com vistas à produção de alimento, com capacidade para realizar a crítica da agricultura convencional e dar orientação ao correto redesenho e manejo dos agroecossistemas visando a autossustentabilidade (MARCOS, 2007).

O curso de agroecologia do Campus do IFAL em Murici, por sua vez, é ofertado tendo em vista, entre outros fatores, a necessidade permanente de

¹² Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

¹³ Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

produção de alimentos na zona da mata de Alagoas e se justifica a partir da necessidade de estabelecimento de política pública que faça a integração das tecnologias sociais com as políticas públicas do Governo Federal, as quais têm como prioridade a capacitação de agricultores familiares, assentados e quilombolas em tecnologias sociais com o objetivo de produzir alimentos saudáveis, de um modo sustentável e preservando o meio ambiente. O desafio que se coloca, portanto, se relaciona com a promoção de um modelo técnico científico que viabilize uma agricultura socialmente justa e inclusiva, que agregue valores à cadeia produtiva objetivando assegurar a sustentabilidade social, ambiental e econômica dos agroecossistemas (IFAL, 2019).

Os saberes das mulheres camponesas do MMC estão estreitamente vinculados ao ideal da sustentabilidade em seus vários aspectos: social, ambiental e econômico e, por isso mesmo, têm na agroecologia a forma de produção que serve ao desenvolvimento da sustentabilidade desejada. Nesse sentido, em seu modo de lidar com o solo, as plantas e todo o agroecossistema, o que as mulheres do MMC buscam é a efetivação de um modo de produzir distanciado dos agrotóxicos, excesso de máquinas e demais características de produzir típicas dos grandes produtores. A agroecologia é a base a partir da qual se desenvolvem os saberes e as práticas do Movimento de Mulheres Camponesas. Assim, valorizando conhecimentos e práticas campesinas tradicionais, as mulheres camponesas estão valorizando o desenvolvimento agroecológico.

Se faz importante ressaltar, porém, que a agroecologia não é simplesmente um retorno às práticas antigas e o abandono de todas as formas de tecnologia. Antes, ela é marcada pelo aproveitamento dos mais variados saberes empíricos ancestrais unidos às tecnologias modernas, tendo sempre a preocupação de não agredir o meio ambiente e de melhorar a qualidade de vida daqueles que executam a prática de produção (SOUZA, et al., 2020).

Assim, o enfoque científico e a abordagem interdisciplinar da agroecologia é a aposta não somente das mulheres campesinas, mas também de profissionais de diversas áreas, organizações não governamentais, instituições de ensino, pesquisa e extensão e movimentos sociais. O paradigma da agroecologia é entendido como capaz de transformar as relações socioculturais do campo e de superar as contradições ambientais e econômicas presentes no agronegócio (SARAGOSO; MACHADO e GARCIA, 2018).

Os Institutos Federais, em sua oferta de cursos de Agroecologia, podem se colocar, então, como importantes parceiros de diálogo com o Movimento de Mulheres Camponesas. Os mesmos podem ser lugares de aprofundamento das discussões em torno de modelos de desenvolvimento agroecológicos e, nesse caso, podem enriquecer o MMC com a análise aprofundada e sistematizada de questões que já fazem parte da sua realidade.

A relevância da agroecologia no projeto de sociedade defendido pelo MMC, no entanto, não foi a única questão citada para responder a pergunta sobre o projeto de sociedade pelo qual o Movimento de Mulheres Camponesas luta. Na verdade, houve uma diversidade de respostas. Uma das entrevistadas disse que o MMC luta por uma sociedade em que a mulher tenha mais espaço na política. De acordo com ela, as mulheres, que já sabem da luta diária no cuidado do lar e no trabalho, podem desempenhar um importante papel no cenário político:

Que os políticos deem mais valor às mulheres. Porque as mulheres são mulheres guerreiras. As mulheres têm que ter mais espaço na política. Porque se a mulher for na política, ela vai fazer mais do que os homens, porque as mulheres já sabem da luta, da luta da casa, do trabalho e os homens não sabem.¹⁴

Duas outras entrevistadas falaram da preocupação do movimento com a segurança das mulheres. Desse modo, uma delas afirmou que o MMC luta por uma sociedade em que a lei Maria da Penha seja de fato cumprida: “Sim. Um projeto de sociedade em que essa lei Maria da Penha fosse aprovada com palavra, de verdade. Mas ela não é aprovada de verdade”. Essa preocupação com uma lei que diz respeito à proteção das mulheres contra a violência doméstica revela o fato de que a entrevistada percebe, dentro da realidade do seu estado e da sua própria cidade, ainda um alto índice desse tipo de violência sendo efetivado contra as mulheres. A outra, também preocupada com a questão da proteção da vida da mulher contra as diversas formas de violência, disse que o Movimento de Mulheres Camponesas luta por um projeto de sociedade em que exista mais segurança na vida das mulheres: “Uma sociedade em que tenha uma segurança para melhorar a vida das mulheres”. Outra entrevistada, por sua vez, afirmou que a luta do movimento é por uma sociedade em que a estrutura para a mulher trabalhar no

¹⁴ Entrevista concedida pela entrevistada G [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

campo seja melhor que a atual: “Um projeto de mais estrutura para a mulher na agricultura. Mais valorizar a agricultura da mulher. Mais uma força e uma ajuda para ela ter mais força e sentir a vontade na agricultura, trabalhar”.

Dessa forma, diante da realidade de pouca participação e oportunidade das mulheres no cenário político, da falta de estrutura para as mulheres trabalharem no campo e da violência contra a mulher que atinge a sociedade brasileira e, de modo mais específico, a realidade alagoana, essas mulheres encontram no MMC um movimento que busca conseguir uma maior participação da mulher na política, mais estrutura para as mulheres camponesas trabalharem e a defesa da segurança e da vida das mulheres.

A pergunta sobre qual prato típico melhor representa a realidade camponesa foi respondida por metade das entrevistadas citando a fava (vicia faba) como prato típico que melhor representa a realidade do campo. Tendo em vista que esse é um prato típico bastante apreciado pelas mulheres entrevistadas, fica clara a valorização dos elementos do seu dia a dia na escolha daquilo que as representa. Uma das entrevistadas chamou a atenção para o fato de que em Alagoas, num determinado evento que aconteceria no Estado, o MMC ficou representado pela fava. Nesse ponto, nós podemos verificar como algo tão simples, como um prato típico do cotidiano camponês, ganha destaque dentro de uma dinâmica de resistência que faz a ligação entre o cotidiano e as lutas socioambientais do movimento. É a partir do esforço diário, dos elementos do cotidiano e da realidade camponesa que a luta é constituída e levada a frente pelas mulheres do campo. Não trata-se, portanto, de produzir discussões teóricas afastadas do mundo real, mas de produzir discussões teóricas que têm como seu ponto de partida a práxis camponesa.

Tem várias comidas que representa a mulher camponesa: a tapioca, a farinha, a batata-doce, a macaxeira, o beiju, a fava, o feijão-de-corda. Não tem nenhum que se destaque mais porque todas fazem parte de algum modo da nossa realidade. A fava ela é colocada no fogo apenas com água e sal, depois escorre a água, coloca o coentro e é só servir. Decidi falar da fava porque justamente é uma das sementes crioulas que o movimento do MMC em Alagoas ficou representado pelo tema da gente para falar, porque o tema é sementes crioulas que ia ter. Tem a cartilha, aí ia ter o seminário, ia ter um monte de formação, só que, devido a pandemia, aí parou tudo. Por isso que resolvi falar da fava.¹⁵

No que concerne à palavra folk-lore, a mesma foi utilizada pela primeira vez

¹⁵ Entrevista concedida pela entrevistada C [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

em 1846 pelo inglês William John Thoms. O termo tem sua origem na junção de folk (povo) e lore (saber), indicando assim um saber de origem popular. O mesmo designava os modos, os costumes, as superstições, os provérbios antigos, etc. que estavam se perdendo e poderiam, ainda que somente em partes, ser recuperados (NÉIA, 2017). Perguntadas sobre qual tradição folclórica seria mais importante dentro da realidade campesina, metade das entrevistadas responderam que as tradições mais importantes seriam aquelas relacionadas com a época dos festejos juninos. De modo especial, essas entrevistadas falaram sobre o prazer em elaborar os pratos típicos desse período do ano.

Duas das entrevistadas citaram a contação de contos ou a contação de histórias como a tradição folclórica mais importante do campesinato. Nas palavras de uma delas a importância dessa tradição estaria em sua força para manter a ancestralidade viva; outra entrevistada citou o costume, já não mais existente, de fazer farinha. Tal escolha se deu porque esse seria um momento em que todos se reuniam. O que fica visível é que as tradições escolhidas como mais importantes são justamente aquelas que preservam os laços entre as pessoas e as gerações, seja por meio da reunião dos membros da comunidade para o preparo e consumo dos pratos típicos dos festejos juninos, através da manutenção dos laços entre as gerações por meio da contação de histórias ou a partir da reunião dos membros da comunidade para a execução de um trabalho em comum. Há uma valorização por parte da maioria das mulheres do estabelecimento dos laços afetivos dos membros da comunidade entre si e dos membros da comunidade para com o seu passado.

De extrema importância, nesse caso, é a preservação da identidade por meio da memória. Como o afirmam Schmidt e Mahfoud (1993), citando o pensamento de Halbwachs, o sujeito que lembra é, em toda circunstância, alguém que está inserido e habitado por grupos de referência. Assim, ainda que a memória seja um trabalho do indivíduo, sua constituição se dá sempre a partir do grupo. Isso torna visível a importância de práticas que preservem os laços afetivos da comunidade e mantenham a memória da comunidade viva a cada nova geração.

Duas entrevistadas, todavia, optaram por não responder essa pergunta. Ambas as entrevistadas demonstraram desconhecimento com relação às tradições folclóricas típicas do campesinato.

Respondendo a pergunta sobre quais conhecimentos sobre plantas medicinais seriam indispensáveis para a realidade campesina, todas falaram sobre a

importância dos chás. Isso mostra que os chás são uma das principais formas que as mulheres camponesas encontram para restaurar sua saúde quando a mesma é atingida por algum mal. O chá mais citado, sendo mencionado por metade das entrevistadas, foi o chá de erva cidreira (*Melissa officinalis*). Uma das entrevistadas esclareceu que o mesmo serve sobretudo para resolver o problema da barriga inchada, proporcionando a eliminação de gases. Desse modo, ficou visível que os chás ocupam um lugar de destaque dentro das práticas medicinais tradicionais do campesinato. Outra entrevistada, além disso, no entanto, falou um pouco sobre a importância de estabelecer um diálogo entre a medicina convencional e o uso medicamentoso das plantas efetivado pelas mulheres do campo, afirmando não existir contradição entre as duas formas de medicina, mas complementariedade entre ambas.

Vários. Eu acho que desde a forma de colher a planta, o cultivo, a forma de preparar os chás, os banhos. Eu acho que a medicina camponesa, a partir das ervas medicinais, tem uma relação muito com o que hoje tá se colocando como homeopatia, que é a manipulação das plantas, o extrair delas o que há de melhor, fazer os chás. O que mais eu posso dizer? Eu acho que todos têm uma importância grande, mas desde que sabido usar. Porque, assim como a medicina convencional tem suas regras, a medicina camponesa também tem suas regras. Ninguém pode estar tomando um chá todo dia durante dez anos, não sei quanto tempo. Diferente de uma medicina convencional que você toma um comprimido todo dia, dez anos da sua vida. A medicina com as plantas medicinais, ela tem um tempo. Porque, do contrário, ela pode intoxicar. Ela pode, ao invés de causar bem, causar mal. Tem que saber a dosagem. Não é fazer uma garrafa e tomar o dia todo, mas ter um horário certo para tomar. Então, seguir-se a regra e por isso que é tão importante dialogar a medicina tradicional camponesa com a medicina alopata dos médicos, da medicina convencional. Então, fazer essa dialética¹⁶ entre os dois mundos, porque um complementa o outro¹⁷.

Tal fala apresenta-se como questionável, uma vez que, sobretudo nos ambientes acadêmicos, há ainda uma desvalorização dos conhecimentos medicinais tradicionais do campo e uma supervalorização da medicina convencional. Assim, longe de existir uma relação de complementariedade, conforme exposto pela entrevistada, o que existe é quase que a total rejeição, por parte daqueles que estão envolvidos com a medicina convencional, dos saberes medicinais dos povos do campo.

Dessa maneira, através das falas das entrevistadas, é possível visualizar a

¹⁶ O termo dialética é utilizado pela entrevistada com a intenção de fazer referência à necessidade de diálogo entre as formas de medicina citadas.

¹⁷ Entrevista concedida pela entrevistada E [09. 2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

realidade camponesa em toda a sua riqueza cultural. Essa riqueza é vista na produção culinária dos povos do campo, nas tradições folclóricas vivenciadas pelas mulheres camponesas e na medicina alternativa que essas mulheres desenvolvem através do uso de plantas para fazer chás. A produção cultural camponesa, porém, nem sempre é devidamente valorizada, pois existe ainda um preconceito que se faz presente em muitos ambientes acadêmicos com relação aos saberes dos povos do campo. Um primeiro passo para a superação desse preconceito, todavia, pode dar-se a partir de ações que tenham como objetivo tornar presentes no ambiente acadêmico os saberes típicos do campesinato.

Quanto ao pertencimento a algum grupo religioso, prevalece entre as mulheres entrevistadas o cristianismo em sua versão católica romana. Das dez entrevistadas, sete se declararam católicas. Apenas duas entrevistadas se declararam evangélicas e somente uma entrevistada declarou não pertencer a nenhuma religião e disse que, apesar de ser batizada na Igreja Católica, tem se aproximado da Umbanda. O MMC, no entanto, é marcado pela tolerância para com as minorias religiosas.

Essa realidade torna-se visível no fato de que as mulheres foram unânimes em responder que não havia nenhum vínculo específico entre a religião delas e a atuação do Movimento de Mulheres Camponesas. De acordo com as palavras de uma das entrevistadas, o movimento entende que a religião, enquanto força espiritual da mulher, deve ser fortalecida e respeitada e o MMC não deve interferir nesse aspecto da vida das mulheres:

Não. Até porque o Movimento de Mulheres Camponesas trabalha independente de religião, apoiando as mulheres, também pela defesa da vida e da terra, contra a violência e a exploração e não com a religião. Então, a gente entende que a fé de cada pessoa, de cada mulher é de sua força espiritual e que deve ser fortalecida conforme sua fé sem interferências do movimento. Então, a religião aí é independente.¹⁸

Outra entrevistada falou sobre a diversidade religiosa presente no movimento e enfatizou que o mesmo não é constituído por uma única religião:

Não, não tem a ver, assim, a religião, porque há católico, há gente de todas as religiões no movimento. Não é só uma religião específica. Então, acho que não tem nada a mais a falar sobre a minha religião, porque há vários

¹⁸ Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

tipos de religião: tem gente evangélica, tem gente católica, tem ateu, tem de todo tipo.¹⁹

Outra pesquisada afirmou que o próprio movimento está fundado sobre a diversidade de mulheres a nível nacional e que a diversidade de crenças religiosas dentro do movimento é apenas um aspecto dessa diversidade:

Não, não acredito que tenha nenhuma relação, não. Acho que o movimento, ele nasce a partir dessa diversidade de mulheres, a partir das articulações de mulheres, em sua diversidade de representação. Não só nacionalmente falando, a nível de diversos lugares, diversos estados, diversos municípios, diversas culturas, mas também diversas formas de acreditar em Deus e isso nunca interferiu dentro do Movimento. Pelo contrário, isso fortalece a gente ao respeito uma com as outras, ao amor uma com as outras, à tolerância religiosa mesmo, para a gente enxergar mais do que os rótulos da religião e, sim, a existência das pessoas e, sim, as mulheres, sem ser a religião. Mas, sim, a mulher.²⁰

Outra entrevistada, por sua vez, afirmou a importância do respeito para com a religião do próximo e falou também sobre a igualdade entre as mulheres:

Não. Assim, cada um tem sua religião. Não tem diferença. São tudo mulheres, iguais. A gente tem que respeitar a religião dela e a da gente. Todas as religiões convivem bem dentro do movimento.²¹

Seguindo uma linha de raciocínio parecida, outra pesquisada falou que, para o bom relacionamento entre as mulheres, deve se efetivar uma relação de respeito mútuo entre elas: “Não. Eu respeito a minha e elas respeitando a minha, eu também respeito a delas. Se tiver alguma religião diferente, não vou me opor”.

Outra pesquisada falou sobre a diversidade de crenças religiosas dentro do movimento e sobre a liberdade de cada mulher para valorizar sua própria religião:

São meio diferentes. Porque tem uns que vão para uma missa, outros não vão. Outros já é outra religião. Mas para mim é a mesma coisa. Porque cada qual que dê valor a sua religião. No grupo de mulheres, tem mulheres de religiões diferentes e todas elas são bem-vindas.²²

¹⁹ Entrevista concedida pela entrevistada C [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

²⁰ Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

²¹ Entrevista concedida pela entrevistada G [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

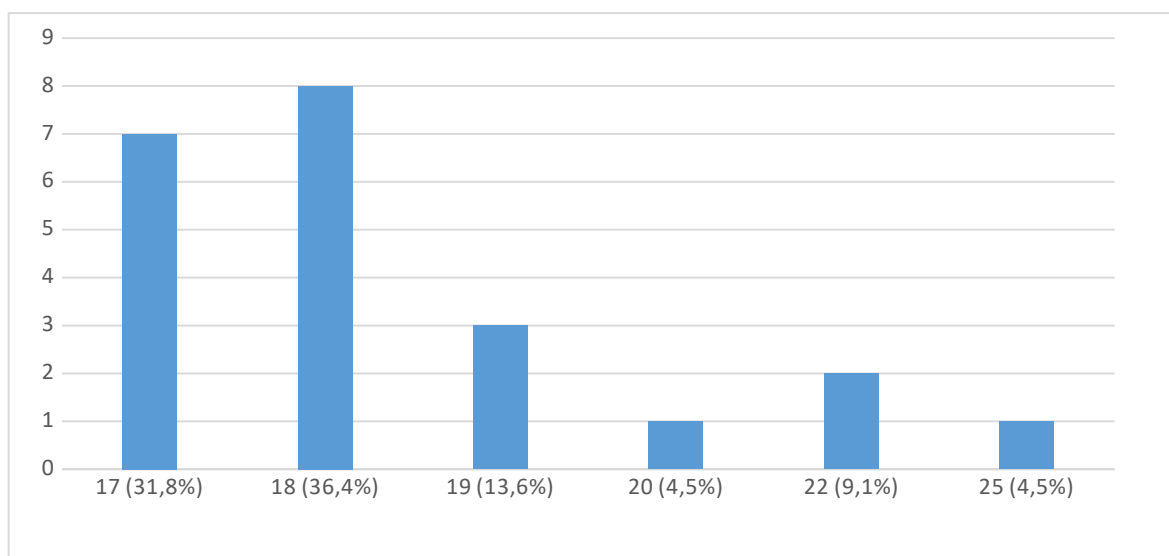
²² Entrevista concedida pela entrevistada H [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Outra entrevistada ressaltou que, embora existam entre as mulheres convicções religiosas distintas, todas elas estão relacionadas com a crença no mesmo Deus: “Não. A gente tem um Deus só. A religião não faz diferença”. Tal afirmação, no entanto, pode ser questionada, uma vez que outra pesquisada, em sua fala, afirmou também a existência, no grupo, de mulheres que não acreditam em Deus.

Desse modo, o que fica claro é que, segundo as mulheres entrevistadas, o movimento não abraça nenhuma religião, mas acolhe dentro de si mulheres que pertencem a grupos religiosos diversos, mostrando-se como um ambiente de exercício da tolerância religiosa. Isso acontece, entretanto, numa realidade sociocultural que, embora veja o surgimento do fortalecimento de alguns discursos fundamentalistas, tem como marca uma valorização maior da autonomia dos sujeitos e, por consequência, uma liberdade maior dos indivíduos para criar, manter ou romper vínculos com grupos religiosos. Trata-se, então, de uma realidade sociocultural em que já não há mais o domínio social exercido por uma única religião. Mas há espaço para a pluralidade de discursos religiosos.

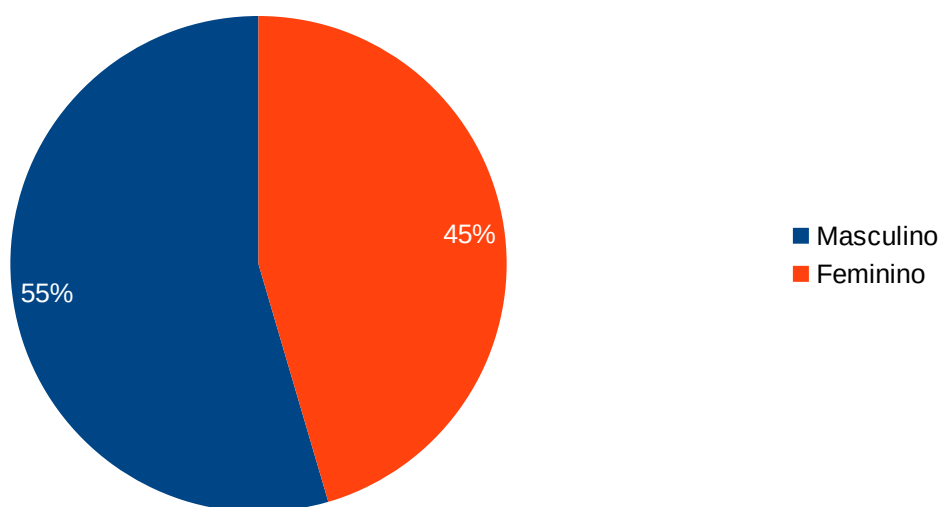
3.1 Avaliação do Produto Técnico-Tecnológico

No que concerne ao questionário, a opção por trabalhar com o mesmo se deu por ainda estarmos inseridos num contexto marcado pela pandemia da Covid-19, no mês de setembro de 2021. Isso tornou-o o meio mais viável de obtermos informações dos estudantes mesmo estando privados da possibilidade do contato pessoal com eles. A primeira pergunta presente no mesmo estava relacionada ao perfil dos estudantes e, por isso mesmo, buscava saber a idade deles. A conclusão obtida foi que os alunos possuem entre dezessete e vinte e cinco anos. Sendo a sua maioria (68,2%) constituída por discentes de dezoito e dezessete anos e existindo no grupo apenas um discente com vinte anos e um com vinte e cinco anos.

Gráfico 1 - Idade

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

A segunda pergunta do questionário, ainda tendo como objetivo conhecer o perfil dos estudantes, foi sobre o gênero dos mesmos. Viu-se a partir dela que prevalece na turma o gênero masculino, se identificando com esse gênero 55% daqueles que responderam a esse questionário e sendo 45% a porcentagem de pessoas do gênero feminino que avaliaram o ebook.

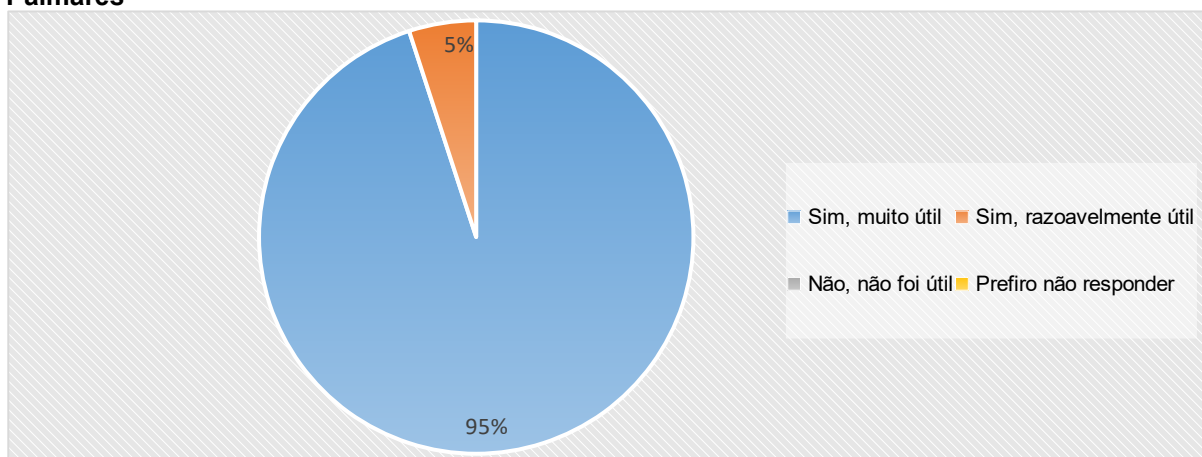
Gráfico 2 – Gênero

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A primeira pergunta feita sobre o ebook foi a seguinte: O ebook é útil para um

maior conhecimento sobre o Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares – AL? A essa pergunta, 95% responderam que o ebook é muito útil para esse maior conhecimento e 5% (o que equivale a um participante) responderam que ele é razoavelmente útil.

Gráfico 3 – Utilidade do ebook para um maior conhecimento sobre o MMC de união dos Palmares



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

As respostas a essa pergunta deixaram claro que há uma inegável contribuição do material pedagógico produzido para um maior conhecimento acerca do MMC de União dos Palmares. Todos os participantes dessa pesquisa concordaram que o ebook pode proporcionar um maior conhecimento sobre o Movimento de Mulheres Camponesas dessa cidade. Sendo assim, pode ser afirmado que a utilização desse ebook no IFAL é uma forma de trazer para o ambiente formal de ensino a realidade das mulheres do campo e de dar uma maior visibilidade a esse movimento no contexto escolar.

A presença desse conhecimento no ambiente formal de ensino é relevante para a concretização de uma educação efetivamente emancipatória. Trata-se de colaborar para que movimentos populares sejam verdadeiramente incluídos nos processos pedagógicos formais e contribuir para que, cada vez mais, o povo assuma o centro desses processos. Como bem observa Pulga (2013), está comprovado historicamente que colocar o povo no centro do processo é o melhor caminho e se constitui enquanto tarefa indispensável para a construção de uma sociedade realmente justa e solidária.

Para além disso, o fato do ebook mostrar as mulheres enquanto produtoras de conhecimento é importante para a superação de uma concepção machista de

mundo que vê apenas os homens como provedores da cultura e da história oficial (GEBARA, 2002), nunca reconhecendo o protagonismo histórico das mulheres. As lutas das mulheres e os conhecimentos por elas produzidos são fatores essenciais para a superação de uma compreensão das mulheres que, como o coloca Perrot (2012), as entendia como sendo desprovidas de importância social, histórica e política.

A segunda pergunta sobre o ebook foi a seguinte: quais informações sobre o Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares contidas no ebook você julga como sendo mais relevantes? Oito, dos vinte e dois participantes, responderam dizendo que todas as informações contidas no ebook são importantes ou simplesmente afirmando que o ebook como um todo é útil para um maior conhecimento sobre as mulheres camponesas; dois participantes responderam que a tabela de dados presente no ebook é muito importante, pois mostra a diversidade presente no movimento; outros dois estudantes responderam que a questão política é muito relevante; outros dois participantes afirmaram que a questão da representatividade das mulheres é a mais relevante; um(a) outro(a) estudante citou as informações sobre o modo de vida das mulheres como sendo mais relevantes; outro(a) participante citou os saberes sobre o uso da terra, as informações sobre o projeto de sociedade, a apresentação dos pratos típicos, das tradições folclóricas e das plantas medicinais como sendo as informações mais relevantes e um(a) outro(a) estudante afirmou que o conteúdo mais relevante do ebook é a questão da idade e da subordinação das mulheres diante dos homens. Cinco participantes não responderam essa pergunta.

Essas respostas mostram que os alunos possuem interesses diversos no que concerne à realidade das mulheres camponesas de União dos Palmares. O que se faz notar também é que a maioria deles julga que o ebook possui algum conteúdo relevante ou entende que ele por inteiro é dotado de relevância naquilo que apresenta acerca da realidade campesina do MMC. Nesse sentido, é possível afirmar que esse material é considerado como tendo uma inegável importância para esses alunos do curso de agroecologia do IFAL.

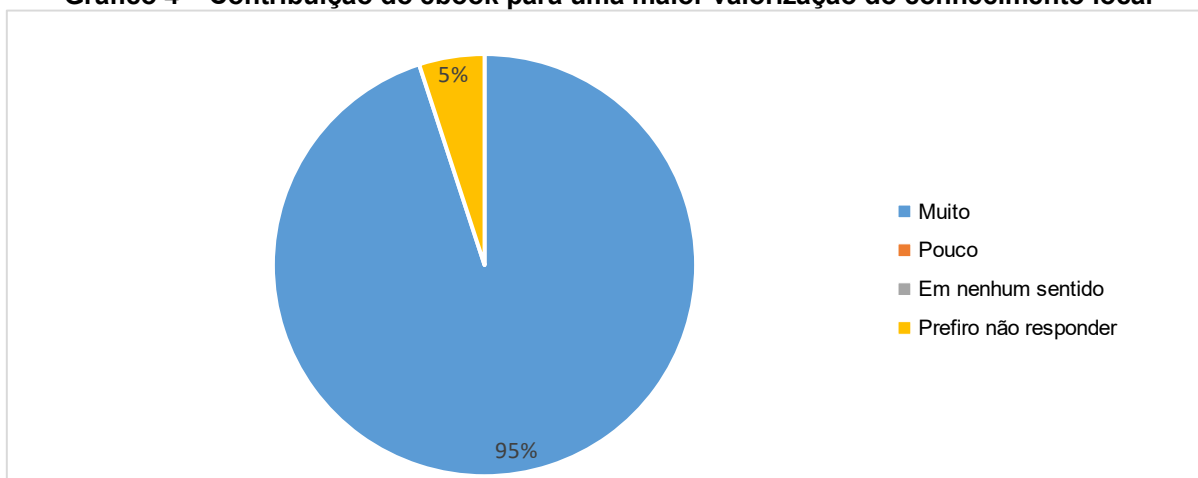
A importância dessas informações e a afirmação feita por parte considerável dos participantes de que todas as informações contidas no ebook são relevantes estão inegavelmente ligadas ao fato de que as mulheres podem contribuir sobretudo para o debate acerca de um projeto de sociedade efetivamente libertador e

emancipatório. Esse debate, tão marcante no século passado, continua relevante na atualidade (CAMPOS, 1992) e as mulheres continuam atuantes na apresentação de questionamentos sobre a realidade na qual estão inseridas e na reivindicação de pautas que têm por objetivo transformar essa mesma realidade.

As mulheres, por meio de suas lutas, têm conseguido transformar suas dificuldades cotidianas e de cunho privado em problemas a serem discutidos publicamente, mostrando também que os mesmos estão estreitamente vinculados às diversas formas de opressão ainda vivenciadas pelas mulheres na atualidade (GADOTTI; TORRES, 1994). O ebook, nesse sentido, também tem a intenção de contribuir nesse processo de trazer para a esfera pública a discussão acerca das dificuldades enfrentadas pelas mulheres. Suas informações, no entanto, também são relevantes por mostrar a luta das mesmas contra a hegemonia do mercado. Essa luta é visualizada em práticas como a preservação das sementes dos produtos básicos de sua alimentação e na preservação dos saberes sobre plantas medicinais, em contraposição aos medicamentos prescritos pela medicina convencional (BONI, 2013).

A terceira pergunta sobre o ebook foi: você considera que o ebook pode contribuir para uma maior valorização do conhecimento local? A essa pergunta, 95% dos participantes responderam que o ebook pode contribuir muito para uma maior valorização do conhecimento local e apenas 5% (o que equivale a um participante) optaram por não responder a questão colocada.

Gráfico 4 – Contribuição do ebook para uma maior valorização do conhecimento local



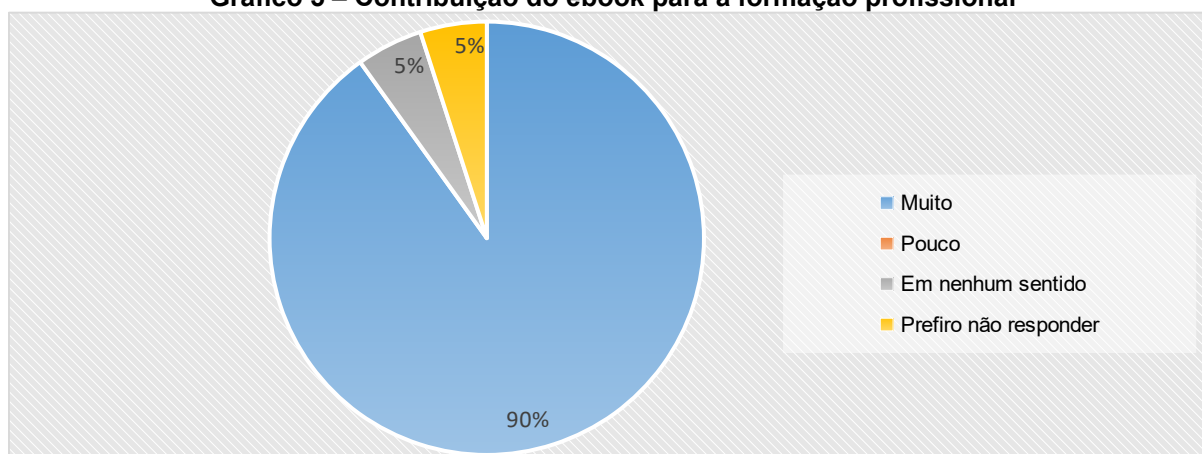
Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Dessa maneira, torna-se visível que, de acordo com a opinião da maioria dos

participantes, o ebook cumpre com a sua função de fazer com que o conhecimento tradicional campesino seja mais valorizado dentro do ambiente formal de ensino. Por meio dele é possível compreendermos um pouco a riqueza de saberes presente na vida das mulheres do campo, em suas tradições, costumes e em sua cultura como um todo.

Charlot (2000) afirma, na verdade, uma série de reivindicações em torno da valorização da cultura local no mundo todo. Isso revela que, cada vez mais, as pessoas têm se conscientizado acerca da importância das culturas locais para que seja repensado o modo como a sociedade se organiza. Ganham destaque nesse contexto as possibilidades de contribuições apresentadas pelas culturas tradicionais. Apesar disso, ainda se faz necessário superar a visão educacional atual, em conformidade com a qual o conhecimento científico seria o único válido (BAPTISTA, 2010). Tal superação está fortemente vinculada ao reconhecimento da importância dos conhecimentos das comunidades tradicionais e à superação de uma visão de mundo etnocêntrica da qual somos herdeiros desde a época da colonização (PERRELLI, 2008). Reconhecer a importância dos conhecimentos dos povos do campo, por sua vez, é tarefa imprescindível para aqueles que se propõem a construir uma sociedade mais participativa e democrática.

A última pergunta sobre o ebook abordou a questão da relação entre o mesmo e a formação profissional dos alunos. Ela apresentava a seguinte questão: você acredita que o ebook pode contribuir para a sua formação profissional? Também no que concerne a essa pergunta, o ebook foi avaliado positivamente. Aproximadamente 90% dos participantes responderam que o ebook é muito útil para a sua formação profissional. Aproximadamente 5% (o que equivale a um participante) responderam que o ebook não é útil em nenhum sentido para a sua formação profissional e aproximadamente 5% (o que equivale a um participante) optaram por não responder a essa questão.

Gráfico 5 – Contribuição do ebook para a formação profissional

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Desse modo, torna-se visível que, de acordo com a opinião da maior parte dos estudantes, o ebook pode em muito contribuir para a sua formação. Ele pode, dentre outras coisas, auxiliar na concretização de uma formação efetivamente omnilateral e que ponha em diálogo os saberes formais e não-formais. Assim pode fazê-lo na medida em que, ajudando a superar uma formação puramente tecnicista, coloca para o aluno questões éticas, políticas e sociais e enquanto traz para o ambiente formal de ensino uma série de saberes construídos no âmbito da não-formalidade. Gliessman (2000) diz ainda que os conhecimentos dos agricultores tradicionais são uma inegável fonte de informações que deve ser levada em consideração por todos aqueles que estão envolvidos com a agroecologia. Assim, o ebook contribui na construção de um perfil profissional que dialogue com a realidade campesina das mulheres do MMC e que, por meio desse diálogo, esteja também engajado com suas lutas sociais, políticas e compreenda a importância da agroecologia para o contexto onde essas mulheres vivem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas efetivadas com as mulheres do MMC e as respostas dadas ao questionário comprovaram que aquilo que elas têm a dizer possui também relevância para a escola e para o mundo do trabalho, visto que elas fazem parte de um movimento que, além de se importar com a terra e seu cultivo, tendo como ponto de partida para tal a agroecologia, também coloca para as mulheres questões como o machismo, racismo, tolerância religiosa, etc. É, portanto, um espaço de educação não-formal que em muito contribui para a formação dos sujeitos a ele pertencentes.

Desse modo, acreditamos que o diálogo entre saberes formais e não-formais pode ser proveitoso tanto para aqueles que estão dentro do contexto da educação formal quanto para aqueles que estão envolvidos com o contexto da educação não-formal. Os primeiros receberão, como já dito, a possibilidade de ultrapassar as questões de cunho mais técnico e serem enriquecidos com questões de interesse e relevância social trabalhados pelo Movimento de Mulheres Camponesas e a partir da realidade dessas mesmas mulheres; os segundos, por sua vez, poderão ter sua voz ampliada e receber também da escola o apoio para suas lutas e a defesa de suas pautas.

Para além do que já foi exposto, valorizar os saberes produzidos na não-formalidade é dizer para o aluno que o conhecimento que se produz fora do ambiente escolar também é digno de atenção e contribui para a formação intelectual e humana do sujeito que se encontra com essa forma de conhecimento.

São essas contribuições que atestam a validade da criação do material pedagógico que foi elaborado a partir da presente pesquisa - um ebook contendo as vivências e os saberes das mulheres do MMC – e a aplicação desse mesmo material em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALVES, D. R. S.; PASSOS, M. M.; ARRUDA, S. M. A educação não formal em periódicos da área de ensino de Ciências no Brasil (1979-2008). **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 16-40, jan/abr. 2010.
- ANDRADE, D. P. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 1, p. 211-239, jan./abr. 2019.
- BAPTISTA, G. C. S. Importância da demarcação de saberes no ensino de Ciências para as sociedades tradicionais. **Ciência e educação**, Bauru, v. 16, n. 3, p. 679-694, 2010.
- BONAMIGO, C. A. Limites e possibilidades históricas à educação omnilateral. **EDUCERE - Revista da Educação**, Umuarama, v. 14, n.1, p. 83-101, jan/jun. 2014.
- BONI, V. Movimento de Mulheres Camponesas: um movimento camponês e feminista. **Revista Grifos**. n. 34/35, p. 67-88, 2013a.
- BONI, V. O Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina e sua Identidade (Eco) Feminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2013b.
- CAMACHO, R. S. **Paradigmas em disputa na educação do campo**. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências de Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.
- CAMPOS, G. W. **Reforma da reforma: repensando a saúde**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. IN: CONTIN, I. L.; PIES, N.; CECCONELLO, R. (Org). Agricultura familiar: caminhos e transições. Passo Fundo: IFIBE, 2006.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- CIAVATTA, M. O Ensino Integrado, a politecnia e a educação omnilateral. Por que lutamos? **Trabalho e Educação**. Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187-205, jan/abr. 2014.
- CONTE, I. I.; WESCHENFELDER, N. V.; CINELLI, C. A. A Construção do Feminismo e da Identidade Camponesa no Movimento de Mulheres Camponesas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2010.
- DUSSEL, E. **Filosofia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1977. [Trad. Luiz João Gaio].

ESCOTT, C. M.; MORAES, M. A. C. História da educação profissional no Brasil: as políticas públicas e o novo cenário de formação de professores nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. **IN: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: “história, sociedade e educação no Brasil”**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, p. 1492-1508, 2012.

ESMERALDO, G. G. S. L. **O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

ESTEVAO, Carlos V. Democracia, Direitos Humanos e Educação: Para uma perspectiva crítica de educação para os direitos humanos. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 17, p. 11-30, 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502011000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 out. 2019.

FAORO, R. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 2012.

FERNANDES, B. M.; TARLAU, R. Razões para mudar o mundo: A Educação do Campo e a contribuição do PRONERA. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 140, p. 545-567, jul/set, 2017.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Consciência, vivência e vida: um percurso fenomenológico. **Rev. Abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 29-41, jun. 2010.

FISCHER, I. R. **O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

FONSECA, C. S. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica, 1961.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FREITAG, B. **Escola, estado e sociedade**. São Paulo: Moraes, 2000.

FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M; RAMOS, M. **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

FRIGOTTO, G. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 46, p. 235-274, jan./abr. 2011.

GADOTTI, M; TORRES, C. A. **Educação Popular em América Latina: Crítica y perspectivas**. IN: GADOTTI, M; TORRES, C. A. Educação Popular; utopia latino-americana. São Paulo: Cortez, 1994.

GEBARA, Ivone. **Cultura e Relações de Gênero**. São Paulo: Cepis, 2002.

GLIESSMAN, S. R. **Field and laboratory investigations in agroecology**. Boca Ratón: CRC Press LLC, 2000.

GOHN, M. G.; Educação não-formal na pedagogia social. IN: **Congresso Internacional de Pedagogia Social**, 1., 2006.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere. Vol. 3. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HERNANDES, P. R. A reforma do Ensino Médio e a produção de desigualdades na educação escolar. **Educação**, Santa Maria, v. 44, p. 1-19, 2019.

IFAL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas. Projeto do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Agroecologia. Disponível em: <<https://www2.ifal.edu.br/campus/murici/ensino/arquivos/projetodocursodeagroecologiareformuladomuricireformulado01081.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2021.

LOURENÇO, F. A. **Agricultura Ilustrada: Liberalismo e escravidão nas origens da questão agrária brasileira**. Campinas: EdUnicamp, 2001.

MANACORDA, M. A. Marx e a formação do homem. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, número especial, p. 6-15, abr 2011.

MANESCHY, M. C. **Mulheres na Pesca Artesanal: Trajetórias, Identidades e Papéis em um Porto Pesqueiro no Litoral do Estado do Pará**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

MARCOS, V. de. Agroecologia e campesinato: uma nova lógica para a agricultura do futuro. **AGRÁRIA**, São Paulo, n. 7, p. 182-210, 2007.

MARQUES, M. I. M. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Nera**, Presidente Prudente, ano 11, n. 12, p. 57-67, jan./jun., 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos sobre Educação e Ensino** [trad. Rubens Eduardo Frias]. São Paulo: Centauro, 2004.

MENEZES, M. A.; GASPARETO, S. A. K. **As jovens do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em Santa Catarina**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

MÉSZÁROS, I. **A Educação para além do capital** [Tradução: Isa Tavares]. 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MIRANDA, E. L.; FIUZA, A. L. C. Movimentos Sociais Rurais no Brasil: o estado da arte1. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 55,n. 1, p. 123-136, Jan. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

20032017000100123&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Nov. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/1234-56781806-94790550107>.

MOTTA, V. C.; FRIGOTTO, G. Por que a urgência da Reforma do Ensino Médio? Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 355-372, abr./jun. 2017.

MOURA, D. H. Educação Básica e Educação Profissional: Dualidade Histórica e Perspectivas de Integração. **CEFET-RN: GT Trabalho e Educação**, n. 9, 2008.

MOURA, D. H. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, Sept 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000300010&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022013000300010>.

NÉIA, V. H. S. O folclore e a escrita da História: a cultura popular como fonte. **Resgate-Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 203-226, jan./jun. 2017.

NETO, A. R. C. **O Debate da Filosofia Crítica da Tecnologia no Ensino Médio Integrado Profissional através de uma sequência didática**. 2020. 104 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, Maceió.

OLIVEIRA, C. **Crítica à razão dualista, o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

OLIVEIRA, L. M. S. R.; CORIOLANO, J. W. G. **A Produção Familiar Campesina e a Produção Média Agrícola: encontros no campo para o desenvolvimento sustentável (Sociedade – Economia – Natureza)**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R. (Org). *Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI*. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

OLIVEIRA, R. de A. A Reforma do Ensino Médio como expressão da nova hegemonia neoliberal. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 24, p. 1-20, 2020.

PERRELLI, M. A. S. Conhecimento tradicional e currículo multicultural. **Ciência e educação**, Bauru, v. 14, n. 3, p. 381-396, 2008.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres** [trad. Angela M. S. Corrêa]. 2 ed. Contexto: São Paulo, 2012.

PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PULGA, V. L. Contribuições do Movimento de Mulheres Camponesas para a formação em saúde. **Trab. Educ. Saúde.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 573-590, set./dez. 2013.

RAMOS, M. N. **Concepção do Ensino Médio Integrado**. Disponível em: <<https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>>. Acesso em: 12/12/2019.

RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. Curitiba, PR: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <<http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/História-e-política-da-educacao-profissional.pdf>>.

REIS, A. H. **Introdução: A Via Ecológica da Agricultura: desafios e perspectivas**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R. (Org). Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020

SALVARO, G. I. J.; LAGO, M. C. de S.; WOLFF, C. S. "Mulheres agricultoras" e "mulheres camponesas": lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 79-89, 2013.

SAMPER-ERICE, A.; CHARAO-MARQUES, F. Mulheres camponesas, discursos e práticas para outro desenvolvimento. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 683-705, Aug. 2017.

SARAGOSO, T. M. R.; MACHADO, L. G.; GARCIA, E. G. M. Agroecologia: uma ciência interdisciplinar. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 3, n. 1, 2018.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, 4 (1/2), p. 285-298, 1993.

SCHMIDT, W. **Educação do Campo: agroecologia e campesinato: três ângulos, três lados, mas não um triângulo**. Florianópolis: NEA Educampo/ UFSC, 2018.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. O processo pedagógico da luta de gênero na luta pela terra: o desafio de transformar práticas e relações sociais. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 55, p. 87-109, Mar. 2015.

SEVERO, J. L. R. L. Perspectivas curriculares sobre a formação do pedagogo para a Educação não Escolar. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, v. 34, e 176656, 2018.

SILVA, M. A. de M. S. **Camponesas, fiandeiras, tecelãs, oleiras**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

SOUZA, E. M. [et al.]. **Agricultura e Bem-Estar Humano: uma relação indispensável à sustentabilidade ambiental**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.;

OLIVEIRA, L. M. S. R. (Org). Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

TÁBOAS, I. D. M. Z. **Viver sem violência doméstica e familiar: a práxis feminista do Movimento de Mulheres Camponesas**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo. Cortez: Autores Associados, 1986.

TOMIZAKI, K; DANILAUSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro.Posições**, São Paulo, v. 29, n. 1 (86), p. 214-238, Jan./Abr. 2018.

TRINDADE, C. C. Sementes crioulas e transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais. **Universidade do Estado do Amazonas**. 2006. Disponível em: http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf, Acesso em dezembro de 2020.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. p. 443-446, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 06 de setembro de 2019.

VATTIMO, Gianni. **Adiós a La Verdad**. Barcelona. Gedisa Editorial, 2009.

VIGIL, José Maria [et al.]. **Opção pelos Pobres Hoje**. São Paulo. Paulinas, 1992.

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLOR, Cristhiane Carneiro Cunha. Saberes Populares e Educação Científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 308-328, Ago. 2015.

APÊNDICE A



EXPEDIENTE TÉCNICO

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS - IFAL
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA - PROFEPT

Autor: **Eduardo Lourenço Figueiredo**

Coautor e orientador: **Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles**

Projeto gráfico e diagramação: Alan Fagner Ferreira



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

F475s

Figueiredo, Eduardo Lourenço.

Saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares / Eduardo Lourenço Figueiredo; Nelson Vieira da Silva Meirelles. – 2021.

60 f. : il.

1 CD-ROM: il.

Produto Educacional da Dissertação Saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares no ensino de agroecologia do Ifal – Campus Murici - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2021.

1. Ensino. 2. Sabedoria Popular. 3. Agroecologia. 4. Relevância Social. 5. Material Didático I. Título. II. Meirelles, Nelson Vieira da Silva.

CDD: 370

Fernanda Isis Correia da Silva
Bibliotecária - CRB-4/1796

AUTORES

Nelson Vieira da Silva Meirelles

Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - IFAL. Possui Doutorado em Zootecnia pela Universidade Federal da Paraíba (2012), Mestrado em Zootecnia pela Universidade Federal da Paraíba (2009), Graduação em Zootecnia pela Universidade Federal de Alagoas (2006) e Técnico em Agropecuária pela Escola Agrotécnica Federal de Satuba-AL (2003). É professor e pesquisador permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e Bolsista do Programa de Apoio a Produtividade em Pesquisa (PAPPE) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Tem experiência na área de Zootecnia, com ênfase em Produção de Ruminantes, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Produção de Ruminantes de Base Agroecológica, Práticas Pedagógicas em Educação Profissional e Tecnológica, Organização do Espaço e Memórias em Educação Profissional e Tecnológica e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

Eduardo Lourenço Figueiredo

Professor de Ensino Básico da Rede Estadual de Ensino de Alagoas. É aluno de Mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas – IFAL. Possui Especialização em Filosofia Contemporânea pela UFAL – Universidade Federal de Alagoas (2018). É graduado em Filosofia pela UFAL – Universidade Federal de Alagoas (2016).

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho apresenta os saberes e vivências de algumas mulheres que fazem parte do Movimento de Mulheres Camponesas do município de União dos Palmares – AL. Seu objetivo é tornar visível as opiniões, concepções e saberes das mulheres do campo. Nesse sentido, o e-book pode apropriar-se daquilo que Jacques Le Goff (1990) afirma ser um compromisso do historiador diante dos progressos da democracia: interessar-se pelo lugar dos pequenos na história, e defender como seu esse mesmo interesse, visto que também ele coloca-se ao nível da vida cotidiana para permitir que as mulheres falem e apresentem suas memórias, vivências e saberes.

Outro objetivo desse e-book é tornar possível o diálogo entre os saberes formais e não-formais, posto que o mesmo tenha sido elaborado para ser utilizado como material didático no curso de Agroecologia do IFAL, campus Murici. Parte da ideia de que os saberes e vivências das mulheres camponesas devem ser valorizados e apresentados no contexto da educação formal para que, desse modo, a sabedoria popular campesina possa ser discutida dentro do ambiente acadêmico, o que pode se expandir para outras realidades em diferentes regiões.

O presente e-book está dividido em cinco capítulos. O primeiro deles apresenta o perfil das mulheres entrevistadas e, assim, expõe a idade das mulheres, seu nível de escolaridade, sua fonte de renda e o tempo de pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas.

O segundo capítulo se detém sobre a questão da modificação da visão política das mulheres proporcionada pelo seu pertencimento ao movimento e também analisa as respostas dadas pelas mulheres para a questão acerca do significado de ser uma



SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS PALMARES

mulher camponesa.

O terceiro capítulo, por sua vez, apresenta os saberes sobre o modo de lidar com a terra considerados essenciais para as mulheres do campo, discute a incompatibilidade entre o modo de produzir dos grandes produtores e o modo de produzir típico das mulheres camponesas e busca saber, a partir da opinião das mulheres, qual seria o projeto de sociedade defendido pelo MMC¹.

Já o quarto capítulo aborda a questão dos pratos típicos da realidade camponesa, analisa quais tradições folclóricas são consideradas mais importantes para as mulheres do campo e se detém também sobre a questão da utilização de plantas medicinais pelas mulheres camponesas.

Por fim, o quinto capítulo trabalha com a questão do pertencimento das mulheres a grupos religiosos, discute a relação entre as religiões professadas pelas mulheres e o seu pertencimento ao movimento e analisa o convívio das diferentes religiões dentro do MMC.

¹ Movimento de Mulheres Camponesas.

SUMÁRIO

1 - Perfil das mulheres entrevistadas	07
2 - Visão política e significado de ser uma mulher camponesa	12
3 - Saberes sobre o uso da terra e projeto de Sociedade	23
4 - Pratos típicos, tradições folclóricas e plantas medicinais da realidade campesina	39
5 - Religiosidade das mulheres camponesas	51
Referências.....	55



1 - Perfil das mulheres entrevistadas

O Movimento de Mulheres Camponesas é constituído por mulheres de idades variadas. A mais jovem entre as mulheres entrevistadas possui apenas dezenove anos e a mais velha possui setenta anos. Desse modo, podemos dizer que o movimento promove o encontro entre diferentes gerações, unidas entre si pelo desejo e pela atuação que busca tornar melhor as condições de vida das mulheres do campo, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas: Idade, sexo, fonte de renda, religião e nível de escolaridade.

Número de entrevistadas	Idade	Sexo	Fonte de Renda	Religião	Nível de Escolaridade
1	25 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Ensino Médio Completo
2	22 anos	Feminino	Alguns bens que possui	Evangélica	Ensino Médio Completo
3	28 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Ensino Médio Incompleto
4	19 anos	Feminino	Agricultura	Evangélica	Ensino Médio Completo
5	29 anos	Feminino	Ajuda de custos	Sem religião	Pós-graduação Mestrado
6	38 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Ensino Fundamental Incompleto
7	70 anos	Feminino	Aposentadoria	Católica	Ensino Fundamental Incompleto
8	59 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Analfabeta
9	54 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Ensino Fundamental Incompleto
10	58 anos	Feminino	Aposentadoria	Católica	Ensino Fundamental Incompleto

Todavia, do grupo de entrevistadas, cinco possuem menos que trinta anos. Isso mostra que o MMC atrai um público jovem que se identifica com suas pautas e lutas. Esse comprometimento da juventude com o movimento é exemplificado sobretudo pela vida de uma das entrevistadas que se dedica exclusivamente ao MMC e fica responsável pela parte da comunicação do movimento. Por isso, para sobreviver, conta com uma ajuda de custos

proporcionada pelas mulheres que trabalham no campo. Em sua fala ela relata que a sua fonte de renda é uma colaboração, que elas chamam de ajuda de custo, que vem da parceria das próprias mulheres que estão trabalhando no campo, para cuidados na parte da comunicação do movimento. O que demonstra a preocupação do grupo no que se refere à comunicação do MMC.

O segundo grupo de mulheres entrevistadas foi constituído por mulheres com mais de trinta anos. Essas mulheres, devido ao contexto sociopolítico e econômico no qual estiveram inseridas em sua infância e juventude, vivenciaram um processo de escolarização bastante precário, com níveis de escolaridade do analfabetismo ao ensino fundamental incompleto.

Já as mulheres mais jovens do movimento, tendo vivenciado um período histórico marcado pelo maior acesso dos povos do campo à escola, tiveram um percurso de escolarização mais prolongado. Duas das mulheres pesquisadas possuem Ensino Médio completo, uma está cursando agora o terceiro ano do Ensino Médio, outra chegou a cursar o Ensino Superior, mas desistiu antes de terminá-lo e outra possui pós-graduação em nível de mestrado.

A despeito dessa melhora nas condições de acesso à escolarização vivenciada pelas pessoas do campo nas últimas décadas, continua sendo difícil para as mulheres do campo o acesso e a permanência no Ensino Superior. No caso específico das mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares, há dois fatores que contribuem para tornar difícil esse acesso e permanência. Em primeiro lugar, destaca-se o fato de que o transporte universitário, na cidade de União dos Palmares, é pago. Isso torna-o inacessível para aqueles que estão desprovidos do recurso financeiro necessário para lidar com essa despesa. Em segundo lugar, deve-se levar em consideração que as mulheres do campo precisam dar conta de uma série de afazeres domésticos que tomam bastante do seu tempo e que, por isso mesmo, se veem desprovidas do tempo necessário para se dedicar aos estudos.

A mudança desse cenário, portanto, exige a aprovação de uma lei que garanta a gratuidade do transporte universitário em União dos Palmares, mas também exige processos de conscientização que façam os homens do campo perceberem a importância da divisão de tarefas dentro do lar para que as mulheres possam ter tempo suficiente para a sua dedicação aos estudos exigidos pela vida universitária. Para tanto, se faz necessário superar a natura-

lização da posição das mulheres enquanto responsáveis exclusivas pelos afazeres domésticos e reconhecer o caráter histórico que as relações de gênero possuem. Tais relações podem ser repensadas e modificadas diante das mudanças na própria cultura (LOURO, 1999). Nesse sentido, é necessária a inserção das mulheres em processos formativos que lhes proporcionem a consciência de sua autonomia e a compreensão de que muitas das relações que se estabelecem no ambiente doméstico estão marcados pelo machismo e, por isso mesmo, devem ser superadas.

No que concerne à fonte de renda das mulheres entrevistadas, ficou claro que parte constitutiva da renda das mesmas é fruto da comercialização dos produtos do campo. Metade das mulheres entrevistadas possui sua renda exclusiva dos produtos do campo por elas comercializados. Apenas duas das entrevistadas contam com outra fonte de renda, além daquela proporcionada pelo trabalho campestre. Uma das mulheres, embora tenha a comercialização dos produtos do campo como seu principal meio de subsistência, conta também com a ajuda financeira proporcionada pela família. Outra das entrevistadas, por sua vez, sendo aposentada, tem na venda dos produtos do campo um complemento para sua fonte de renda.

Apenas uma mulher não esclareceu qual sua fonte de renda. Ela afirmou que a mesma se dá a partir de alguns bens que ela possui, mas não chegou a elucidar quais bens seriam esses. Outra mulher vive de uma ajuda de custos proporcionada pelas mulheres do movimento e outra tem na sua aposentadoria sua única fonte de renda. A figura 1 apresenta algumas frutas da realidade campestre sendo vendidas na feira livre da cidade de São José da Laje/AL.



Figura 1: Frutas cultivadas por camponeses sendo vendidas na feira livre de São José da Laje/AL.
Fonte: Arquivo pessoal.

O fato de muitas dessas mulheres estarem inseridas no mercado de trabalho, todavia, não tem como consequência uma total alteração das injustiças de gênero. Isso somente pode acontecer a partir de uma modificação de caráter mais amplo que alcance e proporcione uma reavaliação da estruturação da economia e da sociedade como um todo. Não acontecendo tal reavaliação, continua sendo uma necessidade na vida das mulheres a busca por tornar compatíveis o trabalho e os ciclos da vida familiar e a vivência das múltiplas jornadas de trabalho. Dessa forma, continua sendo também real a dependência e os obstáculos à participação das mulheres na vida pública (MANESCHY, 2013).

Outro problema, identificado por pesquisas sobre a divisão sexual do trabalho, diz respeito ao fato de que as mulheres seguem ocupando uma posição de subordinação diante da figura do marido. Isso faz com que o trabalho por elas realizado, muitas vezes, seja considerado uma ajuda. Essa categorização do trabalho feminino como ajuda se dá mesmo quando as mulheres trabalham tanto quanto os homens e realizam, inclusive, as mesmas tarefas. (BRUMER, 2004). Somente rompendo essa subordinação das mulheres diante de seus maridos é que se faz possível o protagonismo feminino que permita às mulheres classificarem sua atividade enquanto trabalho e se contribui para o estabelecimento de relações de gênero pautadas pela equidade. Romper esse processo de subordinação, todavia, pressupõe mudanças sociais e culturais mais profundas.

Quanto ao tempo em que fazem parte do movimento, a mais antiga, tem dez anos de atuação dentro do MMC e a mais nova tem dois anos de MMC.

Assim, conclui-se que os perfis das mulheres entrevistadas são diversos em seus variados aspectos. Há mulheres com idades diversas, níveis de escolaridade distintos, dependência maior ou menor do trabalho camponês para a constituição de sua fonte de renda e tempos diversificados de pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas. Essa diversidade de perfis, longe de prejudicar o movimento, contribui para o enriquecimento do grupo e para as trocas proporcionadas por visões de mundo que, embora sejam variadas, possuem como seu ponto em comum o fato de serem marcadas pela realidade feminina e camponesa. Além disso, as mulheres possuem em comum uma memória coletiva constituída a partir de seu pertencimento ao grupo, posto que, como bem o coloca Silva (2013), citando o

pensamento de Halbwachs, a formação da memória de um indivíduo é resultado da combinação das memórias dos diversos grupos nos quais o mesmo está inserido. Isso lhe garante, para além de sua memória individual, a constituição de uma memória coletiva.

2 - Visão política e significado de ser uma mulher camponesa

A despeito da diferença no tempo de participação dentro do movimento, a maior parte das mulheres afirmaram que tiveram sua visão sobre política modificada ao participar do MMC. Uma das entrevistadas ressaltou em sua fala que o pertencimento ao movimento trouxe para ela uma ampliação dos horizontes, fazendo-a enxergar, dentre outras coisas, a importância da luta por políticas públicas:

Acredito que cada mulher que começa a fazer parte do Movimento de Mulheres Camponesas muda em algum sentido. Muda para a política, muda em todos os sentidos. Porque, de certa forma, no Movimento de Mulheres Camponesas a gente se sente libertado, o momento de estar livre, de poder assumir quem você é e de buscar novos horizontes, inclusive, em políticas e políticas públicas também.²



Oliveira e Coriolano (2020), em concordância com a fala da entrevistada, defendem a importância de tais políticas para que as famílias camponesas continuem em suas atividades de produção, preservando a singularidade de sua organização, sua cultura e a qualidade de vida no contexto rural.

Outra entrevistada afirmou que teve sua visão sobre a política modificada e passou a compreender a luta dos movimentos sociais pela terra, tendo também uma melhor compreensão das lutas desses movimentos por seus direitos: "Modificou sim, porque vejo de um modo diferente a política. Foi a partir de quando entrei no movimento que aprendi sobre as lutas dos movimentos para ter a sua terra e lutar por nossos direitos". Assim, numa clara negação da compreensão individualista do mundo que marca o neoliberalismo, a entrevistada passou a perceber a importância da coletividade que se une para conquistar

²Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

terra e direitos possibilitadores de uma vida digna para os povos do campo.

Em um relato, uma das mulheres afirmou que pertencer ao MMC a fez perceber a presença do machismo nos espaços políticos. De acordo com ela: "Sim, antes eu não tinha uma clareza sobre o machismo, onde na política ocorre muito. No entanto, ao participar do MMC, isso fez com que eu viesse perceber isso". Dessa forma, o pertencimento ao movimento proporcionou para a entrevistada a adoção de uma visão política que não está limitada às questões de classe em seu aspecto econômico. Antes, pensa também as questões de gênero e está apta a abordar questões que ocupam um lugar central na desnaturalização da condição e posição subalternas da mulher na sociedade, questões que se referem aos papéis sociais e culturais ocupados por homens e mulheres (ESMERALDO, 2013).

Nesse sentido, deve-se reconhecer que não basta a luta contra a exploração de uma classe por outra. Porém, caso o alvo a ser atingido seja uma sociedade sem dominadores e dominados, é importante que a luta se faça também contra todas as discriminações impostas às mulheres. (SILVA, 2013).

Outra pesquisada, no entanto, afirmou que sua participação no MMC fez com que ela entendesse não somente o machismo presente no espaço político, mas também o racismo e a estrutura opressora presente em nossa sociedade:

Sim, com certeza, sim. Uma, me ajudou a amadurecer o pensamento. Eu tava saindo da adolescência. Tinha meus dezesseis, dezessete anos quando comecei a conhecer... Dezoito. Hoje tenho meus vinte e nove. Então, dentro desse tempo a gente aprende muita coisa. Em especial, a reconhecer a sociedade em que vivemos, que tem toda uma estrutura de reprodução de um sistema que é machista, racista e que, por fim, essas estruturas do capitalismo. Então, o que as mulheres sofrem a opressão em diferentes esferas sociais, em diferentes escalas. Não têm reconhecimento do trabalho. O que faz é considerado como ajuda. Tem horas de trabalho, de exploração do trabalho não reconhecida socialmente, além da violência sexual, doméstica, entre outros tipos de violência estruturais dessa sociedade, desse sistema. Então, claro que muda. Antes, eu não tinha essa visão, nem tinha esse amadurecimento pela falta de até, de leituras políticas, de conversa, de formação e o Movimento me possibilitou conhecer não só a essa sociedade, mas como nos fortalecer enquanto mulheres.³



³Entrevista concedida pela entrevistada E [09. 2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Assim, é possível dizer que, no caso da pesquisada, seu pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas possibilitou a superação de uma visão fragmentada da realidade social e lhe forneceu o instrumental teórico para uma compreensão sistêmica do real que a fez perceber os diversos aspectos, interligados entre si, conservadores das injustiças e desigualdades sociais ainda presentes em nosso país.

Outra entrevistada afirmou que a mudança acontecida em sua compreensão sobre a política se deu a partir de um maior interesse em lutar por seus direitos e relatou também um pouco das mudanças ocorridas em nossa sociedade atualmente. Ressaltou que, antes, a mulher não podia ocupar um espaço no cenário político. Mas, atualmente, já pode. "Sim, mudou várias coisas. Em primeiro lugar, a saúde, que a gente luta por nossos direitos. A mulher que não podia ficar no poder e hoje pode".

Dessa forma, a luta pelos direitos é fortalecida, na concepção da entrevistada, pelo fato de que já não se faz mais impossível que as mulheres ocupem posições de comando dentro da sociedade. A possibilidade das mulheres adentrarem o cenário político e exercerem cargos nesse mesmo cenário é um elemento que serve de estímulo para que as mulheres continuem visando modificações na realidade social que as favoreçam. Trata-se de uma realidade que aponta para o fato de que mudanças estruturais ainda maiores e que produzam cada vez mais dignidade para as vidas das mesmas são efetivamente realizáveis.

Outra pesquisada, depois de apontar os aspectos que ela considera negativos na política, principalmente o fato de que os políticos somente demonstram interesse pelos trabalhadores em período eleitoral, afirmou que aprendeu com o movimento que a mulher é portadora de liberdade e ressaltou que a sua própria trajetória tem como marca o fato dela ter sido sempre uma mulher livre, capaz de sustentar a si mesma e aos seus filhos por meio de seus próprios esforços.

Acredito que cada mulher que começa a fazer parte do Movimento de Mulheres Camponesas muda em algum sentido. Muda para a política, muda em todos os sentidos. Porque, de certa forma, no Movimento de Mulheres Camponesas a gente se sente libertado, o momento de estar livre, de poder assumir quem você é e de buscar novos horizontes, inclusive, em políticas e políticas públicas também.⁴



⁴Entrevista concedida pela entrevistada G [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021

Outra das mulheres também deu ênfase à questão da liberdade, dizendo que o que melhorou, a partir de sua participação dentro do movimento, foi o fato de que ela e as outras mulheres alcançaram uma maior liberdade: "Para mim, melhorou. Assim, porque nós ficamos mais libertas, ganhamos mais liberdade".

É interessante notar como o conceito de liberdade aparece de modo distinto nas falas das mulheres entrevistadas. Na fala de uma das entrevistadas, a liberdade está relacionada à autonomia no âmbito econômico, à capacidade de poder suprir as próprias necessidades econômicas e as de seus familiares. Já a outra entrevistada associa a ideia de liberdade à autonomia nas decisões e ao fato de poder se expressar livremente. Esses dois aspectos da liberdade são, por vezes, garantidos a partir da participação no Movimento de Mulheres Camponesas, posto que há tanto um trabalho na agricultura que vai ajudando as mulheres a conseguirem a autonomia econômica, por meio da

venda dos produtos do campo, quanto a construção de um espaço dialógico e de tomadas de decisões coletivas dentro do movimento que garante-lhes uma participação na qual a autonomia das mulheres é exercitada. O movimento, portanto, contribui para a superação da negação da autonomia da mulher e da invisibilidade a qual estiveram submetidos seu trabalho e suas potencialidades, mesmo no contexto campesino (MENEZES; GASPARETO, 2013). O pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas proporciona às mulheres um maior engajamento e participação no cenário público que se expressa em participações em feiras, para a venda dos produtos por elas comercializados, encontros, eventos e manifestações em defesa de seus direitos. Fazer parte do grupo de



Figura 2: Diversos produtos da realidade campesina sendo comercializados na feira livre de São José da Laje/AL.
Fonte: Arquivo pessoal.

mulheres implica, portanto, numa maior valorização das capacidades laborativas, sociais e políticas de suas integrantes. Na figura 2, temos alguns produtos da realidade campesina sendo comercializados na feira livre da cidade de São José da Laje/AL.

Uma das pesquisadas falou sobre o fato de que o pertencimento ao MMC lhe ajudou na luta por seus direitos. Mais especificamente, ela falou sobre o fato de ser capaz de conseguir direitos na área da saúde aos quais ela não tinha acesso: "Um pouco. Que hoje a gente luta por nossos direitos e consegue os exames que de primeiro a gente não tinha: exame da mama, ultrassom, raio x, tudo". Nesse ponto, aparece como problemático o fato de que direitos tão elementares somente possam ser conseguidos a partir de uma luta coletiva das mulheres para que os mesmos se concretizem em sua realidade. Aquilo que deveria ser assegurado a qualquer cidadão acaba se fazendo possível para as mulheres do campo apenas por meio de muita pressão exercida sobre aqueles que exercem o governo local e, assim, o descaso para com os sujeitos do campo é revelado na fala da entrevistada.

Outra pesquisada ressaltou os aspectos negativos da política para os quais ela começou a voltar sua atenção após seu pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas:

Nesse sentido, se faz importante afirmar que a desilusão das mulheres com relação à política não tem significado a adoção de um posicionamento apolítico. Muito pelo contrário, as mulheres do movimento, de modo geral, continuam interessadas no envolvimento em prol do bem público e seguem dialogando e pressionando autoridades políticas para que direitos sejam garantidos e tornem-se reais na vida da comunidade campesina.

Sim. Eu hoje enxergo a política que o político só enxerga o agricultor quando tem tempo de eleição. Quando passa a eleição, esquece que o agricultor existe. Na minha visão, é essa que eu vejo. Às vezes precisa de uma ajuda e eles não ajudam. A minha visão que eu vejo a política é essa⁵



⁵Entrevista concedida pela entrevistada J [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Somente uma das pesquisadas disse que não teve sua visão sobre a política modificada a partir de sua participação no MMC. Esse fato parece indicar uma não participação e engajamento, por parte da entrevistada, com as questões políticas desenvolvidas dentro do movimento. Tal postura, por sua vez, reflete um jeito de lidar com a desilusão política diferente daquele adotado pela maior parte das mulheres que fazem parte do grupo. Contudo, esse jeito de lidar com a desilusão política, de algum modo, se faz coerente com o momento histórico que estamos vivendo que, como o colocam Tomizaki e Daniliauskas (2018), é marcado por um comportamento de desconfiança em relação à eficiência das democracias representativas.

Os dados analisados mostram o quanto o movimento foi importante, para a maior parte das mulheres entrevistadas, em sua interpretação do real e das estruturas políticas em que vivemos. Podemos dizer que o Movimento de Mulheres Camponesas se constitui como um espaço inegável de educação não-formal em que a questão política aparece de forma marcante na formação das mulheres pertencentes ao Movimento. Essa é uma característica importante do MMC. Pois, como o coloca Fischer (2006), a ação política das mulheres tem o poder de romper com a cortina da invisibilidade pública.

Outro dado interessante é que, a despeito de ter mais ou menos tempo dentro do movimento, todas as mulheres apresentaram uma resposta para a pergunta acerca do significado de ser uma mulher do campo. De modo geral, porém, as entrevistadas atribuíram significados distintos ao fato de ser uma mulher camponesa.

As diferentes respostas dadas sobre o significado de ser uma mulher camponesa, no entanto, não podem nos conduzir a uma interpretação individualista do processo de construção das mesmas. Tais respostas, sendo construídas também a partir do uso da memória das entrevistadas, têm sua fonte numa relação de pertença ao grupo. Pois, como o indicam Shmidt e Mahfoud (1993), falando sobre o pensamento de Halbwachs, a memória individual deve ser entendida como um ponto em que convergem e se articulam diferentes influências sociais.

Assim, uma das entrevistadas apresentou a mulher camponesa como sendo sobretudo uma guardadora de sementes e alguém envolvido com uma produção orgânica:



Para mim, ser mulher camponesa é ser uma mulher mais aberta, ser uma mulher guardiã de sementes, ser uma mulher da produção orgânica, ser uma mulher que está ali lidando com outras mulheres. É contar a história, porque quando a gente passa a ser mulher camponesa a gente passa a ter uma libertação mais livre. Começa a falar melhor com as pessoas. Aprende a dividir o que se sente uma com a outra. Ser mulher camponesa, para mim, é ser uma pessoa que transforma, que gera o alimento, que leva o de comer para muitas mesas⁶

Abaixo, a figura 3 mostra o cacau e as sementes preservadas do mesmo para a próxima safra.

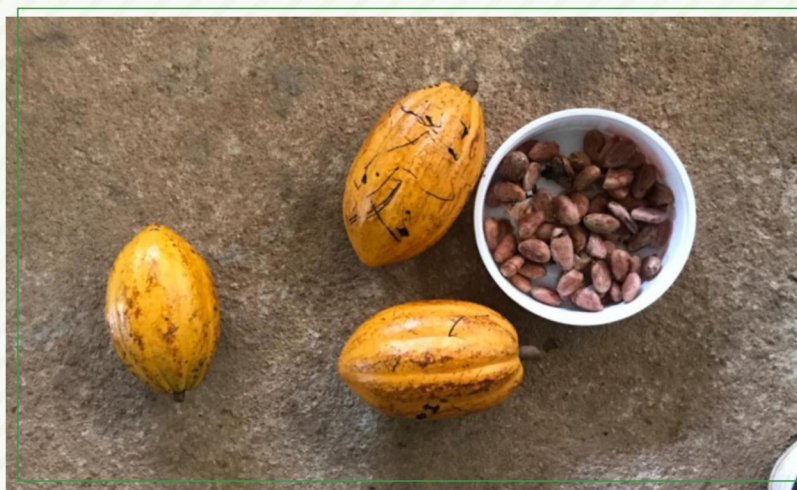


Figura 3: Cacau cultivado pelas mulheres camponesas e suas sementes preservadas para a safra seguinte.
Fonte: Arquivo pessoal.

Esse modo de apresentar a mulher camponesa, enquanto alguém envolvido com uma produção orgânica, revela o compromisso da mesma com um novo paradigma de produção que, interessado em colocar a comida na mesa das pessoas, já não possui nenhum vínculo com o paradigma convencional, visto que reconhece a crise na qual está inserido o paradigma contempo-

⁶Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

râneo. Essa crise é, na verdade, uma crise civilizacional (MENEZES, et al., 2020). Trata-se de uma crise que atinge a humanidade como um todo em seus mais diversos níveis e que, de forma especial, se revela nos mais diversos problemas ambientais produzidos por tal modo de produzir na contemporaneidade. Problemas esses que colocam em risco o futuro não somente de toda a humanidade, mas de toda a biodiversidade presente em nosso planeta. Por isso, um modo de produzir orgânico deve buscar os meios para superar os graves problemas ambientais, sociais e culturais que afetam a realidade da nossa civilização.

Outra pesquisada ressaltou, em sua resposta, o papel da mulher camponesa enquanto alguém que luta por direitos iguais: "Para mim, ser mulher camponesa é correr atrás daquilo que a gente merece e sempre estar em luta pelos direitos iguais". Tal resposta enfatiza o aspecto sociopolítico presente na atuação do Movimento de Mulheres Camponesas e revela como esse aspecto afeta o modo como as mulheres interpretam a si mesmas. Trata-se do reconhecimento de que ser uma mulher camponesa é, entre outras coisas, estar envolvida na busca por assegurar às mulheres o alcance de seus direitos e a superação das desigualdades de gênero que, inegavelmente, ainda colocam a mulher numa posição de submissão diante da figura masculina.

Por sua vez, outra entrevistada afirmou que ser uma mulher camponesa é tirar o sustento de seu próprio esforço e trabalhar sem o uso de agrotóxicos: "Trabalhar na roça, plantar e colher alguns alimentos para o consumo e para vender também e plantar alimentos saudáveis que não afeta nossa vida, sem agrotóxicos. Tirar meu sustento do próprio esforço". Nessa resposta, aparecem juntas tanto a autonomia econômica quanto a preocupação com uma produção que não afete negativamente a vida das pessoas. Nesse sentido, longe de acreditar que somente o modo de agricultura convencional pode proporcionar o crescimento econômico, a entrevistada defende a ideia de que uma produção saudável, livre de agrotóxicos, pode também proporcionar uma fonte de renda para aqueles que estão envolvidos com esse modelo de agricultura.

Outra pesquisada falou sobre a mulher camponesa como sendo alguém que, além de cuidar da alimentação familiar, pode conquistar espaços, tanto no campo quanto em qualquer outro lugar que ela se disponha a conquistar:

Ser uma mulher camponesa é cuidar da alimentação familiar, plantar, cultivar, guardar as sementes. Ser camponesa é uma diversidade de função, ser livre para poder conquistar tudo aquilo que se almeja tanto no campo quanto em todo lugar ao qual pensamos em conquistar.⁷



É ressaltada, então, a capacidade da mulher de conquistar espaços. Isso pode ser entendido tanto em termos profissionais quanto no sentido da participação no cenário político. Esse segundo sentido, por sua vez, assume uma importância maior, posto que a participação das mulheres na vida pública e na decisão das políticas públicas para os povos do campo é de importância fundamental para que as mesmas se sintam participantes dessa luta social que tem como objetivo a construção de um modo de produzir que tem como base a produção familiar/camponesa/indígena (SILIPRANDI, 2013).

Outra mulher, por outro lado, ressaltou que a mulher camponesa é uma construtora de saberes e possui como missão alimentar não somente a fome em seu aspecto material, mas também alimentar outras mulheres na solidariedade e na luta por libertação.

Ser mulher camponesa para mim é ser semente, metaforicamente falando é ser semente, é ter uma missão. Semente no sentido de que nós estamos aqui não só para produzir alimento, mas também para produzir saberes, conhecimentos, nos fortalecer e continuar com essa missão de produzir e de alimentar. Um alimentar não só a questão da fome, mas alimentar uma à outra, nas energias, no conhecimento, na mística, na formação social, na construção, na solidariedade e na libertação uma da outra. Ser camponesa é tocar a terra, mas é tocar também o conhecimento e a ancestralidade que é indígena, que é quilombola, que é mestiça, que é todas as nossas tradições e história social.⁸



⁷Entrevista concedida pela entrevistada D [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

⁸Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Essa compreensão da mulher camponesa carrega consigo uma valorização do patrimônio imaterial construído pelas mulheres do campo. Não é só o corpo que precisa de alimento, mas também o espírito, a mente. Esse alimento, por sua vez, é passado de geração a geração por meio dos saberes populares que o povo do campo produz e tem como sua inegável marca o sentimento de solidariedade que une esse povo e o objetivo maior de conduzir as pessoas camponesas à libertação. São saberes, memórias e experiências que marcam a vida das pessoas do campo e que se colocam como indispensáveis para a sua realização pessoal. Em estado de isolamento, não é possível para o indivíduo construir qualquer tipo de experiência nem manter qualquer tipo de registro sobre o passado (SILVA, 2013). Por isso, a comunidade, no alimento do espírito que oferece, é tão importante para o indivíduo.

Outra entrevistada, revelando certo orgulho em ser uma mulher camponesa, declarou apenas que ser uma mulher do campo é algo muito especial, muito bom: "É muito especial. É muito bom ser uma mulher camponesa". Isso faz perceber como a participação no Movimento de Mulheres Camponesas afeta positivamente a autoestima das mulheres, dando-lhes um maior senso de dignidade e de valorização da própria imagem.

De acordo com um dos relatos, ser mulher camponesa significa ser uma mulher que gosta de trabalhar: "Significa que eu gosto muito de trabalhar. De manhã, planta seu feijão, sua batata. Quando quer ir buscar na roça, só é ir buscar e colocar no fogo".

Outra pesquisada, por sua vez, ressaltou que ser uma mulher camponesa é ser uma mulher guerreira: "Eu gosto de ser uma mulher camponesa, porque eu me criei na roça e sinto que sou uma mulher guerreira, graças a Deus".

Uma das entrevistadas também ressaltou a importância do trabalho enquanto elemento definidor da mulher camponesa. Segundo a entrevistada, ser uma mulher camponesa equivale a ser uma trabalhadora:

Eu sou muito orgulhosa do que eu faço, da minha luta pela roça. Amo muito trabalhar. Gosto mesmo. De manhã, tomar um cafezinho e ir para a roça... Gosto muito de trabalhar na agricultura. Ser uma mulher camponesa é ser trabalhadora.⁹



⁹Entrevista concedida pela entrevistada I (02.2021). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Outra entrevistada, por fim, definiu a mulher camponesa como sendo guerreira e trabalhadora: "Mulher camponesa quer dizer que são guerreiras, trabalhadoras, gosta de plantar e colher o que planta".

No que concerne a essas respostas, é importante dizer que elas, de um modo geral, apresentam visões distintas, mas não contraditórias, sobre o significado de ser uma mulher do campo. Em alguns casos, na verdade, as respostas foram aproximadas e se revelaram como complementares umas às outras. Elas, embora estejam relacionadas com memórias que se constroem a partir da articulação entre diferentes influências sociais e, portanto, não devam ser interpretadas de uma maneira puramente individualista, nos fazem refletir também sobre esse aspecto de pessoalidade que envolve todo o processo de interpretação do real e que se revela naquilo que mais ou menos afeta o sujeito em sua subjetividade. Nem todas as mulheres são afetadas da mesma forma pelas mesmas questões colocadas pelo MMC. Cada uma, de modo particular, sente-se mais afetada por uma ou outra questão que, por assim dizer, mais lhe comove.

3 - Saberes sobre o uso da terra e projeto de sociedade

A pergunta sobre quais saberes sobre o uso da terra seriam essenciais para uma mulher camponesa foi respondida por uma das entrevistadas citando a importância de saber guardar as sementes e cultivar de forma saudável o solo.

Para mim, os dois pontos que é a linha para a gente seguir é a forma correta de guardar as sementes, que a gente colhe ela, escolhe uma por uma, tira os melhores grãos para que na próxima safra eles germinem e dê mais bons frutos ainda. É saber guardar a semente, tirar a semente, secar, passar o barro vermelho nela peneirado, guardar nas garrafinhas lacradas para ser semeado na outra safra. Então, para mim, é guardar a semente e também, além de guardar a semente, é saber cultivá-la, porque não adianta plantar sem ter o cultivo, o cultivo correto. O cultivo, quando ele é feito com amor, o alimento ele serve bem melhor para nossa mesa.¹⁰



Tais métodos, apresentados pela entrevistada, dizem respeito a um modo de produção em que as mulheres se colocam como guardiãs das sementes crioulas¹¹. As mesmas são preservadas a partir de uma série de ações das mulheres que vão, como visto, desde o ato de secar as sementes até o ato de guardá-las em garrafinhas para delas fazer uso na safra seguinte. Temos, portanto, um processo em que se preservam as sementes a partir de práticas que conservam a harmonia com o meio ambiente. A importância de guardar essas sementes está relacionada, primeiro, com a preservação de um patrimônio biodiverso para as futuras gerações que, dado o atual monopólio das sementes híbridas, está cada vez mais escasso. As sementes crioulas são sementes nativas fundamentais também para a garantia de uma alimentação saudável. Por isso, sua conservação é de extrema importância para o contexto camponês, para a produção alimentícia nacional como um todo e para a preservação do patrimônio genético local.

¹⁰ Entrevista concedida pela entrevistada A (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo, União dos Palmares, 2020.

¹¹ Trindade (2006) diz que as sementes crioulas são as variedades produzidas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas ou assentados da reforma agrária. As mesmas possuem características reconhecidas pelas comunidades que as cultivam e são passadas de geração em geração, apresentando importância econômica, social e ambiental para as comunidades.

Outra entrevistada, apresentando uma resposta mais curta e deixando de citar a questão da preservação das sementes, por sua vez, afirmou que, além do amor e cuidado para com a plantação, é importante preservar um cultivo do solo sem o uso de produtos químicos que o prejudiquem.



A terra para a gente que é camponês, que mexe com a terra, a terra não é só chegar, plantar e colher. Ela precisa de cuidado, precisa de amor, porque se você não tiver amor para plantar, você também não vai ter amor para cuidar dela. É muito importante, para a plantação dela, não levar adubo. Porque, se levado, não vai ter uma plantação saudável. Você pode ter uma plantação boa, mas não é saudável. Camponeses que mexe com a terra, sim, coloca adubo, mas não esses adubos que prejudica a terra e também que pode prejudicar até a saúde de quem vai adquirir aquela alimentação. É como eu falei, para mim o mais importante é mexer com a terra e não utilizar nenhum produto químico nela para que também não possa prejudicar não só a terra, mas também o solo dela.¹²

A seguir, a figura 4 mostra as sementes crioulas devidamente conservadas em garrafas de plástico:



Figura 4: Sementes crioulas guardadas em garrafas de plástico.
Fonte: Arquivo pessoal.

¹²Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Numa linha de raciocínio parecida, outra pesquisada, afirmou como saberes importantes para as mulheres do campo o preparo da terra para que o alimento seja saudável e o desenvolvimento de um trabalho em que jamais sejam utilizados agrotóxicos:

Temos que preparar a terra para que os alimentos seja saudável. Aprendemos de geração em geração como tratar a terra e nossas sementes, mas também aprendemos com nossas companheiras na formação, porque sempre há troca de experiências e jamais usar agrotóxicos, porque defendemos a agroecologia.¹³

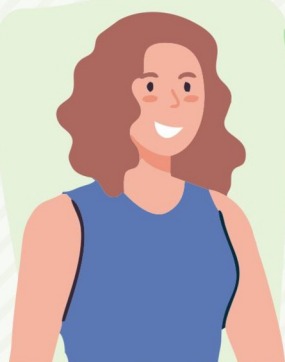


Apresentando uma resposta mais simplificada, uma das pesquisadas disse que os saberes mais importantes para uma mulher do campo relacionam-se com o cultivo e cuidado para com a terra para que, desse modo, se produza um alimento saudável: "Cultivar e cuidar da terra, porque se não for cultivada e cuidada, não tem como a alimentação nascer saudável".

Essas respostas apontam para um cuidado e preocupação com o meio ambiente que são efetivamente entendidos como essenciais quando analisadas as condições atuais de nossa existência. Como bem o coloca Reis (2020), é a partir das relações que são estabelecidas com o ambiente e com a produção agrícola que a humanidade irá colher destinos favoráveis ou não para a realidade atual e, pode-se acrescentar, para as gerações futuras.

Outra mulher ressaltou, de forma semelhante ao que fez uma das entrevistadas, a importância de saber guardar as sementes para delas fazer uso na safra seguinte. A originalidade de sua resposta, no entanto, está no fato de que ela salientou que o ato de saber guardar as sementes está estreitamente vinculado com a possibilidade de preservação da própria comunidade, com toda sua cultura e modo de vida:

¹³Entrevista concedida pela entrevistada C [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.



Saberes essenciais? Acho que são todos essenciais para que a gente possa continuar existindo e resistindo. É, mas o guardar semente é uma ancestralidade que, desde as culturas indígenas, quilombolas, em especial da nossa região, que é uma região de tanta ancestralidade, nos fortalece e nos mostra como continuar, que é a questão de guardar para continuar plantando. Não comer tudo de uma vez e não plantar tudo de uma vez, mas sempre guardar um pouco de semente para a próxima plantação, para o próximo plantio. Isso garante com que as nossas comunidades continuem tendo suas sementes, continuem tendo suas safras, continuem tendo suas culturas, continuem tendo sua identidade, tendo sua... suas sementes e sendo sementes.¹⁴

Essa resposta aponta para a importância da ancestralidade e das memórias na constituição e fortalecimento das mulheres enquanto grupo camponês, ligado às culturas indígenas e quilombolas. Ela concede destaque ao fato de que a memória é elemento essencial na constituição da identidade do grupo (LE GOFF, 1990). O ato de guardar as sementes é entendido não somente num contexto relacionado ao trabalho e produção agrícola, mas é antes relacionado a práticas que ajudem na conservação da memória das mulheres camponesas e, conseqüentemente, na preservação de sua identidade.

Uma das mulheres, não entrando em detalhes sobre o modo de plantio e cultivo típico das mulheres do camponês, disse que o mais importante é saber plantar e colher: "A plantação. Saber plantar, colher, etc." Tal resposta, aparentemente simples, revela aquilo que é a grande preocupação das mulheres camponesas e que é de fundamental importância para que elas continuem existindo: o plantio e a colheita dos alimentos. E, embora essa entrevistada não tenha sido detalhista na apresentação dessas práticas camponesas, é possível deduzir que a sua fala carrega em si o compromisso com uma produção que respeite o meio ambiente e contribua com sua preservação.

Outra entrevistada, além de falar sobre a importância de saber plantar de um modo geral, citou a importância de saber plantar aquilo que serve para fazer chá: "O importante é saber plantar o milho, feijão, macaxeira, batata, verdura. Esses negócios de fazer chá e cuidar da terra, afogar com a mão e,

¹⁴ Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

assim, é muito bom". A fala da entrevistada revela, portanto, aquilo que ela considera como sendo mais importante para ser cultivado.

Três pesquisadas deram respostas bastante semelhantes. Todas falaram sobre a importância de saber plantar e expuseram alguns produtos do campo cujo cultivo julgam mais importante. Assim, nas palavras de uma das entrevistadas: "O mais importante é plantar lavoura: plantar milho, plantar feijão, plantar batata, macaxeira e inhame, verdura. Aí é muito importante". Nas palavras de outra entrevistada, no entanto, também é importante saber limpar a terra e queimar o mato para poder efetivar o plantio: "Plantar, limpar a terra, queimar o mato, plantar o feijão, a batata, a macaxeira, feijão de corda". Outra pesquisada falou sobre a importância de saber realizar o plantio e acrescentou a pimenta de cheiro como um produto do campo que é importante que as mulheres saibam plantar: "É saber plantar o milho, o feijão de corda, a batata, a verdura, pimenta de cheiro". A seguir, a figura 5 mostra uma plantação de feijão efetivada pelas mulheres camponesas.

Assim, em todas as respostas dadas à questão sobre os saberes considerados essenciais para uma mulher campesina, aparecem como fundamentais os saberes relativos ao plantio e cultivo do solo. Essas respostas, por sua vez, se apresentam de forma bastante variada. Há tanto relatos mais detalhados sobre o modo de guardar as sementes e os cuidados que se deve ter para com a terra quanto relatos mais simples que apenas dizem que o mais importante é saber plantar e cultivar o solo. Mesmo as respostas mais simples, porém, carregam consigo a ideia, arraigada na mentalidade campesina, de que a terra precisa ser respeitada, tratada com amor, cuidada e preservada.



Figura 5: Plantação de feijão cultivada por mulheres camponesas.
Fonte: Arquivo pessoal.

Quanto à questão da compatibilidade entre o modo de produzir típico do campesinato e o modo de produzir dos grandes produtores, as mulheres entrevistadas foram unânimes em afirmar que não há nenhum tipo de compatibilidade entre os dois modos de produção. Uma das mulheres falou sobre a falta de cuidado dos grandes produtores para com a terra. Para exemplificar sua afirmação, ela citou o uso excessivo de maquinário, a poluição do ar e o uso de veneno nas plantações dos grandes produtores:

Não tem nem o que comparar, porque os grandes produtores a gente vê aí os maquinários trabalhando vinte quatro horas dentro, sem contar que tá poluindo o nosso ar com os maquinários; segundo, o uso de adubos químicos dele é inúmero, o uso de produtos de veneno sai-se da conta e a nossa produção camponesa não. Ela tem o cuidado com a terra, o cuidado com o outro e o cuidado com si. Então, produzir de forma justa, limpa, orgânica, sem veneno nenhum não tem nem para quê comparar, nem como comparar com a produção dos grandes produtores.¹⁵



Outra entrevistada insistiu no mesmo ponto afirmado pela entrevistada anterior e também citou como elemento que torna incompatível os dois modos de produzir a falta de cuidado para com a terra presente na atuação dos grandes produtores. De acordo com as palavras da pesquisada, os grandes produtores, interessados apenas no lucro, não se importam se a terra se manterá saudável ou não:

Não. É totalmente diferente porque os grandes produtores, eles não têm o amor que os camponeses têm pela terra. Porque ele só pensa em lucros. Ele não se importa se a terra ela vai ficar saudável ou não. Para ele, tendo lucros, é o que importa. É por isso que eles utilizam muito os produtos químicos. E os camponeses, eles se preocupa muito com o bem estar da terra, porque se a terra ela estiver saudável, ele sabe que vai ter um fruto saudável e eles não plantam só por plantar. Eles plantam por amor, que é o mais importante: você ter amor por aquilo que você vai adquirir. Eles também utilizam muito máquina e as máquinas elas não faz bem para plantação.¹⁶



¹⁵ Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

¹⁶ Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Por sua vez, outra das mulheres insistiu no fato de que o único interesse que move as ações dos grandes produtores é a busca pelo lucro e também citou o uso de agrotóxicos como sendo o grande diferenciador entre o modo de produzir dos mesmos e o modo de produzir das mulheres camponesas:

Não. Muito diferente. Nós defendemos a agricultura familiar sem isso de agrotóxico. Os grandes produtores só ligam para o agronegócio, para ele não importa se afeta a terra, os alimentos, devido o uso de agrotóxicos. Eles só ligam para o lucro.¹⁷



Outra entrevistada, de forma semelhante, falou sobre o uso de agrotóxicos presente no modo de produzir dos grandes produtores e afirmou também que a grande diferença entre o citado modo de produzir e o modo de produzir do campesinato estaria no cultivo da terra a partir de métodos naturais realizado pelas mulheres do campo: "Não. São bastante diferentes. A terra que nós mulheres camponesas cultivamos são com métodos naturais e a dos grandes produtores são com métodos diferentes, com agrotóxicos".

Outra pesquisada afirmou que os grandes produtores produzem por meio da devastação do solo, do uso excessivo de veneno, compromissados apenas com o mercado e se dedicando à monocultura. Segundo ela, tudo isso torna a forma de produzir deles incompatível com a forma de produzir das mulheres do campo:

Não. Tem muita diferença. Os grandes produtores, eles produzem com... através do agronegócio, com o uso abusivo de veneno, com desmatamento em massa, com devastação do solo, com produção em larga escala, com o sentido apenas do mercado. A agricultura camponesa e familiar, ela produz em pequena escala e uma diversidade imensa de coisa. A grande produção produz a monocultura. A gente produz a diversidade. Em um hectare de terra você vai encontrar laranja, banana, limão, manga, coentro, cebolinha, alface, tomate, pepino, pimentão, galinha e toda uma diversidade, além das hortaliças, as raízes, a batata, a mandioca, o inhame. Enquanto um agronegócio, a agricultura do grande negócio, vai plantar, grandes hectares, quinze hectares, vinte hectares, de uma coisa só, que é só soja, só milho, só cana e isso gera o que a gente vê: a escravidão, a dependência de uma terra e tantos com muito e tantos sem nada. Então, nem se compara. É muito diferente a metodologia da produção.¹⁸



¹⁷ Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

¹⁸ Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Abaixo, a figura 6 mostra a variedade de culturas cultivadas pelas mulheres camponesas no Assentamento Padre Emílio em União dos Palmares.



Figura 6: Diversas culturas presentes no Assentamento Padre Emílio, em União dos Palmares/AL.
Fonte: Arquivo pessoal.

Outra das mulheres pesquisadas, de forma bastante simplificada, afirmou que a incompatibilidade entre o modo de lidar com a terra dos grandes produtores e o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas estaria no uso de agrotóxicos por parte dos grandes produtores: "É muito diferente. Eles usam agrotóxicos e a gente não. Lá é uma coisa diferente. Aqui a gente trabalha de enxada". Obviamente, esse uso intensivo de agrotóxicos é consequência do modo de produzir introduzido pela Revolução Verde, iniciada entre as décadas de 1960 e 1970, que tinha como objetivo a maximização do lucro e que, para alcançar essa maximização, fazia com que os grandes produtores investissem num modelo de produção desprovido de compromissos com a preservação ambiental.

Segundo outra entrevistada, no entanto, o que torna incompatível o modo de lidar com a terra dos grandes produtores e o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é o fato de que aquilo que é plantado pelos dois grupos é diferente e também o fato de que, enquanto os grandes produtores produzem apenas visando o lucro, as mulheres camponesas produzem para comer e para ajudarem a quem necessita:

Não, tem diferença. Porque o grande produtor planta outras coisas e a gente a lavoura que quer: o feijão, a batata... O grande produtor quer plantar cana, quer plantar outras coisas. E a gente planta para comer e ajudar a quem precisa e eles pensam só no dinheiro.¹⁹



Outra pesquisada, repetindo o que já havia sido afirmado por outras entrevistadas, também citou o uso de veneno e o lucro enquanto único objetivo dos grandes produtores como sendo aquilo que torna incompatível o modo de produzir daqueles que produzem em larga escala com o modo de produzir das mulheres do campo:

¹⁹ Entrevista concedida pela entrevistada G [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.



É diferente. Que nem o fornecedor de cana. Só quer botar veneno na terra e plantar cana e só se lembra do lucro para ele, para nós não. Ai, nós plantando, nós tem lucro também e ele, o lucro dele só fica para ele mesmo, não vem para nós.²⁰

De acordo com outra pesquisada, porém, a única incompatibilidade existente entre os dois modos de produzir se faria visível no fato de que os grandes produtores possuem meios de produzir dos quais as mulheres camponesas estão desprovidas: “É diferente, porque eles têm todas as estruturas. Tem a irrigação, tem o trator para arar e tudo. A gente não tem. Só tem as mãos, os braços, para limpar com a enxada”. Abaixo, a figura 7 uma enxada, principal instrumento de trabalho das mulheres camponesas.



Figura 7: Enxada utilizada pelas mulheres camponesas para o trabalho na roça.

Fonte: Arquivo pessoal.

Outra entrevistada seguiu uma linha de raciocínio bastante parecida com a da entrevistada anterior e também afirmou que os grandes produtores estão providos de meios de produzir aos quais as mulheres não têm acesso. Isso marcaria, assim, a incompatibilidade entre o modo de produzir dos grandes produtores e o modo de produzir das mulheres do campo: “Ele é diferente. Porque os grandes produtores têm irrigação e a gente não tem a irrigação. Água a verdura, uma lavoura, com o aguador. Esse tipo de irrigação a gente não tem”.

²⁰Entrevista concedida pela entrevistada H [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Os sistemas convencionais de produção, então, são denunciados, pela maioria das mulheres, em sua servidão ao sistema socioeconômico vigente, uma vez que os mesmos são compreendidos como sistemas que têm como objetivo o lucro a qualquer custo. Também são denunciadas suas práticas, tais como o uso excessivo de produtos químicos e o uso excessivo de máquinas. Ambas as práticas, na verdade, estão associadas a uma relação com o meio ambiente que contribui para a sua degradação, visto que tanto o uso de maquinário pesado quanto o uso excessivo de produtos químicos acabam por prejudicar o solo e criar problemas para o ecossistema.

Dessa forma, é possível dizer, como o faz Reis (2020), que o agronegócio é caracterizado por uma prática predatória em sua relação com o meio ambiente, não havendo nenhuma responsabilidade ecológica em suas práticas agrícolas e inexistindo uma preocupação com a preservação dos recursos naturais para as gerações futuras. Além disso, suas práticas estão longe de ter como objetivo a emancipação humana. O caminho da emancipação dos povos do campo somente é possível de ser construído a partir da busca de formas de revalorização da vida no campo ecologicamente determinada.

A resposta à pergunta anterior torna claro que as mulheres camponesas, em sua maioria, possuem consciência sobre o modo de produção com o qual estão envolvidas e também sabem que o mesmo não pode articular-se com o modo de produzir dos grandes produtores. Tal consciência se vincula, inevitavelmente, com a consciência de que o modo como a sociedade brasileira está organizada, em seu favorecimento do agronegócio, não está correto.

Levando em consideração os dados apresentados até o presente momento sobre a agricultura convencional, se faz extremamente urgente o abandono do método convencional de agricultura e uma transição para uma agricultura sustentável. A mesma tem como base o não uso de agrotóxicos, a combinação dos saberes populares com os saberes científicos e a realidade do paradigma agroecológico (MENEZES, et al., 2020).

A agricultura camponesa, que se coloca como uma forma de resistência diante das imposições do sistema capitalista de produção, muito pode contribuir nesse processo de transição. Ela apresenta como características importantes para esse processo a gestão compartilhada da propriedade rural e a preservação ambiental. Da primeira característica, pode-se dizer que ela

demonstra que as atividades na agricultura e na pecuária são a principal fonte de renda dos agricultores camponeses, exercendo um importante papel social e econômico. A segunda característica aparece no fato de que essa forma de agricultura valoriza a diversidade produtiva e isso favorece o cuidado no manejo dos recursos naturais (OLIVEIRA; CORIOLANO, 2020).

A pergunta sobre o projeto de sociedade pelo qual o Movimento de Mulheres Camponesas luta não foi respondida por três das entrevistadas. Elas não se sentiram à vontade para responder essa questão. Uma delas afirmou não se sentir com propriedade para falar sobre esse assunto e se disse preocupada com a possibilidade de cometer algum erro: "Esta pergunta eu não tenho muita propriedade para responder, porque posso cometer algum erro". De forma semelhante, outra entrevistada também falou sobre falta de propriedade para abordar essa questão: "Sobre esse assunto, não tenho propriedade para falar". Outra pesquisada, por sua vez, simplesmente pediu para que essa questão fosse deixada sem resposta: "Pode pular essa pergunta". Isso indica que, julgando o assunto muito profundo e complexo e tentando evitar cometer algum equívoco ao falar sobre ele, as mulheres optaram por não responder a questão colocada.

Duas das entrevistadas, ao responderem essa questão, apontaram para a importância da agroecologia para o modelo de sociedade defendido pelo MMC. Dessa forma, as respostas dadas por ambas foram bastante parecidas. A primeira entrevistada disse:

Tem. Que é o projeto de sociedade a partir da agroecologia, onde por meio de novos modos de produção a gente pode trabalhar a defesa da natureza e da vida das mulheres. Assim, porque a gente pode construir, pode construirmos juntos uma sociedade mais justa e mais humana.²¹



A segunda entrevistada, por sua vez, fez a seguinte afirmação:



Sim, que é o projeto de sociedade a partir da agroecologia, onde por meio de novos modos de produção, defesa da natureza e da vida das mulheres, construímos uma sociedade justa e mais humana.²²

²¹Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

²²Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Outra entrevistada iniciou sua resposta afirmando que o projeto de sociedade defendido pelo Movimento de Mulheres Camponesas é um projeto de sociedade socialista. Em seguida, ela afirmou também, à semelhança das entrevistadas anteriores, a importância da agroecologia no projeto de vida das mulheres do campo:

Existe o projeto de sociedade que nos baseamos enquanto movimento socialista que é o projeto de sociedade socialista. Mas, o nosso projeto de vida, o nosso projeto de organização é o projeto de agricultura agroecológica feminista e camponesa a partir de um novo projeto de sociedade, pensando essa nova relação entre humanidade, natureza e, dessa humanidade e natureza, entre nós também humanos com as sementes, sem violência e para uma sociedade mais justa. Para isso, nós pautamos a agroecologia como meio de produção, vendo que a partir do meio de produzir novas formas de produzir alimentos, teremos também novas relações humanas, sem violência à terra e sem violência à vida humana e sem violência à vida natureza, conservando as diversidades que somos e as diversidades de vida.²³

Assim, fica claro que parte das mulheres entrevistadas consegue enxergar a centralidade ocupada pela agroecologia no projeto de sociedade pelo qual o movimento luta. Trata-se do entendimento de que um modo de produzir pode afetar a existência em sua totalidade, criando novas relações tanto dos seres humanos com a natureza quanto dos seres humanos entre si.

Nesse contexto, é importante ressaltar que o surgimento do termo agroecologia aconteceu nos anos 1930. O mesmo foi elaborado por ecólogos para dar nome à ecologia em sua aplicação à agricultura. No entanto, os ecólogos tinham sua atenção voltada para os sistemas naturais. As questões da agricultura



²³Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

ficavam restritas às pesquisas aplicadas que os agrônômicos realizavam (COSTA, 2017).

A agroecologia, porém, pode ser entendida como uma abordagem da agricultura, uma base científica que integra em si uma diversidade de aspectos: agronômicos, ecológicos e socioeconômicos com vistas à produção de alimento, com capacidade para realizar a crítica da agricultura convencional e dar orientação ao correto redesenho e manejo dos agroecossistemas visando a autossustentabilidade (MARCOS, 2007).

O modelo agroecológico, portanto, difere em muito do modelo adotado pela agricultura convencional também desde o ponto de vista social. No primeiro modelo, há o desdobramento de espaços, alternativas de trabalho e de renda e existe a possibilidade de participação das mulheres, dos jovens e dos idosos; no segundo modelo, não há lugar para os jovens, as mulheres e os idosos no que diz respeito ao trabalho e tampouco há valorização dos saberes coletivos e tradicionais (HENN, 2013).

Os saberes das mulheres camponesas do MMC estão estreitamente vinculados ao ideal da sustentabilidade em seus vários aspectos: social, ambiental e econômico e, por isso mesmo, têm na agroecologia a forma de produção que serve ao desenvolvimento da sustentabilidade desejada. Nesse sentido, em seu modo de lidar com o solo, as plantas e todo o agroecossistema, o que as mulheres do MMC buscam é a efetivação de um modo de produzir distanciado dos agrotóxicos, excesso de máquinas e demais características de produzir típicas dos grandes produtores. A agroecologia é a base a partir da qual se desenvolvem os saberes e as práticas do Movimento de Mulheres Camponesas. Assim, valorizando conhecimentos e práticas camponesas tradicionais, as mulheres camponesas estão valorizando o desenvolvimento agroecológico.

A perspectiva agroecológica, na verdade, tem como seu ponto de partida a necessidade do respeito pela cultura local, com seus valores, conhecimentos e saberes e a utilização dos mesmos nos processos de desenvolvimento. Assim, a identidade cultural dos povos do campo é valorizada e reconhecida em toda a sua importância para um desenvolvimento sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

É importante ressaltar, todavia, que a agroecologia não é simplesmente um retorno às práticas antigas e o abandono de todas as formas de tecnolo-

gia. Ela é antes marcada pelo aproveitamento de variados saberes empíricos ancestrais unidos às tecnologias modernas, tendo sempre como preocupação não agredir o meio ambiente e melhorar a qualidade de vida daqueles que executam a prática de produção. (SOUZA, 2020).

A agroecologia, além de se pronunciar sobre a administração equilibrada, desde um ponto de vista ecológico, dos recursos naturais, apresenta-se como uma área do conhecimento que contribui para os redirecionamentos que as sociedades precisam executar. Seus alvos são, sobretudo, as mudanças sociais e ecológicas, nas múltiplas inter-relações e influências às quais as mesmas encontram-se ligadas (CAPORAL; COSTABEBER; PAULUS, 2006).

Desse modo, o enfoque científico e a abordagem interdisciplinar da agroecologia é a aposta não somente das mulheres camponesas, mas também de profissionais de diversas áreas, organizações não governamentais, instituições de ensino, pesquisa e extensão e movimentos sociais. O paradigma da agroecologia é considerado capaz de transformar as relações socioculturais do campo e de superar as contradições ambientais e econômicas presentes no agronegócio (SARAGOSO; MACHADO e GARCIA, 2018).

A relevância da agroecologia no projeto de sociedade defendido pelo MMC, no entanto, não foi a única questão citada para responder a pergunta sobre o projeto de sociedade pelo qual o Movimento de Mulheres Camponesas luta. Na verdade, houve uma diversidade de respostas. Uma das entrevistadas disse que o MMC luta por uma sociedade em que a mulher tenha mais espaço na política. De acordo com ela, as mulheres, que já sabem da luta diária no cuidado do lar e no trabalho, podem desempenhar um importante papel no cenário político:

Que os políticos deem mais valor às mulheres. Porque as mulheres são mulheres guerreiras. As mulheres têm que ter mais espaço na política. Porque se a mulher for na política, ela vai fazer mais do que os homens, porque as mulheres já sabem da luta, da luta da casa, do trabalho e os homens não sabem.²⁴



Outra entrevistada afirmou que o MMC luta por uma sociedade em que a lei Maria da Penha seja efetivamente cumprida: "Sim. Um projeto de sociedade em que essa lei Maria da Penha fosse aprovada com palavra, de verdade. Mas

²⁴ Entrevista concedida pela entrevistada G [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

ela não é aprovada de verdade”.

Outra pesquisada, por sua vez, disse que a luta do movimento é por uma sociedade em que a estrutura para a mulher executar seu trabalho no campo seja melhor que a atual: “Um projeto de mais estrutura para a mulher na agricultura. Mais valorizar a agricultura da mulher. Mais uma força e uma ajuda para ela ter mais força e sentir a vontade na agricultura, trabalhar”.

Outra das mulheres entrevistadas disse que o MMC busca construir um modelo de sociedade em que a mulher tenha maior segurança: “Uma sociedade em que tenha uma segurança para melhorar a vida das mulheres”.

Assim, diante da realidade de pouca participação e oportunidades das mulheres no cenário político, da falta de estrutura para as mulheres trabalharem no campo e da violência contra a mulher que atinge a sociedade brasileira e, mais especificamente, a realidade alagoana, essas mulheres encontram no MMC um movimento que tem como suas pautas conseguir uma maior participação da mulher na política, mais estrutura para as mulheres do campo trabalharem e a defesa da segurança e da vida das mulheres.

4 - Pratos típicos, tradições folclóricas e plantas medicinais da realidade campesina

A pergunta sobre qual prato típico melhor representa a realidade campesina foi respondida por metade das entrevistadas citando a fava como prato típico que melhor representa a realidade do campo. Levando em consideração que esse é um prato típico bastante apreciado pelas mulheres entrevistadas, fica visível a valorização dos elementos do seu dia a dia na escolha daquilo que as representa. Uma das mulheres chamou a atenção para o fato de que, em determinado evento acontecido no Estado de Alagoas, o MMC ficou representado pela fava. Nesse ponto, é possível verificar como algo tão simples, como um prato típico do cotidiano campesino, ganha destaque dentro de uma dinâmica de resistência que faz a ligação entre o cotidiano e as lutas socioambientais do movimento. É a partir do esforço diário, dos elementos do cotidiano e da realidade campesina que a luta é constituída e levada a frente pelas mulheres do campo. Não se trata, portanto, de produzir discussões teóricas afastadas do mundo real, mas de produzir discussões teóricas que têm como seu ponto de partida a práxis camponesa.

Tem várias comidas que representa a mulher camponesa: a tapioca, a farinha, a batata doce, a macaxeira, o beiju, a fava, o feijão de corda. Não tem nenhum que se destaque mais porque todas fazem parte de algum modo da nossa realidade. A fava ela é colocada no fogo apenas com água e sal, depois escorre a água, coloca o coentro e é só servir. Decidi falar da fava porque justamente é uma das sementes crioulas que o movimento do MMC em Alagoas ficou representado pelo tema da gente para falar, porque o tema é sementes crioulas que ia ter. Tem a cartilha, aí ia ter o seminário, ia ter um monte de formação, só que, devido a pandemia, aí parou tudo. Por isso que resolvi falar da fava.²⁵



Foram diversos, porém, os modos de preparo da fava e os acompanhamentos da mesma citados pelas mulheres entrevistadas. Uma das pesquisadas, por exemplo, falou sobre fazer bolos de fava, machucados com a mão, para comer com a galinha de capoeira:

²⁵ Entrevista concedida pela entrevistada C [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.



Assim, para mim, eu acredito que o feijão verde, ou a fava verde, cozido, depois, feito bolo de feijão com farinha, onde bota a farinha no feijão ou na fava e faz os bolos machucados com a mão para comer com galinha de capoeira feita em casa, no fogo de lenha, no molho.²⁶

Outra pesquisada, além de citar a fava como prato típico que melhor representa a realidade do campo, falou um pouco sobre um prato chamado de galinha cheia. O mesmo, de acordo com a fala da entrevistada, representa a realidade camponesa de sua própria família:

Os pratos típicos são muitos e muitas variedades. Depende muito da família, da cultura familiar. A nossa família tem alguns. Tipo, a minha família tem o da galinha cheia, que é um tipo de galinha feita com um recheio dos miúdos, que é fígado, coração, sangue. É tipo uma buchada só que com as coisas da galinha. É chamada de galinha cheia, recheada e um prato muito típico da semente é a fava, que a gente come a fava com a galinha de capoeira, comer fava de bolo. Então, esse é um prato muito típico na região: a fava.²⁷



Outra entrevistada, por sua vez, descreveu de forma simples e direta como é feito o preparo da fava: "A fava. Cozinha a fava, escalda, depois prepara e só". Ao lado, a figura 8 mostra uma plantação de fava cultivada pelas mulheres camponesas no assentamento.

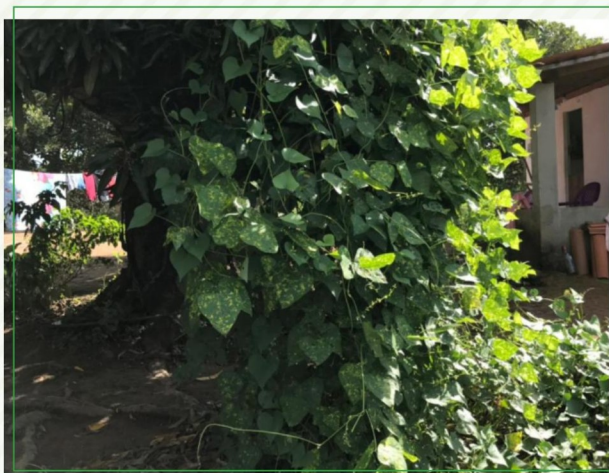


Figura 8: Plantação de fava presente no Assentamento Padre Emílio, em União dos Palmares/AL. Fonte: Arquivo pessoal.

²⁶ Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

²⁷ Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Outra das mulheres pesquisadas, também falando sobre o preparo da fava para comer com galinha de capoeira, foi mais detalhista na fala sobre a execução desse preparo:



A fava verde com a galinha de capoeira que a gente cria na roça. A gente debulha a fava, bota para cozinhar, escalda ela quando estiver cozinhada, bota para ferver, bota um salzinho e um coentrozinho e já tá pronta. E mata a galinha, bota para torrar com todas as verduras, com o molhinho, já tá pronta para comer.²⁶

Outra pesquisada, todavia, dando uma resposta diferente para a questão colocada, citou a tapioca como prato típico que melhor representa a realidade do campo. No entanto, não se detendo muito nos detalhes sobre seu preparo, disse apenas quais os ingredientes utilizados para preparar a mesma e os horários em que esse prato típico costuma ser saboreado:

Outra das entrevistadas, por outro lado, em resposta à pergunta anterior, citou o cuscuz e se deteve na exposição do seu preparo. Segundo ela, o mesmo representa as mulheres do campo em suas lutas: "O cuscuz. Porque, antes de vir à nossa mesa, temos que cultivar bem o milho e colher, deixar secar, ralar e, em seguida, colocá-lo no fogo para que podemos nos alimentar. Ele nos representa na questão da nossa luta no MMC".

Outra pesquisada, respondendo à questão anterior, afirmou ser a galinha de capoeira o prato típico que melhor representa a realidade do campo e falou um pouco sobre como o mesmo é preparado: "A minha receita é uma galinha de capoeira, para torrar ela bem torradinha, colocar tempero, cebola, coentro, alho, hortelã, manjeriço. Aí fica uma galinha nota dez."

Tem vários tipos de comidas típicas: tapioca, mungunzá, beijú, pão de milho, canjica, etc. A tapioca para preparar é preciso dos seguintes ingredientes: goma do coco e o sal. É muito fácil o preparo da tapioca. Utilizamos muito no café da manhã ou à noite.²⁷



²⁶ Entrevista concedida pela entrevistada I [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

²⁷ Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

De acordo com outra entrevistada, no entanto, o prato típico que melhor representa a realidade das pessoas do campo é a pamonha. A entrevistada também se deteve um pouco na explicação do seu preparo: "A pamonha. Rela o milho e depois bota na palha, amarra a palha, bota na panela a água fervendo. Aí, num instante incha a pamonha e, quando cozinha, ela quentinha é muito bom". A seguir, temos a foto de um caldeirão de pamonhas no fogão a lenha.

Outra das mulheres, por fim, em resposta à pergunta anterior, citou o doce de mamão. Ela, porém, não deu uma explicação muito detalhada sobre como seria o seu preparo: "O doce de mamão. Corta o mamão e coloca ele no fogo para fazer e quando ele tiver pronto, tira". Abaixo, a figura 9 mostra um potinho com doce de mamão.

As respostas dadas expuseram, então, o quanto a realidade campesina é rica em termos de variedade de pratos preparados pelas mulheres do campo. A sabedoria popular do campesinato elabora os mais diversos pratos, com seus diferentes aromas e sabores e considera muitos deles como representantes da realidade camponesa. Essa riqueza culinária ganha destaque no contexto familiar onde os modos de preparar os alimentos vão sendo passados de geração a geração. Mais do que o simples alimento, o que aparece por meio de cada prato é a identidade cultural dos povos do campo. Pois, como bem o coloca Fischler (1979), o ser humano se alimenta não somente de animais e vegetais, mas também do imaginário. Tal fato confere à comida uma inegável dimensão cultural.

Por meio da comida, do que é servido a cada um, do lugar que cada um ocupa na mesa se expressam também as diferentes identidades sociais. De



Figura 9: Doce de mamão caseiro.
Fonte: Arquivo pessoal.

modo que o ato de alimentar-se, não estando restrito à mera reposição de energia, não pode ser encarado como uma atividade banal da vida cotidiana. Antes, deve ser visualizado em toda a riqueza da dimensão sociocultural que representa. (WEDIG; MENASCHE, 2013).

As respostas dadas expuseram, então, o quanto a realidade campesina é rica em termos de variedade de pratos preparados pelas mulheres do campo. A sabedoria popular do campesinato elabora os mais diversos pratos, com seus diferentes aromas e sabores e considera muitos deles como representantes da realidade camponesa. Essa riqueza culinária ganha destaque no contexto familiar onde os modos de preparar os alimentos vão sendo passados de geração a geração. Mais do que o simples alimento, o que aparece por meio de cada prato é a identidade cultural dos povos do campo. Pois, como bem o coloca Fischler (1979), o ser humano se alimenta não somente de animais e vegetais, mas também do imaginário. Tal fato confere à comida uma inegável dimensão cultural.

Por meio da comida, do que é servido a cada um, do lugar que cada um ocupa na mesa se expressam também as diferentes identidades sociais. De modo que o ato de alimentar-se, não estando restrito à mera reposição de energia, não pode ser encarado como uma atividade banal da vida cotidiana. Antes, deve ser visualizado em toda a riqueza da dimensão sociocultural que representa. (WEDIG; MENASCHE, 2013).

No que concerne à palavra folk-lore, a mesma foi pela primeira vez utilizada em 1846 pelo inglês William John Thoms. A origem do termo se dá a partir da junção de folk (povo) e lore (saber), indicando, desse modo, um saber de origem popular. Tal expressão designava os modos, os costumes, as superstições, os provérbios antigos, etc. que estavam se perdendo e poderiam, mesmo que apenas em partes, ser recuperados (NÉIA, 2017). Sendo perguntadas sobre qual tradição folclórica teria mais importância para a realidade campesina, metade das entrevistadas responderam que as tradições mais importantes seriam as que estavam relacionadas com o período dos festejos juninos.

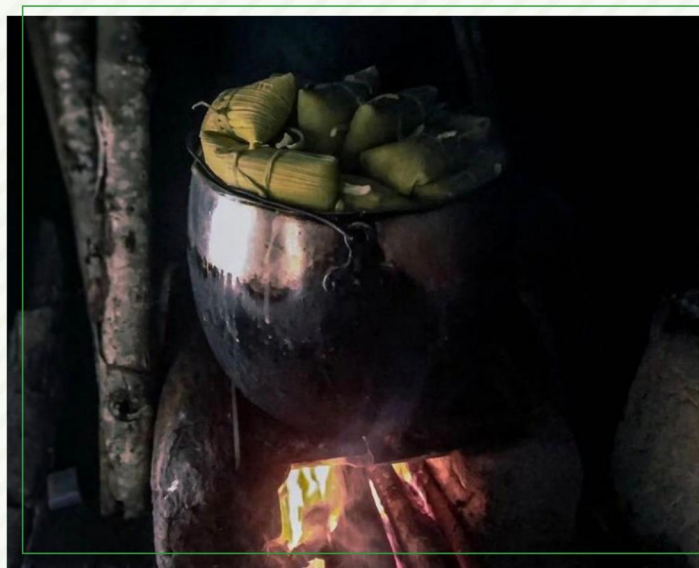
Uma das entrevistadas falou sobre a importância do milho e da tradição de fazer a pamonha e a canjica, pratos típicos dessa época do ano: "As tradições da época de São João. O milho que não pode faltar para fazer pamonha, canjica".

Outra entrevistada fez praticamente a mesma afirmação e também citou a tradição de elaborar as comidas típicas do período junino como sendo a mais importante. Em suas palavras: "As tradições são fazer pamonha, canjica, pé de moleque, tapioca. É as tradições de quando é tempo de festa, São João".

Outra pesquisada, embora tenha dito que as tradições mais importantes são as que estão relacionadas com a época de São João, não especificou quais tradições desse período deveriam ser consideradas mais importantes: "A mais importante é as do São João".

Outra das mulheres, por sua vez, semelhante ao que afirmaram as entrevistadas anteriores, falou sobre as tradições culinárias típicas do período das festas juninas e acrescentou o ato de ralar macaxeira entre essas tradições: "As tradições do São João: Milho, pamonha, pé de moleque, rala macaxeira, faz a tapioca, tudo".

De forma semelhante, outra entrevistada também citou as tradições culinárias da época do São João como sendo as mais importantes. Todavia, de forma original, citou também a tradição das fogueiras: "As tradições do São João. O São João tem a pamonha, a canjica, as fogueiras de São João que a gente faz todo ano". A seguir, a imagem 10 mostra pamonhas sendo preparadas no fogão a lenha.



*Figura 10: Pamonhas no fogão a lenha.
Fonte: Arquivo pessoal.*

Duas das entrevistadas, todavia, citaram a tradição da contação de contos ou histórias como sendo a mais importante. Uma delas disse que essa é uma tradição que se efetiva a partir dos momentos em família, nos quais os contos ou histórias são narrados, pelos bisavós, avós e pais:

A outra ressaltou que a contação de histórias mantém a ancestralidade viva: "A contação de história. Eu considero a contação de história uma das mais importantes, porque mantém a ancestralidade presente, viva".³¹

Outra entrevistada citou o costume, já não mais existente, de fazer farinha. Tal escolha se deu porque esse seria um momento em que todos se reuniam.

Eu acredito que os contos. As tradições de contos que é contado pelos nossos avós, pelos nossos bisavós, pelos nossos pais, que sempre haverá os momentos em família onde vai acontecer os contos, as contações de histórias, de mitos.³⁰

As tradições importantes na vida camponesa era a época de fazer farinha. Hoje, não é tradição, mas antes era, porque é importante. Era a época em que todos se reuniam para fazer a farinha, fazer pés de moleques. Época de colheitas também é tradição muito importante para nós camponesas.³²



Duas mulheres optaram por não responder essa pergunta. Ambas as entrevistadas demonstraram desconhecimento com relação às tradições típicas do campesinato. A primeira disse o seguinte: "Sobre esse assunto não me sinto à vontade de falar". Já a segunda afirmou: "Não sei te responder essa".

O que fica visível é que as tradições escolhidas como mais importantes são justamente aquelas que preservam os laços entre as pessoas e as gerações, seja por meio da reunião dos membros da comunidade para o preparo e consumo dos pratos típicos dos festejos juninos, através da manutenção dos laços entre as gerações por meio da contação de histórias ou a partir da

³⁰ Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

³¹ Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

³² Entrevista concedida pela entrevistada D [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

reunião dos membros da comunidade para a execução de um trabalho em comum. Há uma valorização por parte da maioria das mulheres do estabelecimento dos laços afetivos dos membros da comunidade entre si e dos membros da comunidade para com o seu passado.

Importante, nesse caso, é a preservação da identidade por meio da memória. Pois, como o colocam Schmidt e Mahfoud (1993), falando sobre o pensamento de Halbwachs, o indivíduo que lembra é, em toda circunstância, alguém que está inserido e habitado por grupos de referência. Nesse caso, ainda que a memória seja um trabalho do sujeito, ela se constitui sempre a partir do grupo. Daí a importância de práticas que preservem os laços afetivos da comunidade e mantenham a memória da comunidade viva a cada nova geração.

Respondendo a pergunta sobre quais conhecimentos sobre plantas medicinais seriam indispensáveis para a realidade campesina, todas falaram sobre a importância dos chás. Isso mostra que os chás são uma das principais formas que as mulheres camponesas encontram para restaurar sua saúde quando a mesma é atingida por algum mal. Uma das mulheres citou, além dos chás, os banhos e disse que sua importância não está restrita à realidade feminina, mas se estende para todas as pessoas:



Tem duas. A mais forte para mim, muito, que eu vejo mais, forte, forte mesmo, que toda mulher deve saber, são os chás e também os banhos, os banhos íntimos também. Muito importante para toda mulher. Não só para as mulheres também, que vai além das mulheres.³³

Outra pesquisada citou o boldo, a camomila e o capim santo e falou um pouco sobre a utilidade dos chás feitos com essas plantas: "Tem vários tipos de plantas medicinais que serve para várias coisas. O boldo é muito bom para dores. Camomila serve para os nervos. O Capim Santo é muito bom para insônia, etc".

Outra entrevistada, por sua vez, limitou-se a citar algumas plantas medicinais e ressaltou que todas possuem a mesma importância:

³³Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Tem várias plantas medicinais. Uma delas é para tudo. Ela serve quando você está com dor, para fazer massagem com água morna. Há muitas plantas medicinais: Merthiolate, Cana d'água, Moringa, Boldo e tem várias outras. Todas tem a mesma importância.³⁴



importante são os chás". Outra, por sua vez, ressaltou: "Os conhecimentos sobre cidreira, capim santo, hortelã, alfavaca. Os chás são os mais importantes".

Outra entrevistada falou sobre algumas plantas que servem para fazer chá e esclareceu que o chá de erva cidreira serve para resolver problemas de barriga inchada, gases e males semelhantes: "Hortelã, colônia, alecrim, erva cidreira. A erva cidreira serve para quando a gente tá com a barriga presa, inchada. Para soltar o ar, é muito bom a erva cidreira".

Outra pesquisada, tendo também citado algumas plantas que são úteis para fazer chá, deteve-se numa explicação sobre a utilidade do chá da folha da goiaba que, conforme a fala da entrevistada, serve para acalmar e fazer dormir: "A cidreira, a folha da graviola, a folha da goiaba que serve para fazer chá. A folha da goiaba é para fazer o chá para acalmar e também dormir".

Outra pesquisada falou sobre a terramicina, o alecrim, a camomila e o boldo e citou a utilidade dos chás feitos com cada uma dessas plantas: "A terramicina é muito boa para inflamações e o alecrim também. Camomila: boa para acalmar os nervos. Boldo também é muito bom para gases, dentre outras plantas".

Três mulheres deram respostas bastante semelhantes, tendo todas apenas citado algumas plantas que servem para fazer chá e afirmado que o conhecimento sobre os chás é o mais importante no que se refere à sabedoria relacionada com as plantas medicinais. Uma delas disse: "O conhecimento dos chás: erva cidreira, capim santo, colônia, sabugueira". Outra afirmou: "O conhecimento do hortelã da folha miúda, da folha grande e cidreira, colônia, capim santo, manjerição. Tem vários tipos. O mais

³⁴ Entrevista concedida pela entrevistada C [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

As falas das entrevistadas elucidaram a importância dos chás e o lugar de destaque que os mesmos ocupam no contexto das práticas medicinais típicas do campesinato. Uma das entrevistadas, todavia, além de falar sobre o lugar dos chás dentro das práticas medicinais camponesas, falou um pouco sobre a importância de estabelecer um diálogo entre a medicina convencional e o uso medicamentoso das plantas efetivado pelas mulheres do campo. Ela afirmou não existir contradição entre as duas formas de medicina, mas complementariedade entre ambas.

Vários. Eu acho que desde a forma de colher a planta, o cultivo, a forma de preparar os chás, os banhos. Eu acho que a medicina camponesa, a partir das ervas medicinais, tem uma relação muito com o que hoje tá se colocando como homeopatia, que é a manipulação das plantas, o extrair delas o que há de melhor, fazer os chás. O que mais eu posso dizer? Eu acho que todos têm uma importância grande, mas desde que sabido usar. Porque, assim como a medicina convencional tem suas regras, a medicina camponesa também tem suas regras. Ninguém pode estar tomando um chá todo dia durante dez anos, não sei quanto tempo. Diferente de uma medicina convencional que você toma um comprimido todo dia, dez anos da sua vida. A medicina com as plantas medicinais, ela tem um tempo. Porque, do contrário, ela pode intoxicar. Ela pode, ao invés de causar bem, causar mal. Tem que saber a dosagem. Não é fazer uma garrafa e tomar o dia todo, mas ter um horário certo para tomar. Então, seguir-se a regra e por isso que é tão importante dialogar a medicina tradicional camponesa com a medicina alopata dos médicos, da medicina convencional. Então, fazer essa dialética³⁵ entre os dois mundos, porque um complementa o outro.³⁶



Tal fala apresenta-se como questionável, uma vez que, sobretudo nos ambientes acadêmicos, há ainda uma desvalorização dos conhecimentos medicinais tradicionais do campo e uma supervalorização da medicina convencional. Assim, longe de existir uma relação de complementariedade, conforme exposto pela entrevistada, o que existe é quase que a total rejeição, por parte daqueles que estão envolvidos com a medicina convencional, dos saberes medicinais dos povos do campo. Abaixo, temos uma tabela com o nome popular da planta medicinal, seu nome científico e sua utilidade.

³⁵ O termo dialética é utilizado pela entrevistada com a intenção de fazer referência à necessidade de diálogo entre as formas de medicina citadas.

³⁶ Entrevista concedida pela entrevistada E [09. 2020]. Entrevistador: Eduardo Laureço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Tabela 2 – Plantas medicinais: nome popular, nome científico e utilidade.

PLANTA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	UTILIDADE
	Boldo do Chile	Peumus boldus	É útil para aliviar sintomas de má digestão, cólicas intestinais e produção excessiva de gases.
	Capim Santo	Cymbopogon citratus	Serve, dentre outras coisas, para o tratamento da insônia e de problemas de ansiedade.
	Merthiolate	Jatropha Multifida	Serve, dentre outras coisas, para inibição da inflamação.
	Terramicina	Alternanthera brasiliana	Ajuda, entre outras coisas, no combate às cólicas menstruais. Serve também para acabar com a tosse.
	Alecrim	Rosmarinus Officinalis	Ajuda na digestão, na prevenção do câncer e no tratamento de problemas de pele.
	Hortelã	Mentha Spicata	Serve para ajudar na digestão, reduzir a náusea e o vômito e acalmar o intestino.
	Manjerição	Ocimum basilicum	Serve, entre outras coisas, para problemas de estômago, como prisão de ventre e indigestão.
	Alfavaca	Ocimum gratissimum	É útil para tratamento de sintomas de gripe e resfriado, como tosse e dor de garganta.
	Graviola	Annona muricata	É útil no tratamento da diabetes e da hipertensão. Pode ajudar também a diminuir a insônia.

Tal fala apresenta-se como questionável, uma vez que, sobretudo nos ambientes acadêmicos, há ainda uma desvalorização dos conhecimentos medicinais tradicionais do campo e uma supervalorização da medicina convencional. Assim, longe de existir uma relação de complementariedade, conforme exposto pela entrevistada, o que existe é quase que a total rejeição, por parte daqueles que estão envolvidos com a medicina convencional, dos saberes medicinais dos povos do campo. Abaixo, temos uma tabela com o nome popular da planta medicinal, seu nome científico e sua utilidade.

5 - Religiosidade das mulheres camponesas

Quanto ao pertencimento a algum grupo religioso, prevalece entre as mulheres entrevistadas o cristianismo em sua versão católica romana. Das dez entrevistadas, sete se declararam católicas. Apenas duas entrevistadas se declararam evangélicas e somente uma declarou não pertencer a nenhuma religião e disse que, apesar de ser batizada na Igreja Católica, tem se aproximado da Umbanda. O MMC, no entanto, é marcado pela tolerância para com as minorias religiosas. A figura 11 mostra a imagem de Santa Luzia, representando a fé católica presente no movimento.

Essa realidade torna-se visível no fato de que as mulheres foram unânimes em responder que não existe nenhum vínculo específico entre a religião delas e a atuação do Movimento de Mulheres Camponesas. De acordo com as palavras de uma das entrevistadas, o movimento entende que a religião, enquanto força espiritual da mulher, deve ser fortalecida e respeitada e o MMC não deve interferir nesse aspecto da vida das mulheres.



Figura 11: Imagem de Santa Luzia, representando a fé católica de muitas das mulheres camponesas. Fonte: Arquivo pessoal.



Não. Até porque o Movimento de Mulheres Camponesas trabalha independente de religião, apoiando as mulheres, também pela defesa da vida e da terra, contra a violência e a exploração e não com a religião. Então, a gente entende que a fé de cada pessoa, de cada mulher é de sua força espiritual e que deve ser fortalecida conforme sua fé sem interferências do movimento. Então, a religião aí é independente.³⁷

³⁷Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Outra pesquisada, respondendo a pergunta sobre a relação entre sua religião e o Movimento de Mulheres Camponesas, foi simples e direta, dizendo apenas que tal relação não existe. De forma semelhante, outras duas entrevistadas também não se estenderam em suas falas sobre esse assunto, mas afirmaram simplesmente que não existe nenhuma relação entre a atuação do movimento e a sua religião.

Dessa forma, as mulheres entrevistadas se mostraram inseridas em um processo de secularização que, não significando o fim da religião, mas tendo como consequência o fim do controle religioso sobre o todo social (CAMURÇA, 2003), reduz a religião ao âmbito privado. A mesma acaba ficando limitada à dimensão particular da vida de cada sujeito (PIERUCCI, 1997) e já não exerce domínio sobre a realidade social.

Outra pesquisada citou a presença da diversidade religiosa no movimento e enfatizou que o mesmo não é constituído por uma única religião:



Não, não tem a ver, assim, a religião, porque há católico, há gente de todas as religiões no movimento. Não é só uma religião específica. Então, acho que não tem nada a mais a falar sobre a minha religião, porque há vários tipos de religião: tem gente evangélica, tem gente católica, tem ateu, tem de todo tipo.³⁸

Outra das mulheres entrevistadas afirmou que o próprio movimento está fundado sobre a diversidade de mulheres a nível nacional e que a diversidade de crenças religiosas dentro do movimento é apenas um aspecto dessa diversidade. Em sua fala ela relata:

Não, não acredito que tenha nenhuma relação, não. Acho que o movimento, ele nasce a partir dessa diversidade de mulheres, a partir das articulações de mulheres, em sua diversidade de representação. Não só nacionalmente falando, a nível de diversos lugares, diversos estados, diversos municípios, diversas culturas, mas também diversas formas de acreditar em Deus e isso nunca interferiu dentro do Movimento. Pelo contrário, isso fortalece a gente ao respeito uma com as outras, ao amor uma com as outras, à tolerância religiosa mesmo, para a gente enxergar mais do que os rótulos da religião e, sim, a existência das pessoas e, sim, as mulheres, sem ser a religião. Mas, sim, a mulher.³⁹



³⁸ Entrevista concedida pela entrevistada C (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

³⁹ Entrevista concedida pela entrevistada E (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.



Figura 12: A Bíblia Sagrada, representando a fé protestante também presente no Movimento de Mulheres Camponesas.
Fonte: Arquivo pessoal.

A diversidade religiosa presente no movimento, reflexo da diversidade religiosa de nossa sociedade, reforça a ideia de secularização conforme defendida por Portella (2006), em conformidade com o qual a pós modernidade secularizada é marcada pela ausência do poder e influência social exercida por uma única instituição religiosa. Assim, de acordo com o pensador, as grandes tradições religiosas já não possuem a mesma influência na sociedade. O que há é uma cada vez menor regulação institucional da vivência religiosa e uma multiplicidade de discursos religiosos que, sendo adotados ou rejeitados em conformidade com a autonomia dos

sujeitos, disputam as preferências dos indivíduos no "mercado" religioso. Na vida das mulheres, isso aparece numa diversidade que não tem como implicação um duelo travado pelas religiões na busca por exercer o controle da atuação social dos indivíduos. Antes, é reveladora de uma multiplicidade religiosa convivendo de forma pacífica e estando restrita ao foro íntimo das participantes do movimento.

Outra entrevistada afirmou a importância do respeito para com a religião do próximo e falou também sobre a igualdade entre as mulheres: "Não. Assim, cada um tem sua religião. Não tem diferença. São tudo mulheres, iguais. A gente tem que respeitar a religião dela e a da gente. Todas as religiões convivem bem dentro do movimento". A figura 12 mostra a Bíblia Sagrada, representando a fé protestante também presente no MMC.

Seguindo uma linha de raciocínio parecida, outra pesquisada falou que, para o bom relacionamento entre as mulheres, deve se efetivar uma relação de respeito mútuo entre elas: "Não. Eu respeito a minha e elas respeitando a minha, eu também respeito a delas. Se tiver alguma religião diferente, não vou me opor".

Outra entrevistada falou sobre a diversidade de crenças religiosas dentro do movimento e sobre a liberdade de cada mulher para valorizar sua própria religião:

São meio diferentes. Porque tem uns que vão para uma missa, outros não vão. Outros já é outra religião. Mas para mim é a mesma coisa. Porque cada qual que dê valor a sua religião. No grupo de mulheres, tem mulheres de religiões diferentes e todas elas são bem-vindas.⁴⁰



Outra das mulheres pesquisadas ressaltou que, embora existam entre as mulheres convicções distintas, todas elas estão relacionadas com a crença no mesmo Deus: "Não. A gente tem um Deus só. A religião não faz diferença". Tal afirmação, no entanto, pode ser questionada, uma vez que uma das entrevistadas, em sua fala, afirmou também a existência, no grupo, de mulheres que não acreditam em Deus.

Desse modo, o que fica claro é que, segundo as mulheres entrevistadas, o movimento não abraça nenhuma religião, mas acolhe dentro de si mulheres que pertencem a grupos religiosos diversos, mostrando-se como um ambiente de exercício da tolerância religiosa. Isso, obviamente, numa realidade sociocultural que, a despeito de ver o surgimento e fortalecimento de alguns discursos fundamentalistas, está marcada por uma valorização maior da autonomia dos sujeitos e por uma consequente liberdade maior dos indivíduos para se vincular e se desvincular a grupos religiosos. Trata-se de uma realidade sociocultural em que já não há o domínio social exercido por uma única religião. Porém, há espaço para a pluralidade de discursos religiosos.

⁴⁰Entrevista concedida pela entrevistada H [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Referências

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

CAMURÇA, M. A. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. **BIB**, São Paulo, n. 56, p. 55-69, 2003.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. IN: CONTIN, I. L.; PIES, N.; CECCONELLO, R. (Org). Agricultura familiar: caminhos e transições. Passo Fundo: IFIBE, 2006.

COSTA, M. B. B. da. **Agroecologia no Brasil: história, princípios e práticas**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

ESMERALDO, G. G. S. L. **O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

FISCHER, I. R. **O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

FISCHLER, C. Présentation. **Communications**, Paris, n. 31, p. 1-3, 1979.

HENN, I. A. **Agroecologia e Relações de Gênero em Projeto Societário**. N: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. [Tradução: Bernardo Leitão et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MANESCHY, M. C. **Mulheres na Pesca Artesanal: Trajetórias, Identidades e Papéis em um Porto Pesqueiro no Litoral do Estado do Pará**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). *Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013.

MARCOS, V. de. Agroecologia e campesinato: uma nova lógica para a agricultura do futuro. **AGRÁRIA**, São Paulo, n. 7, p. 182-210, 2007.

MENEZES, A. J. de S. [et al.]. **A Agroecologia e a Relação Sociedade/Natureza: um diálogo para além da Academia**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R.(Org). *Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI*. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

MENEZES, M. A.; GASPARETO, S. A. K. **As jovens do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em Santa Catarina**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). *Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013.

NÉIA, V. H. S. O folclore e a escrita da História: a cultura popular como fonte. **Resgate-Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 203-226, jan./jun. 2017.

OLIVEIRA, L. M. S. R.; CORIOLANO, J. W. G. **A Produção Familiar Campesina e a Produção Média Agrícola: encontros no campo para o desenvolvimento sustentável (Sociedade – Economia – Natureza)**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R.(Org). *Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI*. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

PIERUCCI, A. F. Reencantamento e dessecularização. A propósito do auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos Cebrap**, n. 49, p. 99-117, nov. 1997.

PORTELLA, R. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade: Da ciranda entre religião e secularização. **REVER**, n. 2, p. 71-87, 2006.

REIS, A. H. **Introdução: A Via Ecológica da Agricultura: desafios e perspectivas**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R.(Org). Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

SARAGOSO, T. M. R.; MACHADO, L. G.; GARCIA, E. G. M. Agroecologia: uma ciência interdisciplinar. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 3, n. 1, 2018.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, 4 (1/2), p. 285-298, 1993.

SILVA, G. F. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016.

SILVA, M. A. de M. S. **Camponesas, fiandeiras, tecelãs, oleiras**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

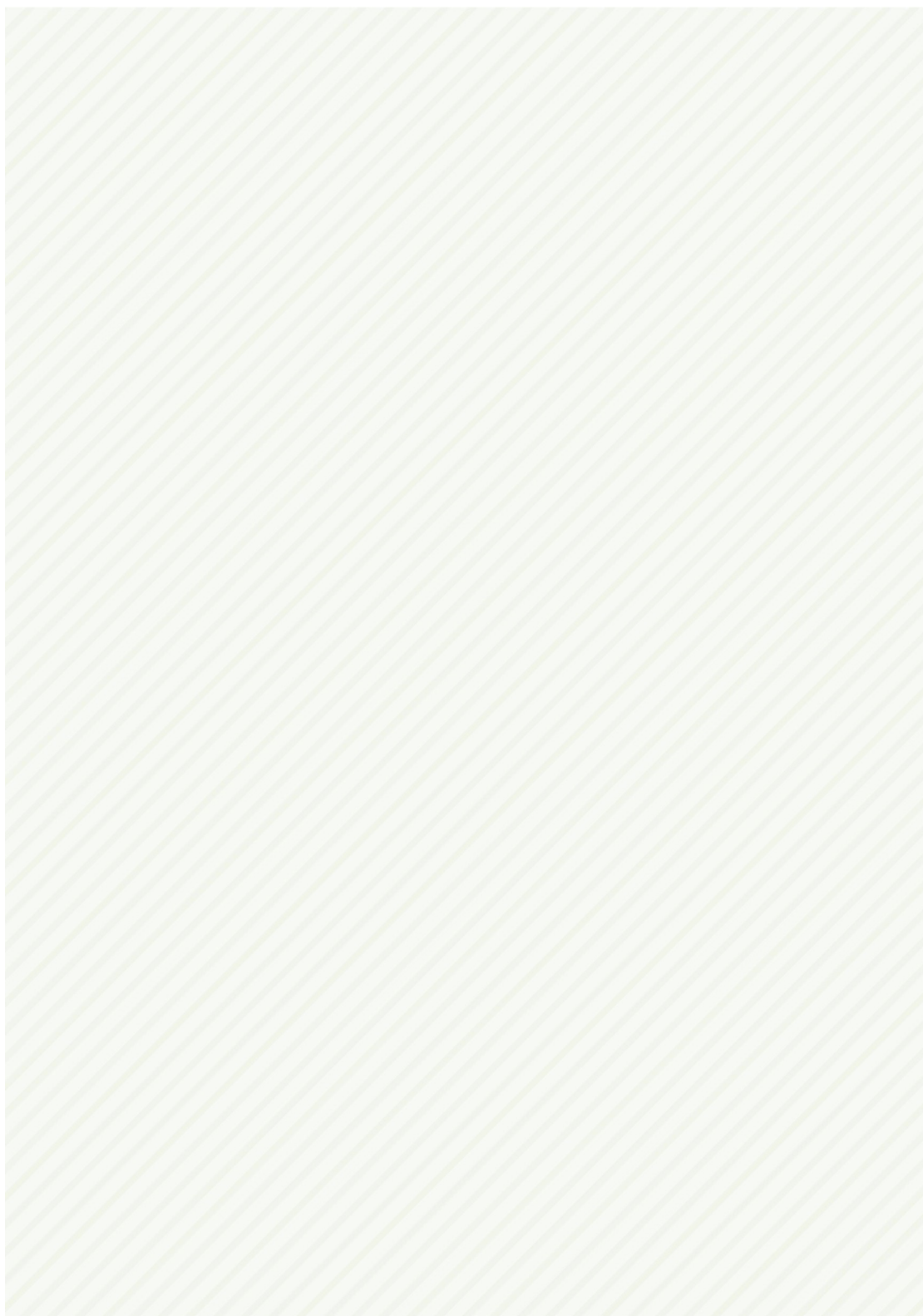
SILIPRANDI, E. **Mulheres agricultoras e a construção dos movimentos agroecológicos no Brasil**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

SOUZA, E. M. [et al.]. **Agricultura e Bem-Estar Humano: uma relação indispensável à sustentabilidade ambiental**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R.(Org). Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

TOMIZAKI, K; DANILAUŠKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro.Posições**, São Paulo, v. 29, n. 1 (86), p. 214-238, Jan./Abr. 2018.

TRINDADE, C. C. Sementes crioulas e transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais. **Universidade do Estado do Amazonas**. 2006. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf>, Acesso em dezembro de 2020.

WEDIG, J. C.; MENASCHE, R. **Práticas Alimentares entre Camponeses: Expressão de Relações Familiares e de Gênero**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.



APÊNDICE B

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS
PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI

Entrevista Semiestruturada direcionada às Mulheres Camponesas

Mestrando: Eduardo Lourenço Figueiredo

Orientador: Nelson Vieira da Silva

Orientações: Prezadas, essa Entrevista Semiestruturada é parte fundamental da nossa pesquisa de mestrado. Trata-se da análise da realidade e dos saberes de vocês enquanto mulheres camponesas. Por isso, contamos com a participação de vocês nessa etapa da pesquisa e asseguramos que as informações dadas somente serão divulgadas com o consentimento de vocês.

A técnica de coleta de dados utilizada consiste numa Entrevista Semiestruturada efetivada com o uso de um gravador. Obrigado!

1. Qual a sua idade?

2. Qual a sua Fonte de Renda?

3. Qual seu nível de escolaridade?

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares?

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Porquê?

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o Movimento de Mulheres Camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

14. Existe alguma relação entre sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

APÊNDICE C

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS
PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI

Questionário para os alunos

Mestrando: Eduardo Lourenço Figueiredo

Orientador: Nelson Vieira da Silva

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL – CAMPUS MURICI, dos pesquisadores Eduardo Lourenço Figueiredo e Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva.

1. Idade: _____

2. Sexo:

() Feminino () Masculino () Prefiro não responder

3. O ebook é útil para um maior conhecimento sobre o Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares – AL?

() Sim, muito útil () Sim, razoavelmente útil () Não, não foi útil () Prefiro não responder

4. Quais informações sobre o Movimento de Mulheres Camponesas contidas no ebook você julga como sendo mais relevantes?

5. Você considera que o ebook pode contribuir para uma maior valorização do conhecimento local?

☐ Muito ☐ Pouco ☐ Em nenhum sentido ☐ Prefiro não responder

6. Você acredita que o ebook pode contribuir para a sua formação profissional?

☐ Muito ☐ Pouco ☐ Em nenhum sentido ☐ Prefiro não responder

APÊNDICE D

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

Entrevista com a Entrevistada A

1. Qual a sua idade?

Tenho 25 anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

Minha fonte de renda hoje é a agricultura familiar, verduras e hortaliças. Quando é nossa produção, a gente leva para a feira para comercializar.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Tenho o Ensino Médio completo e cursei o Superior, mas aí nem tranquei nem terminei. Desisti no início.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Desde 2013. Oito anos.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Acredito que cada mulher que começa a fazer parte do Movimento de Mulheres Camponesas muda em algum sentido. Muda para a política, muda em todos os sentidos. Porque, de certa forma, no Movimento de Mulheres Camponesas

a gente se sente libertado, o momento de estar livre, de poder assumir quem você é e de buscar novos horizontes, inclusive, em polífticas e políticas públicas também.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Para mim, ser mulher camponesa é ser uma mulher mais aberta, ser uma mulher guardiã de sementes, ser uma mulher da produção orgânica, ser uma mulher que está ali lidando com outras mulheres. É contar a história, porque quando a gente passa a ser mulher camponesa a gente passa a ter uma libertação mais livre. Começa a falar melhor com as pessoas. Aprende a dividir o que se sente uma com a outra. Ser mulher camponesa, para mim, é ser uma pessoa que transforma, que gera o alimento, que leva o de comer para muitas mesas.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

Para mim, os dois pontos que é a linha para a gente seguir é a forma correta de guardar as sementes, que a gente colhe ela, escolhe uma por uma, tira os melhores grãos para que na próxima safra eles germinem e dê mais bons frutos ainda. É saber guardar a semente, tirar a semente, secar, passar o barro vermelho nela peneirado, guardar nas garrafinhas lacradas para ser semeado na outra safra. Então, para mim, é guardar a semente e também, além de guardar a semente, é saber cultivá-la, porque não adianta plantar sem ter o cultivo, o cultivo correto. O cultivo, quando ele é feito com amor, o alimento ele serve bem melhor para nossa mesa.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

Não tem nem o que comparar, porque os grandes produtores a gente vê aí os maquinários trabalhando vinte quatro horas dentro, sem contar que tá poluindo o nosso ar com os maquinários; segundo, o uso de adubos químicos dele é inúmero, o uso de produtos de veneno sai-se da conta e a nossa produção camponesa não. Ela

tem o cuidado com a terra, o cuidado com o outro e o cuidado com si. Então, produzir de forma justa, limpa, orgânica, sem veneno nenhum não tem nem para quê comparar, nem como comparar com a produção dos grandes produtores.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Tem. Que é o projeto de sociedade a partir da agroecologia, onde por meio de novos modos de produção a gente pode trabalhar a defesa da natureza e da vida das mulheres. Assim, porque a gente pode construir, pode construirmos juntos uma sociedade mais justa e mais humana.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

Assim, para mim, eu acredito que o feijão-verde, ou a fava verde, cozido, depois, feito bolo de feijão com farinha, onde bota a farinha no feijão ou não fava e faz os bolos machucados com a mão para comer com galinha de capoeira feita em casa, no fogo de lenha, no molho.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

Eu acredito que os contos. As tradições de contos que é contado pelos nossos avós, pelos nossos bisavós, pelos nossos pais, que sempre haverá os momentos em família onde vai acontecer os contos, as contações de histórias, de mitos.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

Tem duas. A mais forte para mim, muito, que eu vejo mais, forte, forte mesmo, que toda mulher deve saber, são os chás e também os banhos, os banhos íntimos

também. Muito importante para toda mulher. Não só para as mulheres também, que vai além das mulheres.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Eu sou da religião católica, apostólica romana.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não. Até porque o Movimento de Mulheres Camponesas trabalha independente de religião, apoiando as mulheres, também pela defesa da vida e da terra, contra a violência e a exploração e não com a religião. Então, a gente entende que a fé de cada pessoa, de cada mulher é de sua força espiritual e que deve ser fortalecida conforme sua fé sem interferências do movimento. Então, a religião aí é independente.

Este documento é uma transcrição de áudios enviados pela entrevistada.

APÊNDICE E

**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)**

Entrevista com a Entrevistada B

1. Qual a sua idade?

Tenho 22 anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

Me casei agora há pouco. Estou tirando meu sustento de uns bens materiais que temos.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Até o ensino médio completo.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Há três anos.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Não. Não mudei minha visão sobre a política, não.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Para mim, ser mulher camponesa é correr atrás daquilo que a gente merece e

sempre estar em luta pelos direitos iguais.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

A terra para a gente que é camponês, que mexe com a terra, a terra não é só chegar, plantar e colher. Ela precisa de cuidado, precisa de amor, porque se você não tiver amor para plantar, você também não vai ter amor para cuidar dela. É muito importante, para a plantação dela, não levar adubo. Porque, se levado, não vai ter uma plantação saudável. Você pode ter uma plantação boa, mas não é saudável. Camponeses que mexe com a terra, sim, coloca adubo, mas não esses adubos que prejudica a terra e também que pode prejudicar até a saúde de quem vai adquirir aquela alimentação. É como eu falei, para mim o mais importante é mexer com a terra e não utilizar nenhum produto químico nela para que também não possa prejudicar não só a terra, mas também o solo dela.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

Não. É totalmente diferente porque os grandes produtores, eles não têm o amor que os camponeses têm pela terra. Porque ele só pensa em lucros. Ele não se importa se a terra ela vai ficar saudável ou não. Para ele, tendo lucros, é o que importa. É por isso que eles utilizam muito os produtos químicos. E os camponeses, eles se preocupa muito com o bem-estar da terra, porque se a terra ela estiver saudável, ele sabe que vai ter um fruto saudável e eles não plantam só por plantar. Eles plantam por amor, que é o mais importante: você ter amor por aquilo que você vai adquirir. Eles também utilizam muito máquina e as máquinas elas não faz bem para plantação.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Sim,, que é o projeto de sociedade a partir da agroecologia, onde por meio de

novos modos de produção, defesa da natureza e da vida das mulheres, construímos uma sociedade justa e mais humana.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

Tem vários tipos de comidas típicas: tapioca, mungunzá, beiju, pão de milho, canjica, etc. A tapioca para preparar é preciso dos seguintes ingredientes: goma do coco e o sal. É muito fácil o preparo da tapioca. Utilizamos muito no café da manhã ou à noite.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

Sobre esse assunto não me sinto à vontade de falar.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

Tem vários tipos de plantas medicinais que serve para várias coisas. O boldo é muito bom para dores. Camomila serve para os nervos. O Capim Santo é muito bom para insônia, etc.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Sim, sou evangélica.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não.

Este documento é uma transcrição de áudios enviados pela entrevistada.

APÊNDICE F

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

Entrevista com a Entrevistada C

1. Qual a sua idade?

Vinte e oito anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

Meu sustento vem de algumas coisas que planto e da minha mãe que me ajuda.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Estou estudando o terceiro ano do Ensino Médio.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Dois anos e meio.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Modificou sim, porque vejo de um modo diferente a política. Foi a partir de quando entrei no movimento que aprendi sobre as lutas dos movimentos para ter a

sua terra e lutar por nossos direitos.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Trabalhar na roça, plantar e colher alguns alimentos para o consumo e para vender também e plantar alimentos saudáveis que não afeta nossa vida, sem agrotóxicos. Tirar meu sustento do próprio esforço.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

Temos que preparar a terra para que os alimentos seja saudável. Aprendemos de geração em geração como tratar a terra e nossas sementes, mas também aprendemos com nossas companheiras na formação, porque sempre há troca de experiências e jamais usar agrotóxicos, porque defendemos a agroecologia.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

Não. Muito diferente. Nós defendemos a agricultura familiar sem isso de agrotóxico. Os grandes produtores só ligam para o agronegócio, para ele não importa se afeta a terra, os alimentos, devido o uso de agrotóxicos. Eles só ligam para o lucro.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Esta pergunta eu não tenho muita propriedade para responder, porque posso cometer algum erro.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

Tem várias comidas que representa a mulher camponesa: a tapioca, a farinha,

a batata-doce, a macaxeira, o beiju, a fava, o feijão-de-corda. Não tem nenhum que se destaque mais porque todas tem parte de algum modo da nossa realidade. A fava ela é colocada no fogo apenas com água e sal, depois escorre a água, coloca o coentro e é só servir. Decidi falar da fava porque justamente é uma das sementes crioulas que o movimento do MMC em Alagoas ficou representado pelo tema da gente para falar, porque o tema é sementes crioulas que ia ter. Tem a cartilha, aí ia ter o seminário, ia ter um monte de formação, só que, devido a pandemia, aí parou tudo. Por isso que resolvi falar da fava.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

Não sei te responder essa.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

Tem várias plantas medicinais. Uma delas é para tudo. Ela serve quando você está com dor, para fazer massagem com água morna. Há muitas plantas medicinais: Mertiolate, Cana d'água, Moringa, Boldo e tem várias outras. Todas tem a mesma importância.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Católica.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não, não tem a ver, assim, a religião, porque há católico, há gente de todas as religiões no movimento. Não é só uma religião específica. Então, acho que não tem nada a mais a falar sobre a minha religião, porque há vários tipos de religião: tem gente evangélica, tem gente católica, tem ateu, tem de todo tipo.

Este documento é uma transcrição de áudios enviados pela entrevistada.

APÊNDICE G

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

Entrevista com a Entrevistada D

1. Qual a sua idade?

Tenho dezenove anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

Atualmente eu vendo mercadorias da agricultura. É disso que me sustento.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Ensino Médio Completo

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Iniciei em 2017. Três anos.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Sim, antes eu não tinha uma clareza sobre o machismo, onde na política ocorre muito. No entanto, ao participar do MMC, isso fez com que eu viesse perceber isso.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Ser uma mulher camponesa é cuidar da alimentação familiar, plantar, cultivar, guardar as sementes. Ser camponesa é uma diversidade de função, ser livre para poder conquistar tudo aquilo que se almeja tanto no campo quanto em todo lugar ao qual pensamos em conquistar.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

Cultivar e cuidar da terra, porque se não for cultivada e cuidada, não tem como a alimentação nascer saudável.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

Não. São bastante diferentes. A terra que nós mulheres camponesas cultivamos são com métodos naturais e a dos grandes produtores são com métodos diferentes, com agrotóxicos.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Sobre esse assunto, não tenho propriedade para falar.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

O cuscuz. Porque, antes de via à nossa mesa, temos que cultivar bem o milho e colher, deixar secar, ralar e, em seguida, colocá-lo no fogo para que podemos nos alimentar. Ele nos representa na questão da nossa luta no MMC.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

As tradições importantes na vida camponesa era a época de fazer farinha. Hoje, não é tradição, mas antes era, porque é importante. Era a época em que todos se reuniam para fazer a farinha, fazer pés de moleques. Época de colheitas também é tradição muito importante para nós camponesas.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

A terramicina é muito boa para inflamações e o alecrim também. Camomila: boa para acalmar os nervos. Boldo também é muito bom para gases. Dentre outras plantas.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Sou cristã. Sou evangélica.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não existe.

Este documento é uma transcrição de áudios enviados pela entrevistada.

APÊNDICE H

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

Entrevista com a Entrevistada E

1. Qual a sua idade?

Tenho 29 anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

Atualmente, minha fonte de renda é uma colaboração, que a gente chama de ajuda de custo, que vem da parceria das próprias mulheres que estão trabalhando no campo, enquanto eu cuido da parte da comunicação do Movimento.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Pós graduada em nível de Mestrado.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Do Movimento de Mulheres Camponesas eu participo desde 2008, mas afetivamente eu participo desde 2013. Vamos colocar dez anos, então.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Sim, com certeza, sim. Uma, me ajudou a amadurecer o pensamento. Eu tava saindo da adolescência. Tinha meus dezesseis, dezessete anos quando comecei a

conhecer... Dezoito. Hoje tenho meus vinte e nove. Então, dentro desse tempo a gente aprende muita coisa. Em especial, a reconhecer a sociedade em que vivemos, que tem toda uma estrutura de reprodução de um sistema que é machista, racista e que, por fim, essas estruturas do capitalismo. Então, o que as mulheres sofrem a opressão em diferentes esferas sociais, em diferentes escalas. Não têm reconhecimento do trabalho. O que faz é considerado como ajuda. Tem horas de trabalho, de exploração do trabalho não reconhecida socialmente, além da violência sexual, doméstica, entre outros tipos de violência estruturais dessa sociedade, desse sistema. Então, claro que muda. Antes, eu não tinha essa visão, nem tinha esse amadurecimento pela falta de até, de leituras políticas, de conversa, de formação e o Movimento me possibilitou conhecer não só a essa sociedade, mas como nos fortalecer enquanto mulheres.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Ser mulher camponesa para mim é ser semente, metaforicamente falando é ser semente, é ter uma missão. Semente no sentido de que nós estamos aqui não só para produzir alimento, mas também para produzir saberes, conhecimentos, nos fortalecer e continuar com essa missão de produzir e de alimentar. Um alimentar não só a questão da fome, mas alimentar uma à outra, nas energias, no conhecimento, na mística, na formação social, na construção, na solidariedade e na libertação uma da outra. Ser camponesa é tocar a terra, mas é tocar também o conhecimento e a ancestralidade que é indígena, que é quilombola, que é mestiça, que é todas as nossas tradições e história social.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

Saberes essenciais? Acho que são todos essenciais para que a gente possa continuar existindo e resistindo. É, mas o guardar semente é uma ancestralidade que, desde as culturas indígenas, quilombolas, em especial da nossa região, que é uma região de tanta ancestralidade, nos fortalece e nos mostra como continuar, que é a questão de guardar para continuar plantando. Não comer tudo de uma vez e não plantar tudo de uma vez, mas sempre guardar um pouco de semente para a próxima

plantação, para o próximo plantio. Isso garante com que as nossas comunidades continuem tendo suas sementes, continuem tendo suas safras, continuem tendo suas culturas, continuem tendo sua identidade, tendo sua... suas sementes e sendo sementes.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

Não. Tem muita diferença. Os grandes produtores, eles produzem com... através do agronegócio, com o uso abusivo de veneno, com desmatamento em massa, com devastação do solo, com produção em larga escala, com o sentido apenas do mercado. A agricultura camponesa e familiar, ela produz em pequena escala e uma diversidade imensa de coisa. A grande produção produz a monocultura. A gente produz a diversidade. Em um hectare de terra você vai encontrar laranja, banana, limão, manga, coentro, cebolinha, alface, tomate, pepino, pimentão, galinha e toda uma diversidade, além das hortaliças, as raízes, a batata, a mandioca, o inhame. Enquanto um agronegócio, a agricultura do grande negócio, vai pensar, grandes hectares, quinze hectares, vinte hectares, de uma coisa só, que é só soja, só milho, só cana e isso gera o que a gente vê: a escravidão, a dependência de uma terra e tantos com muito e tantos sem nada. Então, nem se compara. É muito diferente a metodologia da produção.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Existe o projeto de sociedade que nos baseamos enquanto movimento socialista que é o projeto de sociedade socialista. Mas, o nosso projeto de vida, o nosso projeto de organização é o projeto de agricultura agroecológica feminista e camponesa a partir um novo projeto de sociedade, pensando essa nova relação entre humanidade, natureza e, dessa humanidade e natureza, entre nós também humanos com as sementes, sem violência e para uma sociedade mais justa. Para isso, nós pautamos a agroecologia como meio de produção, vendo que a partir do meio de produzir novas formas de produzir alimentos, teremos também novas

relações humanas, sem violência à terra e sem violência à vida humana e sem violência à vida natureza, conservando as diversidades que somos e as diversidades de vida.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

Os pratos típicos são muitos e muitas variedades. Depende muito da família, da cultura familiar. A nossa família tem alguns. Tipo, a minha família tem o da galinha cheia, que é um tipo de galinha feita com um recheio dos miúdos, que é fígado, coração, sangue. É tipo uma buchada só que com as coisas da galinha. É chamada de galinha cheia, recheada e um prato muito típico da semente é a fava, que a gente come a fava com a galinha de capoeira, comer fava de bolo. Então, esse é um prato muito típico na região: a fava.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

A contação de história. Eu considero a contação de história uma das mais importantes, porque mantém a ancestralidade presente, viva.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

Vários. Eu acho que desde a forma de colher a planta, o cultivo, a forma de preparar os chás, os banhos. Eu acho que a medicina campesina, a partir das ervas medicinais, tem uma relação muito com o que hoje tá se colocando como homeopatia, que é a manipulação das plantas, o extrair delas o que há de melhor, fazer os chás. O que mais eu posso dizer? Eu acho que todos têm uma importância grande, mas desde que sabido usar. Porque, assim como a medicina convencional tem suas regras, a medicina camponesa também tem suas regras. Ninguém pode estar tomando um chá todo dia durante dez anos, não sei quanto tempo. Diferente de uma medicina convencional que você toma um comprimido todo dia, dez anos da sua vida. A medicina com as plantas medicinais, ela tem um tempo. Porque, do

contrário, ela pode intoxicar. Ela pode, ao invés de causar bem, causar mal. Tem que saber a dosagem. Não é fazer uma garrafa e tomar o dia todo, mas ter um horário certo para tomar. Então, seguir-se a regra e por isso que é tão importante dialogar a medicina tradicional camponesa com a medicina alopata dos médicos, da medicina convencional. Então, fazer essa dialética entre os dois mundos, porque um complementa o outro.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Eu não me considero religiosa. Eu tenho minha fé. Eu tenho uma fé em Deus. Eu tenho fé que tem uma criação para além, mas eu não tenho... Enfim, minha família é toda católica, tem algumas pessoas que são evangélicas, mas eu tenho uma pegada mais natural, de um Deus mais natureza, de um Deus mais ar, mais água e, ultimamente, tenho me aproximado da Umbanda. Mas eu também não sou da Umbanda. Então, eu não tenho uma religião, apesar que eu sou batizada na Igreja Católica, vou na missa, oro, mas tem muitas coisas que eu também não concordo da metodologia da igreja em si, não da fé. Então, tenho minhas contradições da questão religião e fé.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não, não acredito que tenha nenhuma relação, não. Acho que o movimento, ele nasce a partir dessa diversidade de mulheres, a partir das articulações de mulheres, em sua diversidade de representação. Não só nacionalmente falando, a nível de diversos lugares, diversos estados, diversos municípios, diversas culturas, mas também diversas formas de acreditar em Deus e isso nunca interferiu dentro do Movimento. Pelo contrário, isso fortalece a gente ao respeito uma com as outras, ao amor uma com as outras, à tolerância religiosa mesmo, para a gente enxergar mais do que os rótulos da religião e, sim, a existência das pessoas e, sim, as mulheres, sem ser a religião. Mas, sim, a mulher.

Este documento é uma transcrição de áudios enviados pela entrevistada.

APÊNDICE I

**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)**

Entrevista com a Entrevistada F

1. Qual a sua idade?

Trinta e oito anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

Minha fonte de renda é de roça, plantando roça: mandioca, batata e vendendo na feira.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Quarta série.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Desde 2015. Há seis anos.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Sim, mudou. Assim, várias coisas. Em primeiro lugar a saúde, que a gente luta por nossos direitos. A mulher que não podia ficar no poder e hoje pode.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

É muito especial. É muito bom ser uma mulher camponesa.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

A plantação. Saber plantar, colher, etc.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

É muito diferente. Eles usam agrotóxicos e a gente não. Lá é uma coisa diferente. Aqui a gente trabalha de enxada.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Pode pular essa pergunta.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

A fava. Cozinha a fava, escalda, depois prepara e só.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

As tradições da época de São João. O milho que não pode faltar para fazer pamonha, canjica.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

O conhecimento dos chás: Erva Cidreira, Capim Santo, Colônia, Sabugueira.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Sou. Sou católica.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não. Não existe.

Este documento é uma transcrição de áudios enviados pela entrevistada.

APÊNDICE J

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

Entrevista com a Entrevistada G

1. Qual a sua idade?

Setenta anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

Agora sou aposentada. No tempo que eu trabalhava ganhava mais um pouquinho e dava para viver. Tenho uma rendinha também, uma produção que planta a macaxeira, o couve, o coentro, o quiabo, maxixe.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Só estudei o primeiro ano. Só sabia assinar. Agora nem assinar eu sei mais.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Eu nasci e me criei na roça. No grupo, eu tô desde 2013.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Sim. Político é uma coisa. O trabalhador trabalha e os políticos, tem deles que não ajudam o trabalhador. Aí fica mais difícil. Porque tem gente que precisa e

eles não ajudam. Políticos só querem assim, em tempo de eleição, aí eles querem e vão atrás das coisas. Mas, nos outros dias, eles não vem atrás de ajudar ninguém. Também aprendi que a mulher é livre. Eu mesma, graças a Deus, nunca dependi de ninguém. Me criei na roça trabalhando e criei seis filhos, trabalhando na roça, na feira.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Significa que eu gosto muito de trabalhar. De manhã, planta seu feijão, sua batata. Quando quer ir buscar na roça, só é ir buscar e colocar no fogo.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

O importante é saber plantar o milho, feijão, macaxeira, batata, verdura. Esses negócios de fazer chá e cuidar da terra. Afofar com a mão e, assim, é muito bom.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

Não, tem diferença. Porque o grande produtor planta outras coisas e a gente a lavoura que quer: o feijão, a batata... O grande produtor quer plantar cana, quer plantar outras coisas. E a gente planta para comer e ajudar a quem precisa e eles pensam só no dinheiro.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Que os políticos deem mais valor às mulheres. Porque as mulheres são mulheres guerreiras. As mulheres têm que ter mais espaço na política. Porque se a mulher for na política, ela vai fazer mais do que os homens. Porque as mulheres já sabem da luta, da luta da casa, do trabalho e os homens não sabem.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

A minha receita é uma galinha de capoeira, para torrar ela bem torradinha, colocar tempero, cebola, coentro, alho, hortelã, manjericão. Aí fica uma galinha nota dez.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

As tradições são fazer pamonha, canjica, pé de moleque, tapioca. É as tradições de quando é tempo de festa, São João.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

O conhecimento da hortelã da folha miúda, da folha grande e cidreira, colônia, capim santo, manjericão. Tem vários tipos. O mais importante são os chás.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Sou católica.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não. Assim, cada um tem sua religião. Não tem diferença. São tudo mulheres, iguais. A gente tem que respeitar a religião dela e a da gente. Todas as religiões convivem bem dentro do movimento.

Este documento é uma transcrição de uma gravação de áudio feita com a entrevistada.

APÊNDICE K

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

Entrevista com a Entrevistada H

1. Qual a sua idade?

Cinquenta e nove anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

O trabalho da roça.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Não estudei. Estudei só um mês.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Entrei em 2013.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Pra mim, melhorou. Assim, porque nós ficamos mais libertas, ganhamos mais liberdade.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Eu gosto de ser uma mulher camponesa, porque eu me criei na roça e sinto que sou uma mulher guerreira, graças a Deus.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

O mais importante é plantar lavoura: plantar milho, plantar feijão, plantar batata, macaxeira e inhame, verdura. Aí é muito importante.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

É diferente. Que nem o fornecedor de cana. Só quer botar veneno na terra e plantar cana e só se lembra do lucro para ele, para nós não. Aí, nós plantando, nós tem lucro também e ele, o lucro dele só fica para ele mesmo, não vem para nós.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Sim. Um projeto de sociedade em que essa lei Maria da Penha fosse aprovada com palavra, de verdade. Mas ela não é aprovada de verdade.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

A pamonha. Relá o milho e depois bota na palha, amarra a palha, bota na panela a água fervendo. Aí, num instante incha a pamonha e, quando cozinha, ela quentinha é muito bom.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

A mais importante é as do São João.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

Os conhecimentos sobre cidreira, capim santo, hortelã, Alfavaca. Os chás são os mais importantes.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Sou católica.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

São meio diferentes. Porque tem uns que vão para uma missa, outros não vão. Outros já é outra religião. Mas para mim é a mesma coisa. Porque cada qual que dê valor a sua religião. No grupo de mulheres, tem mulheres de religiões diferentes e todas elas são bem-vindas.

Este documento é uma transcrição de uma gravação de áudio feita com a entrevistada.

APÊNDICE L

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

Entrevista com a Entrevistada I

1. Qual a sua idade?

Cinquenta e quatro anos.

2. Qual a sua fonte de renda?

Do que eu planto, do meu trabalho.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Até a terceira série.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Desde 2018.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Um pouco. Que hoje a gente luta por nossos direitos e consegue os exames que de primeiro a gente não tinha: exame da mama, ultrassom, raio x, tudo.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Eu sou muito orgulhosa do que eu faço, da minha luta pela roça. Amo muito trabalhar. Gosto mesmo. De manhã, tomar um cafezinho e ir para a roça... Gosto muito de trabalhar na agricultura. Ser uma mulher camponesa é ser trabalhadora.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

Plantar, limpar a terra, queimar o mato, plantar o feijão, a batata, a macaxeira, feijão-de-corda.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

É diferente, porque eles têm todas as estruturas. Tem a irrigação, tem o trator para arar e tudo. A gente não tem. Só tem as mãos, os braços, para limpar com a enxada.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Um projeto de mais estrutura para a mulher na agricultura. Mais valorizar a agricultura da mulher. Mais uma força e uma ajuda para ela ter mais força e sentir a vontade na agricultura, trabalhar.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

A fava verde com a galinha de capoeira que a gente cria na roça. A gente debulha a fava, bota para cozinhar, esalda ela quando estiver cozinhada, bota para ferver, bota um salzinho e um coentrozinho e já tá pronta. E mata a galinha, bota para torrar com todas as verduras, com o molhinho, já tá pronta para comer.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes

dentro da realidade camponesa? Por quê?

As tradições do São João: Milho, pamonha, pé de moleque, rala macaxeira, faz a tapioca, tudo.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

Hortelã, colônica, alecrim, erva cidreira. A erva cidreira serve para quando a gente tá com a barriga presa, inchada. Para soltar o ar, é muito bom a erva cidreira.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Eu sou católica.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não. A gente tem um Deus só. A religião não faz diferença.

Este documento é uma transcrição de uma gravação de áudio feita com a entrevistada.

APÊNDICE M

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

Entrevista com a Entrevistada J

1. Qual a sua idade?

Cinquenta e oito.

2. Qual a sua fonte de renda?

Sou aposentada.

3. Qual seu nível de escolaridade?

Estudei até a terceira série.

4. Há quanto tempo a senhora faz parte do Movimento de Mulheres Camponesas em União dos Palmares?

Desde 2015.

5. É possível dizer que o pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas modificou a sua visão sobre a política? Em que sentido?

Sim. Eu hoje enxergo a política que o político só enxerga o agricultor quando tem tempo de eleição. Quando passa a eleição, esquece que o agricultor existe. Na minha visão, é essa que eu vejo. Às vezes precisa de uma ajuda e eles não ajudam. A minha visão que eu vejo a política é essa.

6. O que significa ser uma mulher camponesa?

Mulher camponesa quer dizer que são guerreiras, trabalhadoras, gosta de plantar e colher o que planta.

7. Enquanto mulher camponesa, quais saberes sobre o uso da terra a senhora considera essenciais? Por quê?

É saber plantar o milho, o feijão-de-corda, a batata, a verdura, pimenta-de-cheiro.

8. Em sua opinião, o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é compatível com o modo de lidar com a terra dos grandes produtores? Por quê?

Ele é diferente. Porque os grandes produtores têm irrigação e a gente não tem a irrigação, Agua a verdura, uma lavoura com o aguador. Esse tipo de irrigação a gente não tem.

9. Existe um projeto de sociedade pelo qual o movimento de mulheres camponesas luta? Que projeto de sociedade seria esse?

Uma sociedade em que tenha uma segurança para melhorar a vida das mulheres.

10. Quais pratos típicos da vida campesina melhor representam a realidade da mulher camponesa? Como eles são feitos?

O doce de mamão. Corta o mamão e coloca ele no fogo para fazer e quando ele tiver pronto, tira.

11. Quais tradições folclóricas a senhora considera mais importantes dentro da realidade camponesa? Por quê?

As tradições do São João. O São João tem a pamonha, a canjica, as

fogueiras de São João que a gente faz todo ano.

12. Quais conhecimentos sobre plantas medicinais a senhora considera indispensáveis para a realidade campesina? A senhora poderia falar sobre eles?

A cidreira, a folha da graviola, a folha da goiaba que serve para fazer chá. A folha da goiaba é para fazer o chá para acalmar e também dormir.

13. A senhora é religiosa? De qual religião?

Sou católica.

14. Existe alguma relação entre a sua religião e a luta das Mulheres Camponesas? Como se daria essa relação?

Não. Eu respeito a minha e elas respeitando a minha, eu também respeito a delas. Se tiver alguma religião diferente, não vou me opor.

Este documento é uma transcrição de uma gravação de áudio feita com a entrevistada.

ANEXO A

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as Mulheres Camponesas

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI**, dos pesquisadores **Eduardo Lourenço Figueiredo e Prf. Dr. Nelson Vieira da Silva**. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a confeccionar um produto educacional na forma de Cartilha para aprofundar no ambiente do IFAL, Campus Murici, discussões acerca dos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares - AL.

2. A importância deste estudo é a de proporcionar uma ainda maior visibilidade dos saberes e vivências das Mulheres Camponesas de União dos Palmares no contexto da educação formal, no ambiente do IFAL - Campus Murici.

15. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Confeccionar um produto educacional na forma de Cartilha para aprofundar no ambiente do IFAL, Campus Murici, discussões acerca dos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares - AL; valorizar o conhecimento tradicional na formação dos alunos; pesquisar a relação entre saberes e subjetividades; promover a discussão crítica sobre os processos de construção do conhecimento.

4. A coleta de dados começará em Agosto e terminará em Setembro de 2020.

5. O estudo será feito da seguinte maneira: Por meio da ida a campo, no segundo semestre de 2020, após aprovação do CEP/UFAL, serão efetivadas entrevistas com um grupo de mulheres camponesas de União dos Palmares - AL, para a produção de uma Cartilha que apresente suas vivências e saberes. Também participarão da resolução de questionários, por meio dos quais serão conhecidos seus conhecimentos sobre o Movimento de Mulheres Camponesas, o professor de Sociologia de uma turma de Agroecologia do IFAL, Campus Murici, do segundo ano do Ensino Médio e seus respectivos alunos.

7. A sua participação será nas seguintes etapas: Durante as entrevistas, efetivadas em 4 encontros de 2 horas de duração, que visam conhecer suas vivências e saberes para a produção de uma Cartilha apresentando os mesmos.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: Os riscos à

saúde física e/ou mental dos participantes (constrangimento ou inibição) podem dar-se em relação às respostas aos questionários propostos. Tais riscos, não visando evidenciar os sujeitos em suas identidades, são considerados mínimos. Contudo, caso ocorra constrangimento ou inibição por parte do participante, o mesmo poderá ser desligado do estudo, sendo o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: contribuir para proporcionar uma maior visibilidade para os saberes e vivências da Mulheres Camponesas de União dos Palmares no contexto da educação formal; contribuir para a discussão de questões camponesas e de gênero nesse mesmo contexto; contribuir para as discussões efetivadas em sala de aula sobre o processo de construção do conhecimento.

9. Você poderá contar com a assistência dos pesquisadores e de toda equipe multidisciplinar do Instituto Federal de Alagoas - Campus Murici caso haja necessidade de atendimento físico e psíquico-emocional.

10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

1. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

2. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante da pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

13. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

14. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

15. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua

participação na pesquisa (nexo causal).

16. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu,
tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Endereço: Avenida Benedito Bentes S/N,

Complemento: Conjunto Benedito Bentes II

Cidade/CEP: Maceió - AL, 57061-110

Telefone: (82) 2126-6230

Ponto de referência: Próximo à empresa Alma Viva

Contato de urgência: Sr(a). (Orientador) Nelson Vieira da Silva

Endereço: Av. José Airton Gondin Lamenha, 810

Complemento: São Jorge, bloco 1, apt 308

Cidade/CEP: Maceió - AL/57044-098

Telefone: (82)99860-9971

Ponto de referência: Próximo à Ladeira da Jacarecica

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, 29 de Setembro de 2020.

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador responsável pelo estudo (Rubricar as demais páginas)
---	--

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais dos alunos

Você, _____ pai/responsável _____ pelo _____ menor _____, está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI**, dos pesquisadores **Eduardo Lourenço Figueiredo e Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva**. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a confeccionar um produto educacional na forma de Ebook para aprofundar no ambiente do IFAL, Campus Murici, discussões acerca dos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares - AL.

2. A importância deste estudo é a de proporcionar uma ainda maior visibilidade dos saberes e vivências das Mulheres Camponesas de União dos Palmares no contexto da educação formal, no ambiente do IFAL - Campus Murici.

16. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Confeccionar um produto educacional na forma de Ebook para aprofundar no ambiente do IFAL, Campus Murici, discussões acerca dos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares - AL; valorizar o conhecimento tradicional na formação dos alunos; pesquisar a relação entre saberes e subjetividades; promover a discussão crítica sobre os processos de construção do conhecimento.

4. A coleta de dados começará em Setembro de 2020 e terminará em Fevereiro de 2021.

5. O estudo será feito da seguinte maneira: Por meio da ida a campo, no segundo semestre de 2020, após aprovação do CEP/UFAL, serão efetivadas entrevistas com um grupo de mulheres camponesas de União dos Palmares - AL, para a produção de um Ebook que apresente suas vivências e saberes. Participarão da resolução de questionários, por meio dos quais será avaliado o Ebook produzido, alunos do quarto ano do curso de Agroecologia do IFAL – Campus Murici.

6. A sua participação será na seguinte etapa: autorizando a participação do menor

sob sua responsabilidade na pesquisa.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: Os riscos à saúde física e/ou mental dos participantes (constrangimento ou inibição) podem dar-se em relação às respostas aos questionários propostos. Tais riscos, não visando evidenciar os sujeitos em suas identidades, são considerados mínimos. Contudo, caso ocorra constrangimento ou inibição por parte do participante, o mesmo poderá ser desligado do estudo, sendo o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: contribuir para proporcionar uma maior visibilidade para os saberes e vivências da Mulheres Camponesas de União dos Palmares no contexto da educação formal; contribuir para a discussão de questões camponesas e de gênero nesse mesmo contexto; contribuir para as discussões efetivadas em sala de aula sobre o processo de construção do conhecimento.

9. Você poderá contar com a assistência dos pesquisadores e de toda equipe multidisciplinar do Instituto Federal de Alagoas - Campus Murici caso haja necessidade de atendimento físico e psíquico-emocional.

10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

8. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante da pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

13. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e a divulgação das

mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

14. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

15. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

16. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu,
tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em autorizar a participação do menor sob minha responsabilidade e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Endereço: Avenida Benedito Bentes S/N,

Complemento: Conjunto Benedito Bentes II

Cidade/CEP: Maceió - AL, 57061-110

Telefone: (82) 2126-6230

Ponto de referência: Próximo à empresa Alma Viva

Contato de urgência: Sr(a). (Orientador) Nelson Vieira da Silva

Endereço: Av. José Airton Gondin Lamenha, 810

Complemento: São Jorge, bloco 1, apt 308

Cidade/CEP: Maceió - AL/57044-098

Telefone: (82)99860-9971

Ponto de referência: Próximo à Ladeira da Jacarecica

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo , Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, 20 de Abril de 2020.

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador responsável pelo estudo (Rubricar as demais páginas)
---	--

ANEXO C

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os alunos-colaboradores

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI**, dos pesquisadores **Eduardo Lourenço Figueiredo e Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva**. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a confeccionar um produto educacional na forma de Ebook para aprofundar no ambiente do IFAL, Campus Murici, discussões acerca dos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares - AL.
2. A importância deste estudo é a de proporcionar uma ainda maior visibilidade dos saberes e vivências das Mulheres Camponesas de União dos Palmares no contexto da educação formal, no ambiente do IFAL - Campus Murici.
17. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Confeccionar um produto educacional na forma de Ebook para aprofundar no ambiente do IFAL, Campus Murici, discussões acerca dos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares - AL; valorizar o conhecimento tradicional na formação dos alunos; pesquisar a relação entre saberes e subjetividades; promover a discussão crítica sobre os processos de construção do conhecimento.
4. A coleta de dados começará em setembro de 2020 e terminará em fevereiro de 2021.
5. O estudo será feito da seguinte maneira: Por meio da ida a campo, no segundo semestre de 2020, após aprovação do CEP/UFAL, serão efetivadas entrevistas com um grupo de mulheres camponesas de União dos Palmares - AL, para a produção de um Ebook que apresente suas vivências e saberes. Participarão da resolução de questionários, por meio dos quais será avaliado o Ebook produzido, alunos do quarto ano do curso de Agroecologia do IFAL – Campus Murici.
6. A sua participação será na seguinte etapa: avaliação das contribuições trazidas

pelo Ebook produzido para a sua formação enquanto aluno do curso de Agroecologia do IFAL – Campus Murici e para um maior conhecimento sobre o Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: Os riscos à saúde física e/ou mental dos participantes (constrangimento ou inibição) podem dar-se em relação às respostas aos questionários propostos. Tais riscos, não visando evidenciar os sujeitos em suas identidades, são considerados mínimos. Contudo, caso ocorra constrangimento ou inibição por parte do participante, o mesmo poderá ser desligado do estudo, sendo o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: contribuir para proporcionar uma maior visibilidade para os saberes e vivências da Mulheres Camponesas de União dos Palmares no contexto da educação formal; contribuir para a discussão de questões camponesas e de gênero nesse mesmo contexto; contribuir para as discussões efetivadas em sala de aula sobre o processo de construção do conhecimento.

9. Você poderá contar com a assistência dos pesquisadores e de toda equipe multidisciplinar do Instituto Federal de Alagoas - Campus Murici caso haja necessidade de atendimento físico e psíquico-emocional.

10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante da pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

13. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

14. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

15. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

16. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu,
tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em autorizar a participação do menor sob minha responsabilidade e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Endereço: Avenida Benedito Bentes S/N,

Complemento: Conjunto Benedito Bentes II

Cidade/CEP: Maceió - AL, 57061-110

Telefone: (82) 2126-6230

Ponto de referência: Próximo à empresa Alma Viva

Contato de urgência: Sr(a). (Orientador) Nelson Vieira da Silva

Endereço: Av. José Airton Gondin Lamenha, 810

Complemento: São Jorge, bloco 1, apt 308

Cidade/CEP: Maceió - AL/57044-098

Telefone: (82)99860-9971

Ponto de referência: Próximo à Ladeira da Jacarecica

ATENÇÃO: *O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, 20 de Abril de 2020.

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador responsável pelo estudo (Rubricar as demais páginas)
---	--

ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS PALMARES NO ENSINO DE AGROECOLOGIA DO IFAL - CAMPUS MURICI

Pesquisador: EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 31621920.0.0000.5013

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.113.424

Apresentação do Projeto:

Segundo os autores da pesquisa, as instituições formais de ensino devem ser compreendidas como lugares de efetivação e reconhecimento das lutas coletivas de caráter emancipatório, bem como de construção de uma formação que, sendo omnilateral, permita ao sujeito o desenvolvimento de sua criticidade e, para além de uma postura tecnicista diante dos conhecimentos que possui, lhe possibilite pensar criticamente questões de relevância social. Nesse sentido, entendemos que o diálogo da escola com Movimentos Sociais pode ser de grande utilidade na constituição desse tipo de formação. Levando essas informações em consideração, a presente pesquisa se propõe a contribuir para a promoção de uma formação omnilateral para os estudantes do segundo ano do ensino médio integrado ao técnico do curso de agroecologia do IFAL – Campus Murici através da inserção de saberes e vivências de mulheres camponesas nas aulas de Sociologia. Para tanto, pretende dar visibilidade aos conhecimentos e narrativas de um grupo de mulheres do campo, de União dos Palmares – AL, com o intuito de, aprofundando as discussões que se fazem a partir dos saberes e lutas dessas mulheres, contribuir para o desenvolvimento da criticidade dos sujeitos. O estudo será qualitativo, do tipo pesquisa-ação e a intervenção a ser efetivada se dará a partir da produção e entrega de uma Cartilha com os saberes e vivências das Mulheres Camponesas de União dos Palmares – AL que sirva como recurso didático para as aulas de Sociologia do IFAL, Campus Murici.

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.113.424

Objetivo da Pesquisa:

É apresentado como objetivo geral a confecção de um Produto Educacional na forma de Cartilha para aprofundar no ambiente do IFAL, Campus Murici, discussões acerca dos saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares – AL. O qual se desmembra nos seguintes objetivos secundários: Valorizar o conhecimento tradicional na formação dos alunos; Pesquisar a relação entre saberes e subjetividades; Promover a discussão crítica sobre os processos de construção do conhecimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador faz a seguinte avaliação sobre os riscos e benefícios da pesquisa:

Os riscos à saúde física e/ou mental dos participantes (constrangimento ou inibição) podem dar-se em relação às respostas aos questionários propostos. Tais riscos, não visando evidenciar os sujeitos em suas identidades, são considerados mínimos conforme os indicativos dispostos na Res.CNS n. 510/2016. Mesmo assim, caso ocorra constrangimento ou inibição por parte do participante, o mesmo poderá ser desligado do estudo, sendo o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa para que a necessidade de adequação seja avaliada. Apresentamos aqui o que diz a resolução, no Art. 19, §1º, sobre as providências a serem tomadas nos casos em danos ao participante venham de fato a ocorrer: “Quando o pesquisador perceber qualquer possibilidade de dano ao participante, decorrente da participação na pesquisa, deverá discutir com os participantes as providências cabíveis, que podem incluir o encerramento da pesquisa e informar o sistema CEP/CONEP.” Reconhecendo também os direitos dos participantes, citamos o §2º da mesma resolução: “O participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização.”

De forma direta, a pesquisa contribuirá para proporcionar maior visibilidade à trajetória, vivências e saberes das mulheres camponesas de União dos Palmares – AL no contexto da educação formal. Ainda de forma direta, contribuirá também para as discussões sobre questões camponesas e de gênero nesse mesmo contexto. Contribuirá, ainda diretamente, para a promoção do desenvolvimento da criticidade dos alunos enquanto aspecto de uma formação omnilateral que não pode ser descartada. Indiretamente, contribuirá ainda para as discussões a serem efetivadas, em sala de aula, sobre o conhecimento e a construção dos saberes das mulheres camponesas de União dos Palmares - AL.

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.113.424

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa propõe a geração de conhecimento sobre o trabalho da mulher camponesa para alunos do curso de Agroecologia do IFAL. A pesquisa deverá ser desenvolvida sob uma metodologia de pesquisa-ação, incluindo e a criação de um produto para auxiliar nos estudos de sociologia na forma de cartilha. Serão três grupos de indivíduos, sendo os alunos do curso, o professor da disciplina e as mulheres do campo, com cada um sendo trabalhados instrumentos de pesquisa adequados. Os alunos do curso participarão da pesquisa em dois momentos, antes e após o uso da cartilha elaborada pelos pesquisadores.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos anexados ao protocolo de pesquisa se adequam às Resoluções CNS 466/12 e 510/16.

Recomendações:

1) Recomenda-se que o TALE seja posto em formatação similar ao TCLE, com apresentação em forma de tópicos, para facilitar a leitura e compreensão pelos participantes da pesquisa.

2) Vide seções de recomendações e conclusões ou pendências e lista de inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Senhores pesquisadores,

O protocolo de pesquisa não apresenta óbices éticos.

A seguir, são apresentadas as pendências do último parecer consubstanciado que foram resolvidas nesta versão.

1) Folha de rosto foi assinada porém falta o carimbo do responsável pela instituição. Corrigir documento e anexá-lo na Plataforma Brasil.

- Pesquisadores anexaram e-mail do Diretor da unidade acadêmica autorizando realização da pesquisa. Informamos que a folha de rosto assinada e carimbada deve ser anexada via notificação após o período de pandemia da COVID-19 estabelecido pela legislação vigente.

2) Em virtude do atual cenário devido à pandemia da COVID-19, o pesquisador deve se

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.113.424

comprometer a modificar seu cronograma para realizar a pesquisa em campo apenas quando possível, respeitando os decretos estaduais e municipais em vigor sobre a pandemia. Adicionar informação no cronograma da pesquisa. A coleta dos dados somente poderá ser realizada pelo pesquisador, após o envio das autorizações das Instituições responsáveis, via Notificação.

- Informação incluída no cronograma da pesquisa.

3) Caso a pesquisa seja realizada com menores de 18 anos, deve-se incluir TALE e TCLE para os responsáveis destes menores. Caso os alunos sejam maiores de 18 anos, esclarecer por meio de carta resposta ou descrever no protocolo de pesquisa.

- Pesquisadores anexaram TALE para os participantes e TCLE para os responsáveis adaptados e em linguagem adequada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo Aprovado

Prezado (a) Pesquisador (a), lembre-se que, segundo a Res. CNS 466/12 e sua complementar 510/2016:

O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber cópia do TCLE, na íntegra, assinado e rubricado pelo (a) pesquisador (a) e pelo (a) participante, a não ser em estudo com autorização de declínio;

V.S^a. deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade por este CEP, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata;

O CEP deve ser imediatamente informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É responsabilidade do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas a evento adverso ocorrido e enviar notificação a este CEP e, em casos pertinentes, à ANVISA;

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.113.424

deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial;

Seus relatórios parciais e final devem ser apresentados a este CEP, inicialmente após o prazo determinado no seu cronograma e ao término do estudo. A falta de envio de, pelo menos, o relatório final da pesquisa implicará em não recebimento de um próximo protocolo de pesquisa de vossa autoria.

O cronograma previsto para a pesquisa será executado caso o projeto seja APROVADO pelo Sistema CEP/CONEP, conforme Carta Circular nº. 061/2012/CONEP/CNS/GB/MS (Brasília-DF, 04 de maio de 2012).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1529983.pdf	06/06/2020 15:40:50		Aceito
Outros	cartarespostanova.docx	06/06/2020 15:34:52	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoeduardolourenco.doc	06/06/2020 15:33:23	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
Outros	print1autor.png	06/06/2020 14:36:38	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
Outros	taleoriginal.docx	06/06/2020 10:48:44	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEparaospaisdosalunos.doc	06/06/2020 10:47:48	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
Outros	cartarespostadeedulourenco.docx	02/06/2020 15:03:08	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
Outros	termodenormatizacao.pdf	28/05/2020 19:04:30	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostos.pdf	28/05/2020 19:02:04	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.113.424

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEparaprofessores.doc	28/05/2020 18:58:30	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEparaasmulheres.doc	28/05/2020 18:57:54	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termoanuancia.pdf	09/04/2020 20:04:52	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito
Outros	declaracaoonflitodeinteressesatual.pdf	09/04/2020 19:35:10	EDUARDO LOURENCO FIGUEIREDO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 26 de Junho de 2020

Assinado por:
CAMILA MARIA BEDER RIBEIRO GIRISH PANJWANI
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com